



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO
GROSSO DO SUL**



**CAMPUS DO PANTANAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO**

HESLEY SANT'ANA SALUSTIANO

**EDUCAÇÃO SOCIAL E TRAJETÓRIAS DE VIDA:
OS SIGNIFICADOS DO PROJETO CRIANÇAS E ADOLESCENTES FELIZES
(PCAF) PARA UM GRUPO DE JOVENS DE CORUMBÁ (MS)**

Corumbá-MS

2024

HESLEY SANT'ANA SALUSTIANO

**EDUCAÇÃO SOCIAL E TRAJETÓRIAS DE VIDA:
OS SIGNIFICADOS DO PROJETO CRIANÇAS E ADOLESCENTES FELIZES
(PCAF) PARA UM GRUPO DE JOVENS DE CORUMBÁ (MS)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do *Campus* do Pantanal (PPGE/CPAN), Área de Concentração em Educação Social, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), na linha de pesquisa "Gênero e Sexualidades, Cultura, Educação e Saúde", como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação.

Orientação: Prof. Dr. Fabiano Quadros Rückert

Corumbá-MS

2024

HESLEY SANT'ANA SALUSTIANO

Dissertação intitulada “Educação Social e Trajetórias de Vida: os significados do Projeto Crianças e Adolescentes Felizes (PCAF) para um grupo de jovens de Corumbá (MS)”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração em Educação Social, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal, como requisito para obtenção do Título de Mestre em Educação.

Aprovada em: __/__/__

BANCA EXAMINADORA

Doutor Nivaldo Alexandre de Freitas
Universidade Federal de Rondonópolis

Doutora Marcia Regina do Nascimento Sambugari
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Doutor Tiago da Silva Cesar
Universidade Federal de Pernambuco

Orientador Dr. Fabiano Quadros Rückert
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Dedico este estudo ao saudoso Pe. Ernesto Saksida,
por todo exemplo de força, dedicação e sabedoria.
Gratidão e amor por toda vida!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente direciono minha gratidão à Deus, por ter me concedido força e sabedoria e por ter me amparado em todos os desafios até aqui.

Agradeço à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul- UFMS especificamente Campus Pantanal, por ter me proporcionado tanto conhecimento na pós-graduação, pelos colegas que fiz nessa trajetória e ao corpo docente e servidores em geral da instituição.

À minha família, por tanta dedicação e apoio e ao meu companheiro, por sempre me apoiar e me encorajar.

Ao meu Orientador Fabiano, pela paciência, dedicação e compreensão para contribuir com meu crescimento acadêmico, oportunizando momentos de reflexão e descobertas. O senhor foi essencial nessa trajetória, deixo aqui a minha gratidão!

Por fim, a todos que acreditaram, me incentivaram, com palavras de apoio e amor, quando os dias estavam cinzentos e a desanimação era o que tomava conta, gestos que fizeram a diferença para eu continuar, mesmo em meio a todas as dificuldades, minha eterna gratidão!

RESUMO

A presente pesquisa foi possível por intermédio do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus Pantanal. A dissertação aborda e analisa as percepções de um grupo de jovens estudantes, egressos do Programa Crianças e Adolescentes Felizes (PCAF), um dos projetos desenvolvidos pela Missão Salesiana na instituição denominada Cidade Dom Bosco, localizada no município de Corumbá (MS). A Cidade Dom Bosco foi fundada em abril de 1961 pelo Padre Ernesto Saksida, e através de diversos projetos sociais, atua há mais de 60 anos atendendo crianças, adolescentes e jovens em vulnerabilidade social. Cientes da importância do trabalho desenvolvido pela Missão Salesiana na Cidade Dom Bosco, definimos, como eixos centrais da pesquisa, as seguintes questões: Quais os significados dos projetos sociais e educacionais para jovens em situação de vulnerabilidade? E o qual o impacto que o Programa Crianças e Adolescentes Felizes (PCAF) provocou na subjetividade de jovens corumbaenses que frequentaram a cidade Dom Bosco? Em linhas gerais, a finalidade da pesquisa foi compreender o que o PCAF significou na trajetória de vida de jovens corumbaense que em algum momento da sua vida estavam em vulnerabilidade social. Para atingir este objetivo, estabelecemos diálogo com um grupo de egressos do PCAF. Estes egressos aceitaram o convite para narrar memórias sobre experiências vivenciadas no PCAF e relataram suas percepções sobre o trabalho educacional dos salesianos, na Cidade Dom Bosco. O conjunto de narrativas foi gravado em áudio, e posteriormente, foi transcrito e interpretado. Na interpretação, adotamos a concepção de educação presente na obra de Paulo Freire e usamos referenciais teóricos da Sociologia de Pierre Bourdieu. No primeiro capítulo da Dissertação abordamos as concepções que a sociedade produz sobre os jovens. No segundo capítulo delimito as especialidades da pesquisa, apresentando aspectos gerais da cidade de Corumbá e estabelecendo relações entre a cidade e a Missão Salesiana. No terceiro capítulo interpretamos fragmentos dos relatos coletados com os jovens participantes da pesquisa. Nas considerações finais destacamos aspectos relevantes da pesquisa. Dentro deste escopo, a Dissertação concede especial atenção para o PCAF e para as práticas educacionais salesianas implantadas na Cidade Dom Bosco, no município de Corumbá. A partir de uma experiência de Educação Social conduzida pelos salesianos e voltada para jovens em situação de vulnerabilidade, a pesquisa demonstra que os projetos sociais educacionais desempenham um papel crucial na inclusão social e na redução das desigualdades, e, ao mesmo tempo, influenciam na construção de subjetividades juvenis.

Palavras-Chave: Educação Social; Projetos Sociais; Salesianos; Juventude.

ABSTRACT

This research was made possible through the Postgraduate Program in Education at the Federal University of Mato Grosso do Sul – Campus Pantanal. The dissertation addresses and analyzes the perceptions of a group of young students, graduates of the Happy Children and Adolescents Program (PCAF), one of the projects developed by the Salesian Mission in the institution called Cidade Dom Bosco, located in the municipality of Corumbá (MS). Cidade Dom Bosco was founded in April 1961 by Father Ernesto Saksida, and through various social projects, it has been operating for more than 60 years serving children, adolescents and young people in social vulnerability. Aware of the importance of the work carried out by the Salesian Mission in Dom Bosco City, we defined the following questions as the central axes of the research: What are the meanings of social and educational projects for young people in vulnerable situations? And what impact did the Happy Children and Adolescents Program (PCAF) have on the subjectivity of young people from Corumbá who attended the city of Dom Bosco? In general terms, the purpose of the research was to understand what the PCAF meant in the life trajectories of young people from Corumbá who at some point in their lives were socially vulnerable. To achieve this objective, we established a dialogue with a group of PCAF graduates. These graduates accepted the invitation to narrate memories about experiences lived at PCAF and reported their perceptions about the educational work of the Salesians in Cidade Dom Bosco. The set of narratives was recorded in audio, and was later transcribed and interpreted. In the interpretation, we adopted the conception of education present in the work of Paulo Freire and used theoretical references from Pierre Bourdieu Sociology. In the first chapter of the Dissertation we address the conceptions that society produces about young people. In the second chapter I define the research specialties, presenting general aspects of the city of Corumbá and establishing relationships between the city and the Salesian Mission. In the third chapter we interpret fragments of the reports collected from the young research participants. In the final considerations we highlight relevant aspects of the research. Within this scope, the Dissertation pays special attention to the PCAF and the Salesian educational practices implemented in Cidade Dom Bosco, in the municipality of Corumbá. Based on a Social Education experience led by Salesians and aimed at young people in vulnerable situations, the research demonstrates that social educational projects play a crucial role in social inclusion and reducing inequalities, and, at the same time, influence the construction of youthful subjectivities.

Keywords: Social Education; Social Projects; Salesians; Youth.

LISTA DE SIGLAS

ABES: Associação Brasileira dos Educadores Sociais

AIEJI: Associação Internacional de Educadores Sociais

BPC: Benefício de Prestação Continuada

CMDCA: Conselho Municipal dos Direitos da Criança e Adolescente

CPAN: Campus do Pantanal

CRAS: Centros de Referência e Assistência Social

ECA: Estatuto da Criança e do Adolescente

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

OMS: Organização Mundial da Saúde

ONG's: Organizações Não Governamentais

PCF: Programa Criança Feliz

PCAF: Programa Criança e Adolescente Feliz

REDSAL: Rede de Educadores Sociais para a América Latina

SDB: Salesianos Dom Bosco

SCFV: Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos

TRS: Teoria da Representação Social

UFMS: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

LISTA DE TABELA

Tabela 1	Taxa de informalidade dos jovens por escolaridade.....	30
Tabela 2	Dados socioeconômicos de Corumbá e do estado de Mato Grosso do Sul.....	37

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	11
1.	REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA JUVENTUDE: “MORATÓRIA SOCIAL” E “CULTURA JUVENIL”	17
1.1	A representação social da juventude: uma abordagem introdutória.....	22
1.2	Do que falamos quando falamos em “moratória social” da juventude?.....	23
1.3	Do que falamos quando falamos em “cultura juvenil”?.....	25
1.4	Um breve panorama da juventude brasileira a partir das variáveis “escolarização” e “emprego”	29
2.	A CIDADE DE CORUMBÁ E A INSTITUIÇÃO CIDADE DOM BOSCO: DEMARCANDO AS ESPACIALIDADES DA PESQUISA.....	33
2.1	Corumbá: uma cidade fronteiriça nas margens do Rio Paraguai.....	34
2.2	A Missão Salesiana e a Instituição Cidade Dom Bosco.....	39
2.3	O Programa Criança e Adolescente Feliz (PCAF) e o Programa Criança Feliz (PCF).....	45
3.	OS EGRESSOS DO PCAF DA CIDADE DOM BOSCO E AS SUAS PERCEPÇÕES SOBRE OS SIGNIFICADOS DO PROJETO.....	49
3.1	Categoria 1: O PCAF no contexto da educação salesiana.....	55
3.2	Categoria 2: A preocupação dos salesianos com os mais vulneráveis	60
3.3	Categoria 3: O PCAF como experiência de reforço escolar e a descoberta de sensibilidades	62
3.4	Categoria 4: A juventude sendo inserida no mercado de trabalho	65
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
	REFERÊNCIAS.....	78
	APÊNDICES.....	88

INTRODUÇÃO

Quando iniciei a pesquisa que resultou na presente Dissertação, acreditava que a inserção de crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade¹ em projetos sociais educacionais era determinante para a mudança na trajetória de vida destes sujeitos. Hoje, ainda acredito no potencial transformador destes projetos sociais, mas estou ciente de que os sujeitos atendidos vivenciam a experiência de frequentar um determinado projeto de múltiplas formas, e, conseqüentemente, produzem interpretações distintas a respeito das intencionalidades e dos resultados das práticas educacionais vivenciadas.

As trajetórias de vida dos indivíduos são moldadas por suas interações com as estruturas sociais em que estão inseridos, refletindo, tanto a continuidade dessas estruturas, quanto a capacidade dos indivíduos de transformá-las. Esta dualidade é essencial para compreensão das interações entre trajetórias de vida, famílias, contextos socioculturais e instituições educacionais. A priori, de forma direta ou indireta, todos os sujeitos são influenciados pelo ambiente social que frequentam e pelas condições materiais e simbólicas de sua existência (Vigotski, 1998). Neste sentido, a importância de um projeto social educacional na vida de crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade, não pode ser dissociada do contexto no qual estes sujeitos se encontram inseridos. Ou dito de outra forma: não se pode pensar o significado de um projeto social educacional sem considerar as condições de vida dos sujeitos participantes.

Refletindo sobre os significados, repercussões e desdobramentos a proposta de projeto foi elaborada e apresentada no processo seletivo do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-Campus Pantanal (PPGE-CPAN). Depois de iniciar o Curso de Mestrado e de ampliar o meu entendimento sobre a Educação Social, recebi contribuições do orientador e de outros docentes do Programa, incorporei sugestões dos membros da Banca de Qualificação e realizei diversos ajustes na proposta inicial. O resultado deste processo de reconstrução da pesquisa é a Dissertação que apresento como requisito para a conclusão do Mestrado.

Entre o ponto de partida da pesquisa e o momento de finalização da Dissertação, foi possível repensar o objeto da investigação, e, ao mesmo tempo, foi possível reavaliar a minha

¹ Segundo o Atlas da vulnerabilidade social nos municípios brasileiros (IPEA, 2015) a vulnerabilidade é concebida nesta pesquisa a partir da definição do Índice de Vulnerabilidade Social (IVS) que traz dezesseis indicadores estruturados em três dimensões, a saber, infraestrutura urbana, capital humano e renda e trabalho, sinalizando o acesso, a ausência ou a insuficiência de tais ativos, constituindo-se, assim, num instrumento de identificação das falhas de oferta de bens e serviços públicos no território nacional. Disponível em < file:///C:/Users/DESKTOP/Downloads/Atlas_da_vulnerabilidade_social_nos_municípios_brasileiros%20(2).pdf > Acesso em 05 de abril de 2024.

própria trajetória enquanto egresso do Projeto Criança e Adolescente Feliz (PCAF), oferecido pela Instituição Salesiana Cidade Dom Bosco na cidade sul mato-grossense de Corumbá.

O envolvimento com os projetos sociais educacionais da Cidade Dom Bosco, primeiro como aluno, depois como docente; e a atuação como líder comunitário num bairro com ampla maioria de moradores em situação de vulnerabilidade social, provocaram um questionamento sobre quais os significados dos projetos sociais na trajetória de vida da juventude.

A partir deste questionamento, desenvolvi uma pesquisa cujo objetivo principal foi conhecer qual a repercussão da Educação Social na trajetória de vida de jovens egressos do PCAF, atendidos na Cidade Dom Bosco. A escolha pela Cidade Dom Bosco foi motivada, em parte, pela influência da educação salesiana na minha formação profissional e humana, e, em parte, pela importância desta instituição para a Educação Social em Corumbá. Como objetivos específicos fixamos: (1) conhecer suas percepções a respeito das atividades promovidas pelo PCAF, no período em que foram atendidos pelo programa; e (2) refletir sobre o papel dos projetos sociais educacionais nas suas trajetórias de vida.

Nos seus aspectos epistemológicos, a pesquisa desenvolvida se caracteriza como um estudo de natureza qualitativa (Schwandt, 2000). Vianna (2003), afirma que o estudo qualitativo analisa cada situação com base em dados descritivos, buscando identificar relações, causas, efeitos, consequências e outros aspectos necessários à compreensão da realidade estudada, o que muitas vezes envolve múltiplas dimensões. O estudo também contou com o apoio de documentos para fundamentar sua análise. Foram acessados documentos importantes das organizações envolvidas no campo de pesquisa, como manuais e regulamentos. A pesquisa documental foi realizada com o intuito de fornecer dados que auxiliassem na análise do estudo.

No que diz respeito à orientação teórica, a pesquisa adota a perspectiva estruturalista-construtivista presente na obra de Bourdieu (1990), na medida em que reconhece a existência de uma relação dialética entre disposições estruturadas – manifestadas e reproduzidas no *habitus* – e a dinâmica do comportamento social (Rosa, 2017). As considerações de Freire (1978; 2008) sobre o papel da educação na transformação da sociedade também são parte da orientação teórica que adotamos.

Metodologicamente, a pesquisa foi realizada a partir de entrevistas semiestruturadas concedidas por jovens egressos do PCAF atendidos pela Cidade Dom Bosco. Duarte (2002) assegura que para definir e delimitar o universo de sujeitos que irão compor a pesquisa, é necessário estabelecer critérios coerentes com o objetivo da investigação. O cuidado ao definir esses critérios é essencial, pois eles impactam diretamente a qualidade da coleta de dados,

que, por sua vez, se torna o alicerce da análise, foco principal de toda pesquisa. Contudo, Duarte (2002, p. 143) também afirma que “numa metodologia de base qualitativa o número de sujeitos que virão a compor o quadro das entrevistas dificilmente pode ser determinado a priori”. No caso da nossa pesquisa, iniciamos cientes de que seria necessário entrevistar egressos do PCAF atendidos pela Cidade Dom Bosco, mas o número de participantes não estava previamente definido.

No intuito de estabelecer contato com os egressos do PCAF, apresentamos a proposta da pesquisa para a Direção da Cidade Dom Bosco e solicitamos acesso à documentos administrativos necessários para a abordagem prevista.² Felizmente, a proposta foi bem recebida e a instituição concordou em fornecer uma lista de contatos de egressos do PCAF.

A partir da lista recebida, iniciei contatos por telefone com egressos do PCAF propondo uma reunião para explicar os objetivos da pesquisa. Nem todos os nomes da lista possuíam um número de telefone registrado e nem todos os números resultaram em contatos com os egressos. Alguns dos egressos informaram que atualmente não residem em Corumbá; outros, por compromissos profissionais e familiares, não estavam com tempo disponível para participar da pesquisa. Apesar destas adversidades, foi possível agendar duas reuniões para apresentar os objetivos da pesquisa e formalizar a colaboração dos participantes, via assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE).³ Oito egressos do PCAF aceitaram participar da pesquisa e concordaram em conceder entrevistas individuais, em datas combinadas a partir das suas disponibilidades de agenda.

Nas reuniões de apresentação da proposta que foram realizadas, informei os egressos do PCAF sobre os objetivos da pesquisa. Para atingir os objetivos mencionados anteriormente, elaborei um roteiro de entrevista semiestruturada, contemplando aspectos do contexto social e familiar dos egressos do PCAF, e aspectos sobre as atividades promovidas pelo Projeto. O roteiro das entrevistas foi composto por perguntas abertas, o que permite capturar a riqueza das trajetórias individuais, respeitando a complexidade das relações pessoais e sociais. Essa abordagem equilibra a necessidade de estrutura com a abertura para a subjetividade, resultando em uma compreensão aprofundada (Lüdke; André, 2004).

Antes da realização das entrevistas, o roteiro das perguntas foi submetido à apreciação do Diretor da Dissertação com o intuito de garantir que os questionamentos não provocassem constrangimentos aos participantes. Atendendo ao pedido da Direção da Cidade Dom Bosco, as entrevistas foram realizadas presencialmente no espaço físico da instituição. As entrevistas

² O documento formalizando o contato inicial consta no Apêndice 1 da Dissertação.

³ O Termo corresponde ao Apêndice 2 da Dissertação.

foram gravadas em áudio, e, posteriormente, foram transcritas. Cada entrevista, durou aproximadamente 30 minutos.

O grupo de egressos do PCAF que aceitou participar da pesquisa se configura, pela sua faixa etária, como um grupo de jovens. De acordo com Estatuto da Juventude, promulgado pela Lei nº12.852 (Brasil, 2013), jovens são os sujeitos com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove). Definidos pela sua faixa etária, os jovens são interpretados pela sociedade adulta a partir de múltiplas perspectivas. E estas múltiplas interpretações são relevantes para a pesquisa, na medida em que os projetos sociais educacionais buscam construir um determinado “modelo” de juventude. Neste sentido, a reflexão sobre quem são os jovens e como são interpretados pelo saber acadêmico será desenvolvida na Dissertação a partir da consulta na bibliografia especializada.

Os dados levantados nas entrevistas foram analisados a partir das perspectivas de Paulo Freire, educador brasileiro e filósofo da educação que desempenhou um papel significativo no desenvolvimento da chamada "educação popular". A abordagem de Freire (2008) destaca a importância da participação ativa dos estudantes no processo educativo e defende que a finalidade deste processo é a transformação dos sujeitos envolvidos. Freire enfatizava a importância do diálogo entre educadores e estudantes acreditava que a educação deveria ser um processo de troca de conhecimento, no qual os educadores e os educandos (termo que ele usava para se referir aos estudantes) aprendem uns com os outros.

Paulo Freire (1978) incorporou na sua pedagogia o conceito de "conscientização". Atingir a “conscientização”, por meio da educação dialógica, seria, na concepção freiriana, o caminho para a transformação dos sujeitos e da sociedade. Freire argumentava que os envolvidos deveriam desenvolver uma compreensão mais profunda de seu contexto social, político e econômico para poderem agir de maneira mais informada. A pedagogia freiriana destaca a importância da reflexão sobre a prática. Os estudantes são incentivados a analisar criticamente sua própria experiência e a conectar o conteúdo acadêmico com a vida cotidiana.

O objetivo final da educação, segundo Freire (1978), é a libertação acreditando que a educação deveria capacitar os alunos a superar as estruturas opressivas e a se tornarem agentes de mudança em suas comunidades. Freire defendia um currículo que fosse relevante para a vida dos estudantes, conectando os conceitos acadêmicos às experiências concretas. Ele criticava um modelo de educação bancária, no qual o conhecimento é depositado nos alunos sem levar em conta suas experiências e perspectivas.

O termo "social na educação" refere-se à integração de aspectos sociais no processo

educacional o que envolve reconhecer a importância das interações sociais, das relações interpessoais e do ambiente social no qual a aprendizagem ocorre. A educação não se trata apenas de adquirir conhecimentos acadêmicos, ela implica em desenvolver habilidades sociais por intermédio do diálogo e da troca de ideias e experiências.

Envolver a comunidade no processo educacional, reconhecendo que a educação não ocorre apenas dentro das paredes da escola. É esta premissa que a educação social de Paulo Freire influenciou muitos educadores ao redor do mundo e continua a ser estudada e aplicada em diferentes contextos educacionais. Sua abordagem centrada na libertação, na participação e na conscientização busca capacitar os indivíduos para que se tornem agentes ativos na transformação de suas realidades.

Buscando interpretar as experiências vivenciadas pelos egressos do PCAF da Cidade Dom Bosco na perspectiva da educação freiriana, organizamos a Dissertação em três capítulos.

No primeiro capítulo abordamos, a partir de uma revisão bibliográfica centrada nas representações sociais, as concepções que a sociedade produz sobre os jovens. Nesta abordagem, dialogamos com autores da Psicologia e da Sociologia da Educação; e destacamos os conceitos de “moratória social” e “cultura juvenil”. Finalizamos o capítulo expondo um breve panorama sobre a situação da juventude brasileira.

No segundo capítulo demonstramos a organização geral do espaço social, ou seja, as espacialidades da pesquisa. Apresentamos ao leitor a cidade de Corumbá destacando-a como um espaço de fronteira e descrevendo aspectos culturais, físicos e econômicos desta localidade. Para além da descrição de Corumbá, procuramos estabelecer relações com a Missão Salesiana e o surgimento da Instituição da Cidade Dom Bosco. O capítulo é finalizado com a exposição de informações sobre o Programa Criança e Adolescente Feliz (PCAF) – o programa que priorizamos na presente pesquisa.

No terceiro capítulo, a partir dos dados coletados nas entrevistas, apresentamos uma descrição sucinta das trajetórias de vida dos jovens egressos do PCAF e exploramos as percepções que estes jovens possuem sobre o impacto do PCAF e da educação salesiana nas suas vidas. Neste capítulo, o conteúdo das entrevistas foi fracionado em categorias temáticas; e, por meio das categorias, abordamos as condições familiares e socioeconômicas que os participantes da pesquisa vivenciavam quando ingressaram no PCAF. Intercruzando as narrativas dos 08 egressos, identificamos convergências e singularidades entre as percepções produzidas no ato da entrevista. As convergências e as singularidades serão interpretadas como “pistas” para a compreensão das relações que os jovens estabeleceram com o PCAF e

com a instituição salesiana Cidade Dom Bosco.

Além dos três capítulos supramencionados, a Dissertação também inclui um tópico intitulado “Considerações Finais”, as referências bibliográficas, e um conjunto de apêndices.

1. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA JUVENTUDE: “MORATÓRIA SOCIAL” E “CULTURA JUVENIL”

A preocupação com a situação da juventude possui uma longa historicidade. Nas sociedades ocidentais, e particularmente, nas sociedades europeias, esta preocupação ganhou contornos mais definidos no transcurso dos séculos XIX, período em que diversos Estados nacionais promoveram ações para ampliar o tempo de escolarização dos sujeitos que recebiam a formação escolar básica. Naquele contexto, se estabeleceu uma relação complexa, entre ser jovem e ser estudante. Gradualmente, como consequência da imposição da obrigatoriedade do ensino escolar e da adoção de sistemas de ensino que estabeleciam uma faixa etária – supostamente ideal – para o ciclo da escolarização, o tempo de duração da infância e a idade para inserção das crianças no mundo adulto foi sendo regulado pelo aparelho estatal e influenciado pelas demandas da sociedade moderna (Farias, 2005).

Num primeiro momento, os Estados nacionais priorizam a oferta do ensino escolar para as crianças. Como exemplo, citamos o caso do Brasil, que em 15 de outubro de 1827 promulgou uma lei determinando a criação de “[...] escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império” (Brasil, 1827). Os legisladores que redigiram a respectiva Lei, consideraram o acesso à escola primária pública como um direito e uma obrigatoriedade para todos os cidadãos brasileiros. Contudo, entendiam que o compromisso do Império com a educação pública, estava restrito aos anos iniciais da escolarização (Silva; Vidal; Sá, 2013).

O investimento de recursos públicos nas “escolas de primeiras letras” que existiram em diversas localidades do território nacional, foi um tipo específico de cuidado com a infância. Outro tipo de cuidado foi exercido pelo Juízo de Órfãos – a instituição originalmente responsável pelos órfãos com idade inferior a 21 anos. A partir de 1871, com a Promulgação da Lei do Ventre, o Juízo de Órfãos também assumiu a responsabilidade pela proteção dos ingênuos – os filhos de escravas que nasceram com a promessa de receberem a liberdade, quando completassem a maioridade (Cardozo, 2013).

A historiografia produzida sobre o Juízo de Órfãos no Brasil, ressalta que, tanto antes, quanto depois da Lei de 1871, os processos judiciais de concessão ou supressão tutela de órfãos envolviam, de um lado, a preocupação com o sustento e a educação dos menores de idade, e do outro, a preocupação com a necessidade de transformar estes sujeitos em adultos produtivos (Campos, 1996; Rangel, 2020; Rückert; Cardozo, 2023). As duas

preocupações nos permitem identificar, nas leis e procedimentos judiciais do Império, a ideia socialmente construída de que, tanto a infância, quanto a juventude, eram etapas da preparação para maioridade – período da vida no qual o sujeito deveria estar apto para prover o próprio sustento.

A fixação de uma idade biológica a partir da qual se estabelece uma distinção entre menoridade e maioridade tem fomentado prolongadas discussões ao longo dos últimos séculos. E apesar de não ser o objeto central da nossa reflexão, a distinção nos interessa porque a juventude é socialmente reconhecida como uma fase de transição entre a infância e a maioridade. Ao adentrar na maioridade, um sujeito é considerado apto para o pleno exercício dos direitos políticos, e, simultaneamente, é considerado apto para o cumprimento de todas as obrigações impostas pelo Estado e pela sociedade. Contudo, a mesma sociedade que aceita uma determinada idade para classificar os seus membros como maiores, ou menores de idade, reconhece que o jovem é um adulto em processo de formação.

A existência de uma relação entre juventude e escolarização e a fixação de uma idade biológica – supostamente ideal – para que um ser humano termine os estudos básicos e se torne economicamente produtivo, assim como a ideia de que o jovem é um adulto em processo de formação, se constituem os três aspectos do fenômeno da construção social da juventude (Elias, 1994). Sob certo ponto de vista, este fenômeno é universal, uma vez que em todos os lugares do mundo, existem sujeitos ingressando na fase da vida genericamente adulta. Contudo, apesar de ser universal, este fenômeno apresenta particularidades nacionais e regionais, sobretudo porque as relações estabelecidas entre os jovens e os demais segmentos da sociedade são dinâmicas e mudam sob a influência de conjunturas políticas, econômicas e culturais. Ademais, as representações que a sociedade produz a respeito da juventude, não são consensuais. Pelo contrário: são permeadas de tensões, ambiguidades e intencionalidades conflitantes (Brasil, 2014).

Diante do que foi exposto, e considerando os objetivos da nossa pesquisa, acreditamos ser pertinente estudar o fenômeno das representações sociais da juventude a partir da bibliografia acadêmica. E, propomos desenvolver este estudo, na sequência do capítulo.

1.1 A “representação” como recurso para interpretação do comportamento social

No intuito de analisar os fatores que influenciam na construção social da juventude, optamos pelo uso do conceito de representação – conceito presente em diversas áreas

acadêmicas e que se configura como uma importante ferramenta de análise do comportamento social.

No âmbito da Sociologia, Émile Durkheim (2004) ofereceu contribuições importantes para o estudo da representação. Durkheim acreditava na existência de elementos culturais que, ao serem reconhecidos pelos membros de uma determinada sociedade, possibilitavam um certo grau de coesão social e ofereciam aos indivíduos o senso de pertencimento coletivo. Na obra “O suicídio”, de 1897, o autor afirma que a vida coletiva é feita essencialmente de representações (Durkheim, 2004). Posteriormente, no livro “As formas elementares de vida religiosa”, publicado originalmente em 1912, Durkheim procurou explicar a complexa relação entre o indivíduo humano – sujeito portador de racionalidade – e a sua construção social (Durkheim, 1989). Dialogando com a filosofia de Kant, Durkheim argumenta que a individualidade humana, apesar de ser um constructo racional, é também produto da vida social. Inserido entre outros humanos, o sujeito desenvolve a capacidade de construir uma percepção da sua individualidade e da sua representação no coletivo social (Filho, 2004).

Interessado na distinção entre “representações individuais” e “representações coletivas” e nas relações que ambas possuíam, Durkheim interpretou a segunda categoria como o produto de uma consciência coletiva que ganha forma no convívio social e nas experiências compartilhadas. Dentro desta interpretação, as instituições sociais – como a Igreja e a escola – atuavam como construtoras de “representações coletivas”, e, conseqüentemente, influenciavam na maneira como os sujeitos recebiam os estímulos do mundo social.

Cabe ressaltar que na concepção durkheimiana, a ideia de representação comporta uma ambiguidade, sendo usada, em certas ocasiões para significar um processo de pensamento, e em outras, para descrever o conteúdo desse processo (Lukes, 1984, p.7). Esta ambiguidade, evidencia a complexidade das representações na Sociologia de Émile Durkheim.

Contemporâneo de Durkheim, Max Weber (2004) também fez uso do conceito “representação” para construir interpretações do comportamento social. Segundo Costa (2015), a construção do modelo weberiano de “tipo ideal” demandou de Weber a identificação e o estudo de “representações coletivas” presentes na mente e no comportamento dos sujeitos sociais. Minayo (1995), por sua vez, afirma que Weber elaborou a noção de “visão de mundo” a partir de associações entre “ideia”, “espírito”, “concepção”, “mentalidade” e “representação”. Tanto na proposição metodológica do “tipo ideal”, quanto na noção weberiana de “visão de mundo”, o conceito representação [ou seu plural – representações] opera como conector de significados entre os sujeitos sociais e influência no

comportamento dos respectivos sujeitos.

No âmbito da Psicologia o estudo das representações possui uma longa história. Ele está presente nas pesquisas de Freud e Jung e tem fomentado prolongadas discussões teóricas (Garcia-Roza, 1995; Wahba, 2019; Salamon, 2019). Não é nosso objetivo adentrar nestas discussões porque elas excedem o escopo do capítulo e porque nos falta competência para discutir as divergências teóricas deste campo científico. Contudo, consideramos pertinente ressaltar que numa fase mais recente da Psicologia, o conceito representações foi ressignificado e foi incorporado na extensa obra de Serge Moscovici – autor que é considerado o criador da Teoria da Representação Social (TRS).

No livro intitulado *“El psicoanálisis, su imagen y su público”*, Moscovici estudou as representações da sociedade francesa a respeito da psicanálise e constatou que as representações expressam um conjunto de crenças e sentimentos que influenciam no comportamento dos sujeitos. De acordo com o autor, uma representação social é uma modalidade particular de conhecimento cujas funções consistem na transmissão de crenças e no estímulo para adoção ou rejeição de determinados comportamentos sociais (Moscovici, 1979, p. 17).

Moscovici (1979) pesquisou e escreveu sobre temas diversos, dentre os quais, o que nos interessa é a relação entre o indivíduo e a sociedade. Assumindo uma posição diferente da predominante na academia dos anos 60 e 70, o autor sustentou a tese de que não se pode conceituar o social eo individual como duas entidades separadas. Para Moscovici, havia uma interdependência entre o “eu” (Ego) e o “outro” (Ego-After). E, dentro desta perspectiva, a compreensão da interdependência deveria ser uma prioridade para a Psicologia Social.

Revisando a ideia de “representação coletiva”, presente na Sociologia de Durkheim, e dialogando com a teoria freudiana de que os processos inconscientes determinam à produção dos saberes sociais, Moscovici reconheceu que as representações conservam a marca da realidade social onde nascem, mas argumentou que elas também possuem vida independente, reproduzem-se e se misturam, tendo como causas outras representações e não apenas a estruturassocial (Reis; Bellini, p. 150).

A TRS destaca três elementos que influenciam na produção e no uso das representações sociais. São eles: a “informação”, o “campo de representação” e a “atitude”. A “informação” abrange os conhecimentos que um grupo possui sobre determinado objeto social. O “campo de representação” contempla a imagem e importância que o grupo pode atribuir para um objeto social, tendo em vista os valores morais e as crenças socialmente compartilhadas. A “atitude”, por sua vez, diz respeito aos estímulos emocionais que as representações produzem nos sujeitos (Moscovici, 1979, p. 45-47). Articulando estes três

elementos, a TRS evita a armadilha de condicionar o comportamento individual aos códigos culturais de um grupo social, e simultaneamente, reconhece a possibilidade de uma determinada representação ser percebida e processada de múltiplas formas pelos indivíduos que formam o grupo.

Nas últimas décadas, diversos autores – em distintas áreas acadêmicas – aplicaram ao TRS em pesquisas empíricas e fomentaram reflexões sobre como as representações são socialmente produzidas, transmitidas e ressignificadas. Sem a pretensão de revisar a extensa lista de autores que dialogaram com a TRS, consideramos pertinente incorporar neste texto, as considerações de Jean Claude Abric a respeito das representações sociais. Abric (1994) interpretou o papel das representações no comportamento social a partir de quatro categorias de funções. São elas: (1) funções de saber; (2) funções identitárias; (3) funções de orientação; e (4) funções justificadoras.

Na categoria (1), as representações permitem que os atores sociais compreendam uma determinada realidade e que formulem explicações – simples ou elaboradas – para as experiências que compartilham. Na categoria (2), as representações indicam parâmetros para que um grupo social reconheça as suas especificidades, e, simultaneamente, oferecem aos sujeitos, a possibilidade de comparação entre as suas condutas e os sistemas de normas e valores socialmente instituídos. Na categoria (3), que corresponde às “funções de orientação”, as representações produzem um sistema de antecipação e expectativa que prescreve comportamentos socialmente aceitos ou rejeitados pelo grupo social. Neste caso, elas decodificam e definem o lícito, o tolerável e o inaceitável dentro de um contexto social (Abric, 1994, p. 16). Na categoria (4), as representações permitem a que um sujeito justifique uma determinada conduta a partir da sua expectativa e necessidade de aceitação pelos membros do grupo social; desta forma, elas reforçam os valores desejados pelo grupo, e, por oposição, demarcam a distância entre os que são aceitos e os discriminados (Abric, 1994, p. 17).

As quatro categorias de funções das representações propostas por Abric (1994) ressaltam a complexidade do processo de produção/transmissão e significação das representações sociais. Elas também evidenciam a existência da dupla dimensão deste processo: de um lado, as representações influenciam na distinção entre os grupos sociais, e, do outro, influenciam na posição que os sujeitos ocupam [ou pretendem ocupar] dentro de um determinado grupo. O reconhecimento desta dupla dimensão nos interessa porque a construção social da juventude – tema que perpassa o presente capítulo – não pode ser compreendida sem a participação dos jovens. No nosso entendimento, a representação social da juventude também contempla as concepções que os jovens formulam sobre o mundo, as

posições que assumem diante dos seus pares de faixa etária e as expectativas e as estratégias elaboram para interpretar e experienciar a juventude.

As considerações de Jean Claude Abric sobre as funções sociais das representações possuem similaridade com a interpretação desenvolvida pela Sociologia de Pierre Bourdieu. Na concepção de Bourdieu, as representações são determinadas pelos interesses do grupo que as construiu, e, conseqüentemente, elas incorporam valores, crenças e ideologias compartilhadas pelo grupo (Bourdieu, 2004). Contudo, elas não são imutáveis e consensuais e podem ser contestadas e reformuladas a partir das disputas pelo poder dentro de um determinado grupo social (Bourdieu, 2005). Inseridas no cotidiano social, as representações são elementos constituintes deste cotidiano, na medida em que oferecem aos sujeitos um sistema de referências para perceber, pensar e agir a partir da sua posição no mundo. Dentro da perspectiva bourdieusiana, as representações “[...] podem contribuir para produzir o que aparentemente elas descrevem ou designam, ou seja, a realidade objetiva” (Bourdieu, 1996, p. 107). ”.

1.1 A representação social da juventude: uma abordagem introdutória

Na sessão anterior do capítulo apresentamos alguns autores relevantes para o uso da representação na interpretação do comportamento social. Sem a pretensão de explorar todas as possibilidades contidas no conceito de representação, optamos por destacar a complexidade de um conceito que é interdisciplinar e polissêmico. Nossa incursão pelo campo teórico da representação, apesar de sucinta, oferece elementos para uma reflexão sobre a construção da representação social da juventude – uma construção que consideramos relevante para os objetivos da pesquisa.

A reflexão que propomos desenvolver nesta sessão do capítulo está baseada na ideia de que as representações da juventude são produzidas no transcurso das interações entre os jovens e os demais coletivos da sociedade, e, conseqüentemente, incorporam elementos endógenos e exógenos ao grupo social genericamente classificado como jovem. Apesar do risco de uma abstração excessiva, acreditamos ser possível estabelecer uma distinção entre representações endógenas e exógenas ao grupo dos jovens. Na sequência do texto, concentramos nossa atenção em duas representações de ordem exógena, sendo elas: a “moratória social” e a “cultura juvenil”.

Quando falamos de “moratória social” e “cultura juvenil” estamos usando constructos acadêmicos que intencionalmente priorizam certos aspectos da juventude, em detrimento de

outros. E por serem conceitos acadêmicos, ambos oferecem pistas para compreensão das diferentes formas de representação da juventude produzidas no âmbito das Ciências. Para seguir estas pistas e explorar as discussões que envolvem as representações científicas da juventude, vamos recorrer (i) aos estudos de Luís Antonio Groppo que historicizam as pesquisas sobre a juventude; (ii) aos estudos de Juarez Dayrell que tratam da relação entre a escolarização e juventude, e ao texto de Bourdieu intitulado “*La juventud no es más que una palabra*”, publicado originalmente em 1978 (Bourdieu, 1990). Grosso modo, estes autores são a base da nossa reflexão sobre os conceitos de “moratória social” e “cultura juvenil” – ambos entendidos como representações da juventude.

1.2 Do que falamos quando falamos em “moratória social” da juventude?

O conceito “moratória social” foi proposto por Erik Erikson, na década de 1950. Interessado na compreensão do comportamento dos jovens, e analisando o fenômeno a partir da realidade norte americana, Erikson defendeu a tese de que haveria um lapso de tempo entre a infância e a vida adulta, dentro do qual o jovem poderia “experimentar, ensaiar e errar, provando distintos papéis até que consolidasse sua própria personalidade.” (Groppo, 2009, p. 45). Na concepção de Erikson, os sujeitos enquadrados na “moratória social” ainda não estavam plenamente aptos para os desafios da vida adulta, e, conseqüentemente, demandavam maior atenção do poder público e da sociedade.

Apesar de oferecer uma interessante explicação para a força da rebeldia no comportamento dos jovens e de colocar em pauta a necessidade de políticas específicas para a juventude, o conceito de moratória social recebeu diversas críticas. Kruskopf, em artigo publicado em 2004, afirmou que a moratória social proposta por Erikson negava o potencial de participação social dos jovens, na medida em que os considerava “imaturos”. Segundo Kruskopf (2004, p.28) seria um tipo de “postergação das possibilidades de participação” dos jovens nas decisões políticas (Kruskopf, 2004, p.28).

A crítica de Krauskopf à tese da “moratória social” nos remete a discussão que Bourdieu desenvolveu sobre o conceito de juventude, enquanto categoria de interpretação das ciências sociais. No texto intitulado “*La juventud no es más que una palabra*”, o renomado sociólogo francês argumentou que “la frontera entre juventud y vejez en todas las sociedades es objeto de lucha” (Bourdieu, 1990, p. 163). Esta luta teria como finalidade e consequência, a desqualificação da juventude e a imposição – via ideologia e práticas sociais – de valores considerados necessários para a vida adulta. De forma enfática, Bourdieu (1990,

p. 164-165) afirmou que

[...] la edad es un dato biológico socialmente manipulado y manipulable; muestra que el hecho de hablar de los jóvenes como de una unidad social, de un grupo constituido, que posee intereses comunes, y de referir estos intereses a una edad definida biológicamente, constituye en sí una manipulación evidente

A citação destacada acima, não pode ser dissociada do conjunto mais amplo da obra de Bourdieu e, dentro desta obra, sabemos que a divisão da sociedade em classes ocupa um lugar central. No nosso entendimento, ao relativizar a importância da idade biológica para a definição da juventude, o autor não estava negando a existência desta idade, mas sim, alertando para as consequências de uma interpretação sociológica que desconsidere a arbitrariedade da classificação etária. Neste sentido, importa ressaltar que no mesmo texto, Bourdieu adverte para a existência de diferenças sociais, culturais e econômicas dentro do grupo genericamente chamado de juventude. Segundo o autor

Al menos habría que analizar las diferencias entre las juventudes, o, para acabar pronto, entre las dos juventudes. [...] Por ejemplo, se podrían comparar de manera sistemática las condiciones de vida, el mercado de trabajo, el tiempo disponible, etcétera, de los “jóvenes” que ya trabajan y de los adolescentes de la misma edad (biológica) que son estudiantes” (Bourdieu, 1990, p.165).

A preocupação de Bourdieu com o risco de uma sociologia da juventude que supervalorize a idade biológica, apesar de relevante, não nos impede de reconhecer que as identidades juvenis, tanto as impostas pelos adultos, quanto as elaboradas pelos jovens, envolvem, de forma explícita ou implícita, uma dimensão biológica. Contudo, a importância desta dimensão e os seus efeitos práticos não podem ser generalizados – e neste ponto, Bourdieu, mais uma vez, foi preciso na sua interpretação: a priori, experienciar a juventude num país de economia desenvolvida e numa classe social rica, não é o mesmo que experienciar essa fase da vida num país de economia subdesenvolvida ou numa classe social pobre.

Nos anos 90, Mario Margulis e Marcelo Urresti revisaram o conceito de moratória social e identificaram limitações na sua aplicação. Os autores consideram a tese da moratória social mais compatível com a realidade das elites e das classes médias europeias e norte-americanas (Margulis; Urresti, 1996). Segundo os autores, nos Estados Unidos e na Europa a conjuntura econômica do pós-guerra permitiu – e ainda permite – postergar a inserção dos jovens no mercado de trabalho; e, por consequência, a mesma conjuntura impacta em práticas sociais como o matrimônio e a paternidade (Groppo, 2015, p. 18).

No intuito de aprimorar os recursos conceituais para a interpretação da juventude, Margulis e Urresti formularam o conceito de “moratória vital”, cuja finalidade consiste em destacar a existência de uma variável energética presente na juventude, independentemente da condição social, da cultura, raça ou do gênero dos jovens. Nos jovens, a variável energética tende a se manifestar como uma vitalidade mais acentuada do que a expressada por adultos e idosos. Como ressaltou Groppo (2015, p. 18), as duas moratórias (a social e a vital), não estão acopladas. Em determinadas situações, um jovem pode ser reconhecido pelos demais membros da sociedade como um sujeito que possui a vitalidade e aptidão física necessária para a vida adulta, e, simultaneamente, permanecer na “moratória social” por ser considerado imaturo e inexperiente. Em outros casos, a situação pode ser inversa.

1.3 Do que falamos quando falamos em “cultura juvenil”?

Na tentativa de interpretar a juventude, diversos autores da Sociologia, da Antropologia, da Psicologia e da Educação, fazem uso do conceito cultura juvenil. Este é certamente um conceito mais abrangente do que a moratória social e sinaliza um interesse dos pesquisadores pelas ideias, valores, códigos de linguagem e práticas de sociabilidade dos jovens. No entanto, o uso da cultura juvenil, enquanto categoria de análise, comporta dois problemas operacionais: o primeiro diz respeito a imprecisão dos limites da cultura e o segundo diz respeito a existência de diferentes formas de classificar a população jovem.

No que diz respeito a classificação etária, podemos citar dois exemplos: a legislação brasileira, no Estatuto da Juventude (Lei n. 12.852, de 5 de agosto de 2013), define que os “são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade.” (Brasil, 2013). A Organização das Nações Unidas (ONU), por sua vez, define como jovens as pessoas com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos (Souza, 2016, p. 2).

A existência de diferentes limites cronológicos para a definição de juventude, não nos impede de apontar um elemento comum no ordenamento jurídico de todos os países: a distinção entre menoridade e maioridade. No caso do Brasil, por exemplo, o Estatuto da Juventude, no seu Artigo 1º - § 2º, afirma: Aos adolescentes com idade entre 15 (quinze) e 18 (dezoito) anos aplica-se a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente, e, excepcionalmente, este Estatuto, quando não conflitar com as normas de proteção integral do adolescente” (Brasil, 2013). Na prática, um sujeito entre 15 e 18 anos é considerado jovem e ao mesmo tempo, é considerado um adolescente; e, conseqüentemente, se cometer um ato ilícito grave, ele tem o direito de ser atendido por medidas socioeducativas.

Não é nosso objetivo avaliar os critérios de definição da faixa etária usada no Brasil para classificar a juventude; e também não nos interessa discutir as intencionalidades e consequências da aplicação do ECA para os adolescentes com idade entre 15 e 18 anos. Entretanto, a referência ao sistema de classificação etária é importante para pensarmos os problemas da interpretação da juventude a partir da idade – problemas que Bourdieu abordou com maestria, no texto apresentado anteriormente.

O que propomos, nesta seção específica do capítulo, é revisar os aspectos gerais da cultura juvenil, identificando suas potencialidades de interpretação e destacando alguns autores que usaram o conceito nas pesquisas. Mas antes de adentrarmos na cultura juvenil, é necessário atacar a seguinte pergunta: Quando a juventude se tornou objeto de preocupação do poder público e da sociedade civil?

Segundo Alves (2008, p. 24), a juventude, “quer concebida como fase da vida, quer como experiência juvenil, é um produto da modernidade” O autor afirma que o surgimento de uma “consciência social” sobre os jovens está relacionado ao processo de expansão da obrigatoriedade do ensino escolar e à institucionalização de um tempo específico para aprender. Este processo foi construído a partir de sucessivas intervenções dos Estados nacionais no cotidiano da sociedade, e apresentou variações regionais no ritmo e nos resultados.

No século XVIII, e durante uma parte do século XIX, os jovens participavam de forma mais constante das atividades adultas e se socializavam no convívio com sujeitos de outras faixas etárias. Os membros da aristocracia dedicavam parte do tempo para os estudos e para práticas de sociabilidade específicas daquela classe social; enquanto os jovens membros das classes populares – camponeses, artesãos, mineradores, dentre outros – aprendiam atividades laborais necessárias para sua sobrevivência. Nestas condições, apesar de não serem adultos, os jovens não formavam uma categoria sociológica diferenciada e não possuíam o que hoje reconhecemos como sinais identitários da juventude (Gottlie; Reeves, 1968).

Grosso modo, estes três fenômenos estão ligados à Revolução Industrial e, consequentemente, isto nos permite inferir que a concepção moderna de juventude ganhou forma inicial nos países pioneiros da Revolução Industrial, tendo se expandindo para outros locais do planeta, alcançando primeiro centros urbanos de maior expressividade, e posteriormente, se universalizando. Se a inferência estiver correta, a concepção moderna de juventude comporta uma complexa relação entre escola, ambiente urbano e trabalho. Na opinião de Pais (2003, p. 37), com a qual concordamos, a juventude é uma categoria socialmente construída, formulada no contexto de particulares circunstâncias econômicas, sociais ou políticas; uma categoria sujeita, pois, a modificar-se ao longo do tempo.

Reunidos nas escolas para atender expectativas e preocupações da geração adulta, os jovens se percebem como sujeitos semelhantes e desenvolvem experiências de sociabilidade que reforçam o vínculo identitário. Estas experiências, muitas vezes iniciadas no ambiente escolar e se multiplicam e se intensificam em outros ambientes frequentados por jovens.⁴ Neste sentido, a existência da cultura juvenil está diretamente associada aos lugares e às práticas sociais por meio das quais os jovens se identificam, enquanto grupo social.

Na sua acepção mais simples, a cultura juvenil pode ser definida como um conjunto de códigos, saberes e práticas produzido e compartilhado pelos sujeitos que se reconhecem como jovens e que sustentam esta identidade no contexto das relações intergeracionais. Uma definição deste tipo, comporta o risco de considerar todos os jovens como iguais – erro que não devemos cometer. Depois de ler Bourdieu sabemos que o capital cultural de um determinado grupo social não está dividido em partes iguais entre os seus membros, e sabemos também que existem disputas pelo controle dos símbolos identitários.

No caso da cultura juvenil, o consumo parece ser um símbolo identitário importante. Num mundo marcado pelos estímulos da indústria cultural e que estabelece relações entre marcas de produtos e status social, o jovem é idealizado [e representado] como um sujeito feito para o consumo. Beatriz Sarlo (2000) abordou a juventude a partir da lógica do consumo e criticou a supervalorização dos aspectos estéticos e corpóreos do jovem. Segundo Sarlo, ao construir a imagem do jovem como o consumidor ideal a sociedade projeta sobre ele uma grande expectativa e desconsidera fatores como “a desigualdade no acesso à educação escolar, a desigualdade nas possibilidades de escolha dentro da oferta audiovisual, a e desigualdade de formação cultural original” (Sarlo, 2000, p. 120). Para os jovens de classes populares, atender a expectativa de ser um consumidor em larga escala muitas vezes é inviável, porque os mais pobres “dispõem de uma quantidade menor de bens materiais e simbólicos, estão em condições de usufruto cultural piores e têm menores possibilidades de praticar escolhas não direcionadas pela pobreza ou pela escassez de recursos materiais e elementos intelectuais (Sarlo, 2000, p. 121).

Canevacci (2005) afirma que as juventudes geralmente se encontram inseridas em contextos de acentuada tecnologia e são influenciadas pela informação midiática e pela culturado consumo.⁵ Nestas condições, os jovens se defrontam com a necessidade de conciliar

⁴ Como exemplos de ambientes habitualmente frequentados por jovens, citamos as praças, os clubes de esporte, os bares, as academias, os *shopping centers*, e os grupos de jovens existentes em diversas igrejas. Cabe ressaltar que em tempos de cibercultura, um número expressivo de jovens redes sociais e ambientes virtuais para vivenciar experiências de sociabilidade.

⁵ No livro intitulado “Culturas extremas”, Canevacci apresenta uma interessante crítica a ideia de uma juventude

condições materiais de sobrevivência com a instabilidade das suas trajetórias e as possibilidades reais de consumo.

Diante de um desafio de alta complexidade, muitos jovens adotam, como estratégia de sobrevivência, uma postura flexível diante das múltiplas formas de cultura existente no mundo contemporâneo. E, como consequência, a própria cultura juvenil se configura como uma cultura híbrida.

Dayreel (2009) reflete que as culturas juvenis se constituem e se manifestam na diversidade, ganhando visibilidade por meio de diferentes estilos, cujos corpos e aparências são algumas de suas marcas distintivas. Pais (2003), ao tratar da importância da diversidade na constituição do sujeito jovem concluiu que

Que os jovens não participam no mesmo tipo de práticas sociais e culturais; que as vivem de forma diferente; que diferentes práticas de lazer estão na base de diferentes culturas juvenis [...]; que essas práticas sociais e culturais - embora consagrando e legitimando diferenciações intrageracionais - também consagram e legitimam diferenciações intergeracionais; enfim, que a socialização dos jovens, no domínio do lazer, origina diferentes culturas juvenis (Pais, 2003, p. 226-227).

No imaginário popular existe a ideia de que ser jovem é estar aberto para a mudança. Este imaginário, apesar de oferecer aos jovens maior flexibilidade nas suas escolhas, e de tolerar uma certa margem de erro, produz, como efeito colateral, a tendência de rejeitar ou depreciar a situação da juventude (Dayreel, 2003). Por serem hipoteticamente transitórias, as adversidades da juventude não recebem a devida atenção da sociedade adulta e do poder público.

Alta sensibilidade aos estímulos do consumo; resistência aos padrões normativos da sociedade “adulta”; adoção de padrões estéticos e de expressões linguísticas que identificam sua faixa etária; necessidade de pertencimento à grupos que se auto-reconhecem como jovens; tendência de hibridização cultural e pré-disposição para mudanças de ideias e atitudes seriam alguns dos elementos constituintes das culturas juvenis. Além destes, outros dois demandam nossa atenção. São eles: (a) a ideia da juventude como um tempo de estudos; e (b) a pressão social pela inserção do jovem no mercado de trabalho. Na sequência do capítulo, vamos abordar estes dois elementos a partir de dados estatísticos sobre a juventude brasileiro.

1.4 Um breve panorama da juventude brasileira a partir das variáveis “escolarização” e “emprego”

A relação socialmente estabelecida entre ser jovem e ser estudante não pode ser dissociada do processo de ampliação do ensino escolar, e, particularmente, da ampliação do ensino escolar secundário e superior.

O crescimento no número de brasileiros concluindo o Ensino Médio, apesar de não estar compatível com a meta fixada para o Plano Nacional de Educação, é um fato real. E o mesmo pode ser dito em relação ao crescimento no número de brasileiros frequentando o Ensino Superior (Costa; et al, 2021). Com a ressalva de que este foi mais expressivo, sobretudo no período entre 2000 e 2016.

Considerando o histórico problema das elevadas taxas de reprovação e da distorção idade-série na Educação Básica, seria incorreto supor que todos os concluintes do Ensino Médio se enquadram na faixa etária ideal. Seguindo a mesma lógica, seria incorreto supor que todos os estudantes que ingressaram no Ensino Superior público ou privado, se enquadram na categoria etária de jovem (15 a 29 anos). Apesar destas variáveis, existem dados que comprovam a disparidade no acesso à educação entre os diferentes segmentos que compõem a imensa juventude brasileira. Ao tratar destes dados Aquino (2009, p. 32) constatou que

No campo da educação, por exemplo, constata-se que o número de jovens negros analfabetos, na faixa etária de 15 a 29 anos, é quase duas vezes maior que o de jovens brancos. A taxa de frequência líquida (estudantes que frequentam o nível de ensino adequado à sua idade) dos jovens negros é expressivamente menor que a dos jovens brancos, tanto no ensino médio como no superior. Na faixa de 15 a 17 anos, que corresponde ao período em que se espera que o jovem esteja cursando o ensino médio, os brancos apresentam taxa de frequência líquida de 58,7%, contra 39,3% dos negros. No ensino superior, a desigualdade entre jovens brancos e negros torna-se ainda maior: na faixa etária de 18 a 24 anos, a taxa de frequência líquida para os brancos é de 19,8%, enquanto para os negros é de 6,9%, diferença quase três vezes maior em favor dos jovens brancos.

Os dados supracitados parecem contrariar o senso comum que estabelece uma relação natural entre ser jovem e ser estudante. Eles também evidenciam a existência de desigualdades intragrupos no acesso da juventude brasileira à educação, tanto no Ensino Médio, quanto no Ensino Superior.

As desigualdades também se manifestam no gênero dos jovens que estudam. Segundo Aquino (2009, p. 34), 26,5% dos jovens de gênero masculino, de 15 a 17 anos conciliam os

estudos com o trabalho e 11,4% só trabalham, e no segmento jovens do gênero feminino, dentro da mesma faixa etária, as proporções são, respectivamente, de 17% e 5%. O autor afirma que as “jovens mulheres”, apesar de apresentarem melhores taxas de frequência escolar líquida, apresentam maior tendência de abandono dos estudos, conforme o avanço da faixa etária. Este fenômeno está diretamente relacionado a gestação precoce e as responsabilidades decorrentes da maternidade.

A relação entre ampliação na escolaridade e inserção no mercado de trabalho para os jovens é complexa e não pode ser considerada como uma “receita” infalível. De modo geral, o Brasil elevou a idade mediana de saída da população da escola, e simultaneamente, elevou o grau de exigência de escolaridade para os jovens iniciantes na vida profissional. Na prática, apesar de receberem uma formação escolar mais longa do que os seus pais – alguns dos quais frequentaram a escola nos anos 80 e 90 – os jovens brasileiros encontram dificuldade para conseguir um emprego formal. Sobre este assunto, Camarano, Kanso e Mello (2006) desenvolveram um interessante estudo comparando a população jovem nos Censos Demográficos de 1980 e 2000. Neste, os autores constataram que

[...] a idade mediana de saída da escola elevou-se de 15,4 para 18,1 anos, no caso dos homens, e de 15,5 para 17,9 anos, no caso das mulheres. A idade mediana de entrada no mercado de trabalho, por outro lado, apresentou pequena variação: de 15,1 para 15,8 anos, entre os homens, e de 15,6 para 15,9 anos, entre as mulheres. Estes dados sugerem claramente que o prolongamento da escolarização não implicou adiamento da entrada no mercado de trabalho, mas ampliou a simultaneidade de escola e trabalho. (Gonzales, 2009, p. 112).

A ampliação da exigência de escolaridade para o acesso ao emprego opera de forma ambígua sobre os jovens: de um lado, ela inibe o abandono precoce da escola e incentiva o prolongamento dos estudos – o que sob certo aspecto é positivo, e, do outro, afasta cada vez mais os jovens com baixa escolarização do mercado de trabalho formal. Para os jovens que avançam nos estudos, a probabilidade de obter um trabalho formal é maior, e, no sentido inverso, para os que abandonam a escola precocemente, o acesso ao mercado de trabalho formal se torna mais difícil.

0 a 7 anos de estudo (ensino fundamental incompleto)			
	2001	2013	2013/2001
15 a 17	93,39	90,8	-2,7%
18 a 19	81,30	69,78	-14,2%
20 a 24	68,78	58,36	-15,2%
25 a 29	64,64	57,85	-10,5%
Jovens (15 a 29 anos)	72,82	64,34	-11,6%
8 a 10 anos de estudo (ensino fundamental completo/médio incompleto)			
	2001	2013	2013/2001
15 a 17	76,31	72,58	-4,9%
18 a 19	58,12	50,33	-13,4%
20 a 24	48,09	41,52	-13,7%
25 a 29	42,70	40,34	-5,5%
Jovens (15 a 29 anos)	53,60	48,91	-8,8%
11 anos de estudo (ensino médio completo)			
	2001	2013	2013/2001
15 a 17	54,50	43,22	-20,7%
18 a 19	41,96	33,95	-19,1%
20 a 24	35,01	28,31	-19,1%
25 a 29	27,85	23,31	-16,3%
Jovens (15 a 29 anos)	32,77	26,56	-18,9%

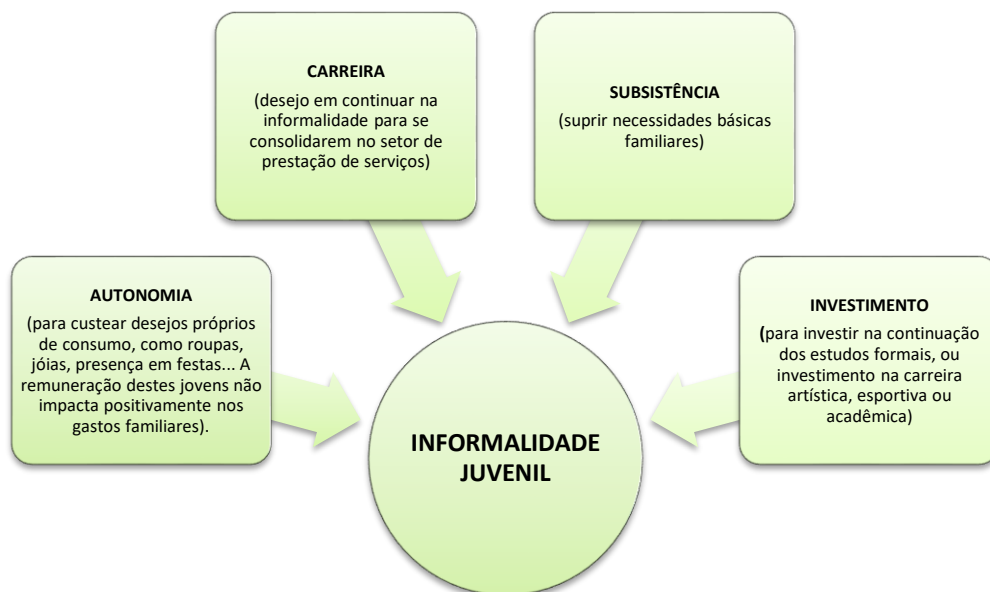
Fonte: PNAD/IBGE. Elaboração: IPEA.

A informalidade da população jovem é uma realidade discutida pelo poder público municipal, estadual e até por organizações internacionais. Os dados revelados pela organização internacional do trabalho apontam que o desemprego entre os jovens no Brasil atinge um quarto dessa população específica o que está muito acima da média mundial. Para as meninas ou mulheres retomarem os trabalhos após a pandemia de Covid-19 tem mais dificuldade.

Uma solução para os jovens que sofrem com a falta de postos de trabalho é se inserir no mercado informal seja para poder atingir seus objetivos profissionais, ingressar em um curso superior. Para atender necessidades financeiras muitos empregadores enxergam nessa massa de jovens em busca de trabalho uma oportunidade para diminuir seus gastos. Contratando com salário menor, desonerando a folha de pagamento com os incentivos governamentais.

Ao refletir sobre os motivos que conduzem o jovem ao mercado de trabalho informal, busquei formular um diagrama para organizar os motivos e ou interesses.

Imagem 1: Diagrama de inteligibilidade dos motivos para ingresso no trabalho informal juvenil.



Fonte: elaborado pelo autor.

Neri (2018) afirma que as transições laborais não acontecem em um vácuo, mas sim paralelamente a uma série de outras transformações. Estas transições podem ser acompanhadas por cursos profissionalizantes, determinados fatores podem facilitar o acesso a estes cursos como: flexibilidade no desenho dos cursos voltados aos jovens é essencial para reduzir a evasão escolar e aumentar a retenção. A flexibilidade, por sua vez, deve considerar a mobilidade dos jovens e suas necessidades específicas; oferecer cursos modulares permite que os estudantes completem partes do curso em diferentes momentos, adaptando-se melhor às suas vidas e compromissos (Corseuil; Botelho, 2014).

A flexibilidade nos cursos de formação profissional para jovens se justifica pela necessidade de rápida inserção deste segmento populacional no mercado de trabalho. No entanto, a oferta de cursos flexíveis na composição curricular e na carga horária, precisa coexistir com a concessão de incentivos para transporte, alimentação e aquisição de materiais (Corseuil; Botelho, 2014). Políticas públicas que incentivem a contratação de jovens no setor privado também são necessárias. Sem incentivos e sem políticas públicas eficientes, uma parte expressiva dos jovens prefere se inserir no mercado de trabalho informal.

Os jovens que escolhem o trabalho informal para obter uma renda, e também os que são impelidos por este caminho pela precariedade da situação familiar, muitas vezes desistem dos estudos. Como sabemos, a informalidade no trabalho oferece vantagens e desvantagens: de um lado, ela assegura aos jovens uma renda que pode ser indispensável para o seu sustento

(ou pode ser um meio para sua autoafirmação); do outro, dificulta o acesso à salários mais elevados e exclui os sujeitos dos benefícios da Previdência Social.

O problema atração do mercado informal de trabalho sobre os jovens, e especialmente, sobre os jovens procedentes de famílias com baixa renda percapta, não é um fenômeno novo e está presente, com maior ou menor intensidade, em todo o território brasileiro. Neste sentido, a existência de projetos sociais educacionais, como o PCAF, pode ser interpretada como uma estratégia de enfrentamento do respectivo problema. Na sua forma, a estratégia muda conforme o local e a época, mas na sua essência e intencionalidade, ela permanece inalterada. Grosso modo, os projetos sociais educacionais direcionados para jovens em situação de vulnerabilidade social, almejam reduzir os riscos de envolvimento destes sujeitos com a criminalidade e com as drogas; incentivam a continuidade nos estudos; fomentam o contato com a cultura e as práticas desportivas; e, simultaneamente, buscam prepará-los para uma inserção no mercado de trabalho.

Partindo deste contexto mais amplo, e cientes de que o PCAF apresenta similaridades com outros projetos sociais educacionais, consideramos pertinente apresentar ao leitor da Dissertação, algumas informações sobre a cidade de Corumbá e sobre a instituição Cidade Dom Bosco, uma vez que elas se constituem no lócus espacial e cultural da presente pesquisa.

2. A CIDADE DE CORUMBÁ E A INSTITUIÇÃO CIDADE DOM BOSCO: DEMARCANDO AS ESPACIALIDADES DA PESQUISA

Conforme demonstramos no primeiro capítulo, a preocupação com os jovens cresceu no transcurso das últimas décadas e fomentou a implantação de diversas ações voltadas para transformação deste segmento social em adultos saudáveis e aptos para o trabalho. Parte destas ações procede do poder público, outra parte, procede de iniciativas de instituições sociais. Neste sentido, importa reconhecermos que o tema da pesquisa se encontra inserido numa conjuntura global, na medida em que a preocupação com os jovens está presente em diferentes países e tem marcado presença na agenda de discussões de organizações supranacionais como a ONU, o FMI (Fundo Monetário Internacional) e o BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento).

A conjuntura global do tema coexiste com particularidades regionais que demandam nossa atenção, sobretudo porque a pesquisa foi realizada numa cidade de fronteira e numa instituição que possui um longo histórico de trabalhos sociais. Ademais, as experiências

socioeducativas dos sujeitos participantes da pesquisa não podem ser completamente dissociadas do ambiente urbano de Corumbá e não podem ser desvinculadas das ideias e práticas que orientam o trabalho socioeducativo dos salesianos.

Diante da impossibilidade de compreender as experiências socioeducativas narradas pelos participantes da pesquisa sem conhecer as particularidades da instituição envolvida e sem fazer referência à cidade de Corumbá, optamos por inserir na Dissertação um capítulo com informações relevantes sobre a cidade e sobre o trabalho socioeducativo realizados pelos salesianos, na fronteira do Brasil com a Bolívia. Com este intuito o presente capítulo foi dividido em três sessões: a primeira aborda aspectos gerais da cidade de Corumbá; a segunda apresenta algumas informações sobre a presença dos salesianos na respectiva cidade; e a terceira seção ressalta o Programa Criança e Adolescente Feliz (PCAF).

2.1 Corumbá: uma cidade fronteiriça nas margens do Rio Paraguai

A cidade ganhou forma a partir do povoado fundado em 1788 por Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, nas margens do Rio Paraguai. Naquele contexto, o então chamado Arraial de Nossa Senhora da Conceição de Albuquerque surgiu com a finalidade de fortalecer a presença portuguesa na fronteira com os territórios da Espanha (Waeneldt, 2001).

Ao longo da sua história, a população de Corumbá incorporou povos de diferentes culturas. Como ocorreu em outras partes da Colônia, formou-se uma população mestiça composta por portugueses, povos nativos da Bacia do Rio Paraguai e escravos de origem africana.⁶ Posteriormente, durante o Império, Corumbá recebeu migrantes de diversas partes do mundo, sobretudo depois da Guerra da Tríplice Aliança, também chamada de Guerra do Paraguai. O término da guerra resultou na intensificação do comércio fluvial na Bacia do Rio Paraguai e impactou de forma positiva no desenvolvimento econômico e demográfico de Corumbá (Sena, 2012). Inserida nas rotas do comércio fluvial, na transição do século XIX para o XX Corumbá atraiu imigrantes palestinos, árabes, italianos, paraguaios e bolivianos (Oliveira, 2001).

Corumbá é uma cidade localizada no sudoeste do estado de Mato Grosso do Sul, no Brasil, segundo dados do censo do IBGE 2022 possui densidade demográfica de 1,49

⁶ Para os interessados na história da inserção de escravos africanos na cidade de Corumbá-MS, recomendamos a leitura da obra “A cidade e o rio: escravidão, arquitetura urbana e a invenção da beleza: o caso de Corumbá (MS)” (Cancian, 1996). A obra foi escrita pela historiadora Elaine Cancian, que atualmente leciona na UFMS – Campus Pantanal.

hab/km², escolarização de 94,7%, índice de desenvolvimento humano municipal de 0,700; área territorial de 64.432,450km² (IBGE, 2022), está entre as montanhas do Urucum, no sul, a margem direitada Rio Paraguai, ao norte; a cidade de Ladário, a leste, o território da Bolívia, em sua área ocidental, mais precisamente Arroyo Concepción, Puerto de Quijaro, província Germán Bush, em Santa Cruz (Costa, 2012). A cidade possui traçado na forma de um tabuleiro de xadrez, com suas ruas e avenidas consideravelmente largas, especialmente na sua porção central.

Destaque para o fato que Corumbá-MS, é um território fronteiriço, tem sua população formada por migrantes de diversas partes do Brasil e de outras nações como palestinos, árabes, italianos, paraguaios e um grande contingente de bolivianos é um local com múltiplas culturas que se modificaram ao longo dos tempos e que compõem a cultura local (Costa, 2012).

Atualmente, a população corumbaense é formada por um expressivo número de bolivianos que se instalaram na cidade, sobretudo na segunda metade do século XX. Além dos bolivianos residentes, existem também os bolivianos que se enquadram na condição de migrantes pendulares, ou seja, aqueles que residem na Bolívia e trabalham e/ou estudam em Corumbá (Costa, 2012).

Próxima ao Pantanal, a maior área alagada do mundo, a cidade situa-se em uma barranca, aproximadamente trinta metros acima do nível do rio, o município é um ponto de partida para muitas excursões e passeios na região pantaneira. O turismo de natureza e ecoturismo são fortes atrativos na área, com a possibilidade de observação de uma variedade de fauna e flora típicas da região pantaneira.

A economia de Corumbá está ligada à pecuária, agricultura, exploração mineral e ao turismo. O setor de serviços, dentro do qual o turismo se enquadra, é responsável pela maior parte dos empregos formais. Todos os anos, a cidade recebe turistas atraídos pela natureza do bioma Pantanal. Atualmente, o porto fluvial de Corumbá já não possui a importância comercial de outros tempos.

Contudo, a área portuária possui grande relevância histórica e cultural. Nesta área se encontra o Casario do Porto – um conjunto arquitetônico tombado como patrimônio histórico nacional (Vianna, Leite, Tavares, Loureiro, 2016). Além disso, o Porto de Corumbá desempenha um papel importante no transporte de mercadorias e pessoas, dada a localização estratégica da cidade nas rotas comerciais entre Brasil e Bolívia. Destaca-se que a cultura material urbana torna possível assegurar o sentimento de pertença dos habitantes da cidade, algo que os identifica com o lugar (Pereira, 2007).

A cultura de Corumbá, Mato Grosso do Sul, é diversificada, refletindo a história, as tradições e a convivência de diferentes etnias e influências culturais ao longo dos anos, sofrendo influência da cultura do Pantanal que abriga lendas e mitos, mantidos por gerações por intermédio da linguagem oral, fato de auxilia na preservação da cultura e da identidade local (Souza, 2004).

A cultura imaterial coexiste com a cultura material sendo expressa na presença do centenário Casario do Porto de Corumbá que embeleza a rua Manoel Cavassa, sendo ponto de referência da histórica cidade, pois além da sua arquitetura ser de origem inglesa e francesa, suas construções testemunharam as várias fases do apogeu da cidade, dos barões do comércio portuário, e o intenso comércio fluvial da época (Vianna, Leite, Tavares, Loureiro, 2016). Além da riqueza do Casario do Porto o patrimônio histórico e arquitetônico ainda conta com edificações antigas, igrejas, museus e outros pontos de interesse cultural que retratam a história da cidade e da região.

A música é uma forma expressiva da cultura corumbaense. Além das manifestações folclóricas, a cidade possui um cenário musical diversificado, com presença de diversos estilos, incluindo samba, polca paraguaia, entre outros. Corumbá é conhecida por suas festas populares, sendo o Carnaval uma das mais famosas da região centro-oeste.

O Carnaval de Corumbá possui diversos formatos com comemorações em salões, de blocos independentes (universitários, organizações, instituições) nas ruas, com trio elétrico e agremiações representantes de bairros ou comunidades. Existe na cidade a Liga Independente das Escolas de Samba de Corumbá (Liesco) responsável pelo planejamento e organização dos desfiles (Thiago; Gonçalves; Santos, 2020).

Além do carnaval, a cidade também comemora a Festa de Santo Antônio, a Festa de São João e a Festa de Nossa Senhora da Candelária, todas ligadas ao calendário litúrgico católico e com fortes traços de sincretismo cultural.

Com relação às comemorações de São João, os santos são levados em andores, a som dos curureiros, e em procissão até o porto da cidade e imersos nas águas do Rio Paraguai. O ritual é atualmente denominado “Banho de São João”. O número de andores do santo muda porque eles são confeccionados por festeiros com o intuito de pedir bênçãos ou cumprir promessa. As procissões que seguem os andores se encontram na ladeira central de acesso ao porto, nas margens do Rio Paraguai. O banho do santo constitui-se numa das particularidades dos festejos de São João em Corumbá.⁷, essa prática veio da tradição dos

⁷ A finalidade do banho consiste em renovar a força dos fiéis e abençoar tudo o que se relaciona com as águas

árabes onde o santo é lavado no Rio Paraguai no intuito de renovar suas forças e abençoar tudo o que se relaciona com as águas e com o homem, o banho ocorre à meia-noite, na passagem de 23 para 24 de junho, pois acredita-se que as águas do rio Paraguai se tornam milagrosas (Santos, Souza, 2015)

Além disso, festas religiosas, como a Festa de Santo Antônio, São João e a festa de Nossa Senhora da Candelária, também são celebradas com devoção, animação e solidariedade. Há registros da realização de atividades culturais no jornal “O Iniciador”, de junho de 1882 e 1883 (Souza, 2004).

A culinária de Corumbá é rica em sabores típicos do Pantanal e da cultura sul mato-grossense. Pratos como a "sopa paraguaia" (semelhante a um bolo de milho salgado) sendo umaculinária de fronteira capaz de unir países distintos entre si, como ocorre nos municípios de Corumbá e Puerto Quijarro com a saltenha (Kukiel; Silveira, 2020), "arroz carreteiro" (arroz com carne seca) e "peixada pantaneira" (preparação de peixes locais) são comuns na região e refletem a influência da cultura gaúcha e paraguaia (de origem paraguaia) na gastronomia local. A bocaiuva, macauva, macaúba e bacauva com vários tipos de utilização e sua forma de consumo in natura como o fruto a castanha e o palmito, ou processada a polpa se transforma na farinha e outros derivados alimentícios. Já as folhas como alimento para o gado ou artesanatos (fabricação de cestas e objetos de decoração). O tronco pode ser utilizado na construção civil, cercas e como vasos de plantas (Reis, Arruda, Jesus, Borsato; 2016).

O artesanato é uma parte importante da cultura de Corumbá. Os artesãos locais produzempeças feitas de materiais naturais do Pantanal, como cestarias, bordados, bijuterias produzidas por artesãs assistidas pelo Instituto Homem Pantaneiro, além de cerâmicas produzidos por artesãos de diferentes idades em um espaço específico chamado de “Casa do Massa Barro”, com matéria prima antigamente retirada de canoa na margem oposta ao Rio Paraguai, entretanto, atualmente a argila é fornecida pelas olarias da região, sendo as obras mais procuradas a Nossa Senhora do Pantanal, São Francisco, onça, tuiuiú e o jacaré (Muller, 2006).

As informações supramencionadas, apesar de sucintas, oferecem ao leitor um panorama da riqueza histórica e cultural de Corumbá. No entanto, eles não informam sobre a situação socioeconômica da população e não ajudam na compreensão da importância do

e com o homem. O banho ocorre à meia-noite, na passagem de 23 para 24 de junho, e acredita-se que nesta data e horário, as águas do rio Paraguai se tornam milagrosas (Santos, Souza, 2015)

trabalho socioeducativo desenvolvido pelos salesianos.

Para abordar aspectos socioeconômicos de Corumbá, recorreremos ao banco de dados do IBGE, e, mais especificamente, a série de dados organizada com o título “Mapa da Desigualdade e Pobreza”. Nesta série, selecionamos algumas informações que possibilitam um comparativo entre a situação socioeconômica de Corumbá e a situação do Estado de Mato Grosso do Sul. As informações foram organizadas no quadro abaixo.

Tabela 2: Dados socioeconômicos de Corumbá e do estado de Mato Grosso do Sul

Indicador	Corumbá	Mato Grosso do Sul
“Incidência de Pobreza” [ano base/2022]	40,37%	17,5%
Taxa de Mortalidade Infantil [ano base/2020]	21,15 óbitos por mil nascidos vivos	10,92 por mil óbitos nascidos vivos
IDEB, anos iniciais do Ensino Fundamental – rede pública [ano base/2021]	4,7	5,2
IDEB, anos finais do Ensino Fundamental – rede pública [ano base/2021]	4,4	4,7
Taxa de ocupação da população [ano base/2022]	16,41%	60,5%

Fonte: IBGE. Sites <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/panorama> [para o MS] e <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/corumba/panorama> [para Corumbá]

Os dados destacados acima indicam uma situação socioeconômica desfavorável para Corumbá, em relação ao Estado de Mato Grosso do Sul. Destes dados, a taxa de ocupação, que corresponde aos empregos formais para a população com 16 anos ou mais, é surpreendente. A taxa revela um aspecto marcante da economia corumbaense: a existência de um amplo contingente da população ocupada em empregos informais ou desocupada. Acrescente-se a isto, o fato de que em 2022 cerca de 37,6% dos domicílios corumbaenses apresentarem rendimentos mensais de até meio salário-mínimo por pessoa.

Interpretar a realidade social pelos números pode ser desagradável, mas é necessário. E no caso de Corumbá, os números evidenciam a existência de um quadro problemático de pobreza e exclusão social. Dentro deste quadro, avançar nos estudos e conquistar uma oportunidade de trabalho formal demanda um grande esforço dos jovens. E para auxiliar neste esforço, a cidade conta com o trabalho socioeducativo da instituição Cidade Dom Bosco – um trabalho que envolve diversos projetos sociais e que será apresentado na sequência do texto.

2.2 A Missão Salesiana e a Instituição Cidade Dom Bosco

A escola moderna, desde sua criação, tinha como função social ensinar às crianças os códigos da modernidade, como leitura, escrita, cálculo, geografia, história e matemática. Estas disciplinas eram fundamentais para o avanço do modo de produção capitalista, evidenciando como as mudanças na produção da vida material foram a base para a criação das escolas cristãs. Um exemplo notável desse processo é a pedagogia implementada por Jean-Baptiste de La Salle (1651-1719) para adolescentes condenados pela justiça (Fernandes e Toledo, 2024).

La Salle (1651-1719) desenvolveu uma pedagogia voltada para adolescentes condenados pela justiça, alinhada às novas experiências protestantes. Esta abordagem foi um esboço inicial das escolas técnico-profissionais e das escolas normais para leigos. La Salle produziu o "Guia Conduite des Ecoles Chretiennes", que fornecia orientações para a correção de alunos que violassem regras. As correções poderiam ser realizadas através de palavras, uso da palmatória, varas de açoites e, em casos mais extremos, expulsão da escola (Fernandes e Toledo, 2024).

Apesar do uso de punições físicas, La Salle enfatizava a importância de evitar a humilhação dos alunos. Acreditava que a correção deveria melhorar o aluno e inspirá-lo a desejar se parecer com seu professor, promovendo um ambiente de respeito e crescimento.

A pedagogia dos Irmãos La Salle, ou Irmãos Lassalistas, iniciou sua presença no Brasil em 1907, com a chegada de doze irmãos na diocese em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. As primeiras comunidades educativas foram estabelecidas na capital gaúcha, expandindo-se para as regiões centrais do país após 30 anos (Fernandes e Toledo, 2024).

A missão dos Irmãos Lassalistas no Brasil cresceu significativamente, influenciando a educação e a formação de jovens em diversas regiões. Seus programas sociais e atendimentos socioeducativos continuam a contribuir para a educação e o desenvolvimento social no Brasil (Fernandes e Toledo, 2024).

Verifica-se desta forma que a relação entre educação e fé não é exclusividade dos salesianos. Atualmente, a Instituição Dom Bosco está presente em vários países no mundo, administrando escolas, oratórios, centros de formação profissional, abrigos e outras iniciativas voltadas para a juventude. Os salesianos trabalham com crianças e jovens de diferentes origens sociais e culturais, enfatizando a promoção dos direitos humanos, o respeito à diversidade e a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

No Brasil as Missões Salesianas começaram primeiramente nos estados Rio de Janeiro e São Paulo em 1883, em Mato Grosso a chegada se deu em 18 de junho de 1886, na cidade

de Corumbá – quando os atuais estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul estavam unificados – os salesianos de Dom Bosco chegaram em 1899 e as irmãs salesianas em 1902 e fundaram o colégio Santa Tereza, voltado para formação educacional da elite corumbaense. É possível pensar o pioneirismo dos e das salesianas em Corumbá por intermédio do excerto do trabalho de Monica Moraes, Kassar e Magalhães (2022, p. 13)

Na bibliografia, nos documentos e nos relatos não foi identificada a existência, em Corumbá, de uma ação pública organizada e específica de assistência às crianças pobres e/ou órfãs da população. Até o momento, mantém-se que iniciativas de particulares, tanto dos Salesianos quanto de famílias, acolheram e receberam crianças cujas condições de viver demandaram acolhimento.

Assim, entre as instituições salesianas em Corumbá, é comum encontrar escolas, oratórios, centros de formação profissional e projetos sociais voltados para crianças e adolescentes, seja para a elite corumbaense (como o Colégio Santa Tereza) ou para a população em situação de vulnerabilidade (como a Cidade Dom Bosco). Essas obras têm como objetivo atender a população local, especialmente os jovens, oferecendo oportunidades de desenvolvimento integral, educação acadêmica e formação religiosa.

A instituição denominada Cidade Dom Bosco faz parte da rede de instituições mantidas pela Missão Salesiana que agrega também as irmãs salesianas (filhas de Maria Auxiliadora) e os Salesianos Dom Bosco (SDB). É uma organização religiosa e educacional fundada por São João Bosco (Dom Bosco), um santo da Igreja Católica Romana, no século XIX⁸. São João Bosco foi um sacerdote italiano que dedicou sua vida a ajudar crianças e adolescentes em situações precárias, oferecendo-lhes educação, abrigo e formação religiosa. Sua ação não era voltada para o vigiar e punir, mas para cativar os educandos, assim a disciplina não era imposta e sim algo que partia do coração. Ele acreditava que a educação e a evangelização eram fundamentais para resgatar os jovens da pobreza e da marginalização, preparando-os para uma vida digna e responsável (Manfroi, 1997). Os salesianos têm como lema a frase "*Da mihi animas, caetera tolle*" (Dá-me almas, leva o resto), refletindo seu compromisso com o cuidado e a evangelização da juventude (Brocardo, 2005).

Inicialmente, chamada de Escola Alexandre Aurélio de Castro,⁹ e, posteriormente, Cidade Dom Bosco, por sua vez, foi fundada em 03 de abril de 1961 pelo Padre Ernesto

⁸ A Igreja Católica, desde meados do século XIX, manifestava preocupação com um maior enquadramento disciplinar e doutrinário, tanto dos clérigos como de seus fiéis, e tinha por referência os padrões europeus, processo que ficou conhecido por romanização.

⁹ Foi professor e em 1927 presidiu aa Associação Comercial de Corumbá. Disponível em <<https://www.acic.com.br/ex-presidentes>>

Saksida, com os objetivos de ofertar educação aos “menores carentes da cidade”; romanizar a população local (considerada por visitantes e militares como um local de comportamentos profanos); e domesticar os trabalhadores.

Atualmente a Cidade Dom Bosco, um complexo educacional construído na região mais vulnerável economicamente da cidade desempenhando papel relevante na promoção da educação e na proteção dos direitos das crianças e dos adolescentes nos municípios de Corumbá, Ladário e alunos que porventura residem na cidade boliviana de Puerto Quijarro.

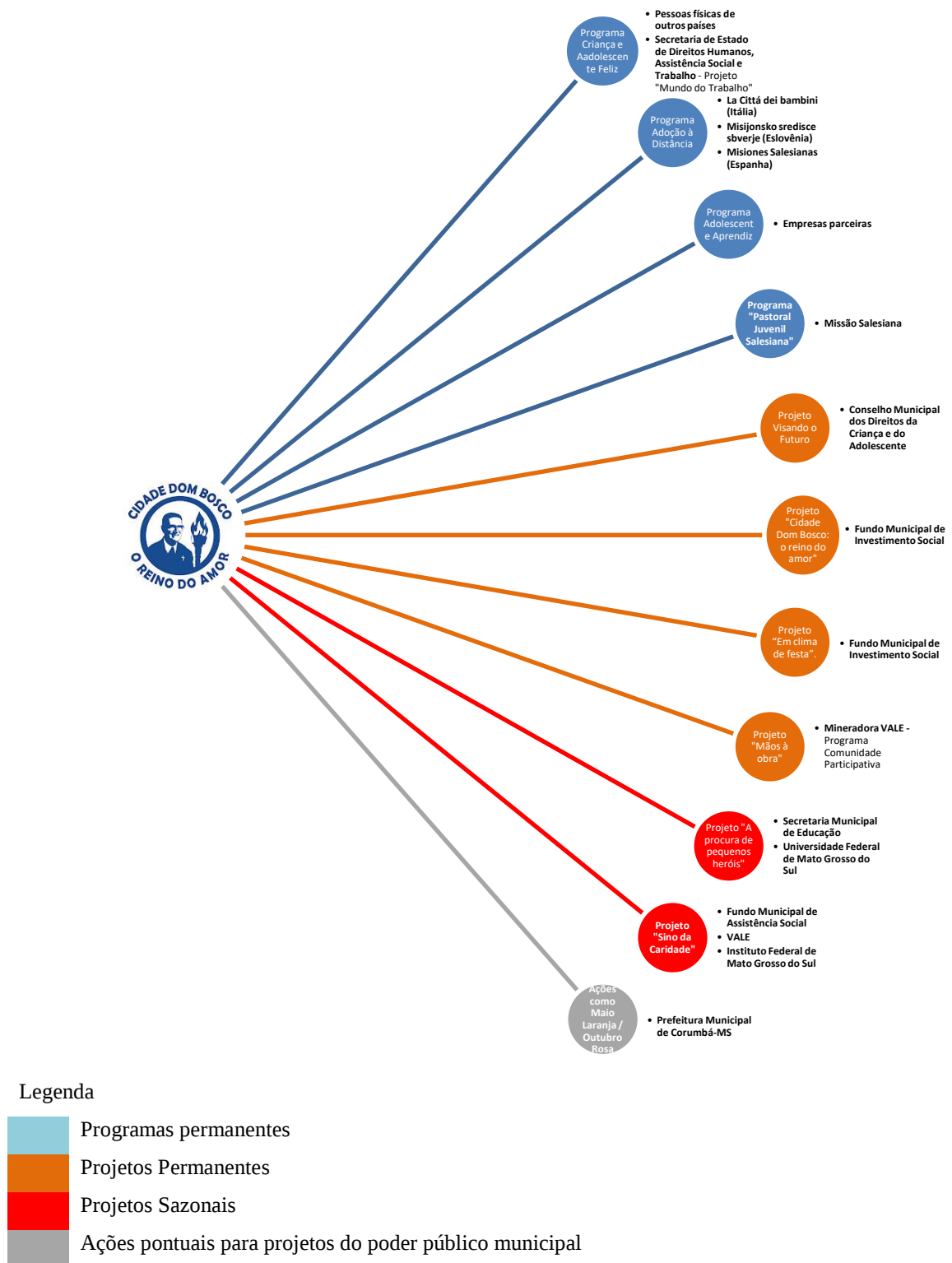
Na Cidade Dom Bosco, os salesianos possuem programas permanentes, projetos permanentes, projetos sazonais e dão suporte para realização de outros projetos pontuais de entidades públicas e privadas.

Atualmente, na esfera de recursos e parcerias, as pessoas físicas brasileiras fornecem donativos via declaração de imposto de renda, e pessoas físicas de outros países contribuem por meio do “apadrinhamento”, mecanismo organizado pela administração da Cidade Dom Bosco onde a doação pode ser direcionada à instituição, a uma criança, adolescente ou até mesmo grupo familiar. Com base nos documentos gentilmente disponibilizadas para consulta, pela administração da Cidade Dom Bosco, sabemos que em 2023, a instituição recebeu recursos procedentes dos programas assistenciais *La Città dei bambini* (padrinhos da Itália), *Misijonsko sredisce sbverje* (padrinhos da Eslovênia) e *Misiones Salesianas* (padrinhos da Espanha) (Cidade Dom Bosco, 2023).

Devido ao trabalho realizado durante décadas pelo Padre Ernesto Saksida, um dos fundadores da Cidade Dom Bosco, existem fortes vínculos entre os salesianos de Corumbá e os padrinhos que residem na Europa, e, particularmente, na Itália. Periodicamente, os padrinhos, em nome dos ideais salesianos, enviam para Corumbá doações monetárias que são utilizadas para a realização das atividades em contraturno escolar e para apoio emergencial das famílias atendidas pelo Programa “Adoção à Distância”.

Além dos recursos procedentes do Programa “Adoção a Distância”, a Cidade Dom Bosco também recebe recursos do poder público, realizando em contrapartida projetos sociais para crianças em situação de vulnerabilidade. Um destes projetos, intitulado “Mundo do Trabalho”, promovido pela Secretaria de Estado de Direitos Humanos, Assistência Social e Trabalho, visa preparar as crianças e os jovens para atuação no mercado de trabalho formal. Outro projeto social desenvolvido que também recebe recursos da Prefeitura Municipal é o Projeto Criança e Adolescente Feliz (PCAF). Os recursos para custeio de todas as ações advêm de pessoas físicas, jurídicas e governamentais; as ações, períodos e parcerias podem ser visualizados no gráfico de relação abaixo:

Imagem 2: Diagrama de organização dos programas, projetos e parcerias



Fonte: elaborado pelo autor a partir de documentos cedidos pela instituição e informações constantes no site oficial da Cidade Dom Bosco

O Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, com a efetivação do projeto "Visando o futuro", oferta oficinas socioeducativas que estimulam habilidades e

competências como: criatividade, pensamento crítico, comunicação, colaboração, atenção, curiosidade, coragem, resiliência, ética, liderança e auto percepção, estes que são atributos indispensáveis para uma convivência de qualidade em sociedade, pois, possivelmente proporcionará ao público alvo maior capacidade de resolução de conflitos de forma assertiva (Cidade Dom Bosco, 2023).

O Fundo Municipal de Investimento Social prevê suporte financeiro à organização direcionado a despesas mensais (gêneros alimentícios, uniformes, livraria etc.), a fim de garantir a continuidade das atividades aos beneficiários.

O Fundo Estadual de Assistência Social, através do financiamento do projeto “Em clima de festa”, propõe o desenvolvimento de uma oficina de produção artesanal de confeitaria, salgados e doces de festa, que possibilitará a aprendizagem de um ofício e consequente geração de renda familiar. A Mineradora VALE, colabora realizando o projeto “Mãos à obra”, que desenvolve uma oficina de barbearia junto aos adolescentes atendidos pela Cidade Dom Bosco.

Atualmente os quatro principais programas da Cidade Dom Bosco são o “Criança e Adolescente Feliz” (PCAF), “Adoção a Distância”; “Adolescente Aprendiz”¹⁰ (Cidade Dom Bosco, 2023) e a “Pastoral Juvenil Salesiana”, todos estes seguem as diretrizes do serviço social a nível de proteção social básica, e, consequentemente, atendendo a população em situação vulnerabilidade.

A pedagogia salesiana, desenvolvida por Dom Bosco, é baseada em três princípios fundamentais: a razão, a religião e o *amorevolezza* (bondade, carinho e o amor demonstrado). É sobre este tripé de razão, religião e *amorevolezza* que se baseia o “Sistema Preventivo”, como é denominado a educação salesiana que anseia formar o jovem por completo.

O Sistema Preventivo não é fruto de estudos acadêmicos, todavia, há mais de 150 anos é aplicado em escolas salesianas, onde os princípios morais são considerados como intocáveis, com educação voltada para os valores cristãos, nas escolas têm sempre um espaço para prática religiosa individual, fora do horário de aula os alunos participam da pastoral, sendo a pastoral considerada o coração da escola pois além de educar, também evangeliza e prepara para o trabalho do colégio. Os alunos comungam de um ambiente escolar familiar e comunitário, desta forma o trabalho pastoral concretiza o evangelho por meio da educação.

A abordagem do Sistema Preventivo reflete uma filosofia educacional que vai além da

¹⁰ O Programa Adolescente Aprendiz realiza a inserção de adolescentes e jovens no mercado de trabalho formal, para isso desenvolve o curso de assistente administrativo, como uma forma de preparação para a atuação profissional (Cidade Dom Bosco, 2023).

mera prevenção de comportamentos indesejáveis. Ela enfatiza a importância de cultivar uma mentalidade proativa, que não apenas evita problemas, mas também busca ativamente promover o bem-estar e o desenvolvimento integral dos alunos. Dito de outro modo, o Sistema Preventivo, baseia-se na ideia de que educar vai muito além da transmissão de conhecimento acadêmico; envolve também o cultivo de virtudes, o desenvolvimento pessoal e o acompanhamento individualizado dos estudantes em seu caminho para realizar seus projetos de vida. Ao incorporar elementos como ardor, tato, bom senso, equilíbrio, afeto e sabedoria, essa abordagem reconhece a complexidade da experiência humana e a importância de abordar a educação compassivamente.

A razão, representada pela educação acadêmica e profissional, visa ao desenvolvimento intelectual e habilidades práticas dos jovens. A religião, por sua vez, aborda a formação espiritual e moral, incentivando-os a serem pessoas de valores éticos. O amor envolve o cuidado, a atenção e o apoio afetivo que os educadores salesianos oferecem aos jovens, criando um ambiente acolhedor e seguro (Brocardo, 2005).

Devido à importância dada pelo Sistema Preventivo à relação interpessoal e ao acompanhamento individualizado dos alunos, o colégio também dispõe de espaços para orientação pedagógica e apoio psicológico, onde os educadores podem interagir de forma próxima com os estudantes, promovendo seu desenvolvimento integral.

Os padrinhos realizam doações em quantias monetárias, que são utilizadas para a realização das atividades em contra turno escolar e para apoio emergencial das famílias atendidas pelo Programa Adoção a Distância (Cidade Dom Bosco, 2023).

As ações da organização buscam a prevenção de situações de riscos, através de aquisições e desenvolvimento de potencialidades, além de proporcionar o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários, por meio da oferta de oficinas de geração de renda, manuais, culturais, esportivas, lazer, inserção no mercado de trabalho e Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV).

O conjunto de ações desenvolvidas busca proporcionar aos atendidos a aquisição de habilidades e competências necessárias para convivência em sociedade, estimulando o delineamento de um projeto de vida e inserção social.

Atualmente as oficinas socioeducativas ofertadas são libras, artes, teatro, música, dança e educomunicação,¹¹ concernente à oportunidade de geração de renda será realizado um

¹¹ Dr. Ismar de Oliveira Soares, professor na USP, educomunicação pode ser definido como conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o

curso de confeitaria para familiares de educandos, ademais a organização desenvolve, ao longo do ano, temáticas como: dia da mulher, 18 de maio – Combate ao abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes, 12 de junho – dia mundial contra o trabalho infantil, agosto lilás (mês dedicado a prevenção da violência contra mulher), setembro amarelo (prevenção ao suicídio), outubro rosa (prevenção ao câncer de mama), novembro azul (prevenção ao câncer de próstata) (Cidade Dom Bosco, 2023). São desenvolvidas outras atividades, tais como: buscas ativas e visitas domiciliares com a finalidade de buscar informações sobre o grupo familiar dos atendidos e enriquecer o processo de acompanhamento social e encaminhamentos para a rede municipal de proteção, a fim de garantir os direitos sociais dos atendidos.

A Cidade Dom Bosco oferta também o Programa Jovem Aprendiz, que realiza a inserção de adolescentes e jovens no mercado de trabalho formal, para isso desenvolve o curso de assistente administrativo, como uma forma de preparação para a atuação profissional (Cidade Dom Bosco, 2023). O conjunto de ações desenvolvidas buscam proporcionar aos atendidos a aquisição de habilidades e competências que proporcionem uma convivência sadia em sociedade, estimulando o delineamento de um projeto de vida e inserção social.

2.3 O Programa Criança e Adolescente Feliz (PCAF) e o Programa Criança Feliz (PCF)

Na cidade de Corumbá, o Programa Criança e Adolescente Feliz (PCAF), funciona desde 1972, implantado pelo padre Ernesto Saksida, fundador da Cidade Dom Bosco (falecido em 2013) com o apoio de colaboradores e tem o objetivo de promover o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Segundo informações cedidas pela atual coordenação do programa o programa atende, em média, cerca de 450 (quatrocentos e cinquenta) crianças e adolescentes durante o ano.

A filosofia salesiana se faz presente em todos os momentos dentro do programa e por intermédio das atividades desenvolvidas, os professores e instrutores buscam abordar temas como: honestidade; protagonismo juvenil; projeto de vida; acolhida; valores humanos; anúncio do evangelho, dentre outros.

O Colégio Dom Bosco de Corumbá, como parte da Rede Salesiana Brasil de Escolas segue os princípios arquitetônicos típicos das instituições salesianas, prioriza espaços amplos e funcionais para a educação e o desenvolvimento dos alunos. Na parte escolar do complexo temos salas de aula bem equipadas, laboratório, biblioteca, quadras esportivas, áreas de

recreação e convivência. Em outras partes do complexo ficam situados espaços dedicados à pastoral e atividades do PCAF.

O PCAF é um programa idealizado e implementado pelo Padre Ernesto Saksida, todavia, comumente é confundido com o Programa Criança Feliz que é do governo federal. Friso aqui esta distinção e para tanto explico em qual contexto o programa federal se insere.

O Brasil busca, racionalmente, promover a seguridade social para tanto temos o Ministério do Desenvolvimento Social (MDS) e suas intervenções como a Política Nacional de Assistência Social (PNAS) (Brasil, 2006).

O PNAS com o objetivo de tornar a gestão mais dinâmica (participativa) e descentralizada criou no ano de 2005 o Sistema Único de Assistência Social (SUAS) que para materializar-se instituiu o CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) e o CREAS (Centro de Referência Especializada de Assistência Social). No sentido de condições de vulnerabilidades tem-se programas como o PROJOVEM para lidar com questões que se relacionam, dentre outros, ao abandono, abuso sexual, psíquico e físico, substâncias psicoativas, trabalho infantil e fortalecimento de vínculos (Brasil, 2006).

O Programa Criança Feliz (PCF) foi instituído pelo Decreto nº 8.869, de 5 de outubro de 2016, com caráter intersetorial e tendo em vista promover o desenvolvimento integral das crianças na primeira infância, considerando sua família e seu contexto de vida. Coordenado pelo Ministério de Desenvolvimento Social e Agrário, o programa articula ações das políticas de assistência social, saúde, educação, cultura, direitos humanos, tendo como fundamento a Lei nº 13.257, de 8 de março de 2016, conhecida como “Marco Legal da Primeira Infância”.

O PCF fortalece a trajetória brasileira de enfrentamento da pobreza com redução de vulnerabilidades e desigualdades e potencializa a integração do acesso à renda com inclusão em serviços e programas. Renova, ainda, os compromissos do Brasil com a atenção às crianças com deficiência beneficiárias do Benefício de Prestação Continuada (BPC) e suas famílias e também às crianças privadas do convívio familiar, em serviços de acolhimento, e suas famílias (Brasília, 2017).

De acordo com o Art. 3º do Decreto nº 8.869 de 2016 o Programa Criança Feliz tem como objetivos

promover o desenvolvimento humano a partir do apoio e do acompanhamento do desenvolvimento infantil integral na primeira infância; apoiar a gestante e a família na preparação para o nascimento e nos cuidados perinatais; colaborar no exercício da parentalidade, fortalecendo os vínculos e o papel das famílias para o desempenho da função decuidado, proteção e educação de crianças na faixa etária de até seis anos de idade; mediar o acesso da gestante, de crianças na primeira infância e de suas famílias a políticas e serviços públicos de que necessitem; Integrar, ampliar e fortalecer ações de políticas públicas voltadas para as gestantes, crianças na primeira

infância e suas famílias (Brasil, 2016).

Com a afirmação de gestores municipais que desde a criação do PCF havia, por parte do governo federal, subfinanciamento e descolamento deste do SUAS, houve em 29 de agosto de 2023 a publicação da Resolução CNAS/MDS 117/2023 houve o reordenamento do PCF para o Programa Primeira Infância no Sistema Único da Assistência Social (SUAS) e passou seguir as diretrizes estabelecidas no Marco Legal da Primeira Infância. O programa passou a ser denominado "Programa Primeira Infância no SUAS/Criança Feliz". O processo de reordenamento ocorreu gradualmente, sendo garantido orçamento específico para Estados e Municípios, destinado à manutenção do atendimento às crianças e gestantes. Os objetivos do reordenamento foram a melhoria da qualidade do atendimento, fortalecimento das políticas públicas, sustentabilidade financeira, integração e coesão, ampliação do atendimento.

Guardada as devidas proporções, enquanto o programa federal “Criança Feliz” apresentou subfinanciamento e descolamento das políticas públicas o programa salesiano “Criança e Adolescente Feliz” permanece por décadas e sua estrutura tem se aprimorado com o tempo. Salutar pensar que o Programa Criança Feliz foi inserido ao SUAS, presente em 99,4% dos municípios brasileiros e recebe verbas do governo federal, estadual e municipal o Programa Criança e Adolescente Feliz, desde seu início foi custeado exclusivamente por parcerias com pessoas físicas de outros países e, posteriormente, parcialmente com recursos do governo estadual. Novamente, destaca-se aqui a credibilidade e compaixão despertada pela figura do Padre Ernesto Saksida. Solicito licença ao leitor para uma descrição, marcada por impressões pessoais, a respeito de Padre Ernesto Saksida, haja vista sua postura vanguarda e resiliente para manter os projetos e programas sociais da Cidade Dom Bosco.

O ainda adolescente esloveno de 16 anos seguiu sua vocação e decidiu pela vida religiosa, ao tornar-se salesiano, o agora Padre Ernesto Saksida, mudou-se para o Brasil, onde fundou em Corumbá a Cidade Dom Bosco da ordem salesiana, projeto social que visa proporcionar educação, abrigo e cuidado a crianças e adolescentes carentes. Esta iniciativa teve e tem um impacto significativo na comunidade, oferecendo esperança e oportunidades a muitos jovens (Prefeitura Municipal de Corumbá, 2017).

A presença de Padre Ernesto Saksida se assemelhava ao percurso calmo de águas limpas e cristalinas, sendo assim por décadas, um homem alto, com olhar calmo, passos largos e tranquilos; sua presença era comum no pátio, entre as salas de aulas, sempre acessível, com voz baixa e firme suas mensagens eram pautadas no amor e cidadania. Entre os detentores de poder ou recursos financeiros sua presença também se fazia, o motivo era

recorrente: buscar recursos para manter os projetos e programas da instituição.

Ao longo de alguns meses fomos percebendo que a nossa “água tranquila” estava perdendo suas forças e, em 13 de março de 2013, aconteceu sua partida deste plano. Era como se cada um de nós estivéssemos órfãos pela primeira ou segunda vez. Sua morte foi noticiada em todos os veículos de imprensa sendo decretado luto oficial na cidade por três dias. A despedida aconteceu no pátio da Cidade Dom Bosco com a presença massiva de crianças, adultos e admiradores, além de autoridades católicas da capital Campo Grande e de personalidades políticas de partidos rivais como prefeito e ex prefeito da época.

Sua saída da Cidade Dom Bosco aconteceu no Caminhão do Corpo de Bombeiros, passando pelas principais ruas da cidade até chegar ao cemitério Santa Cruz. Nos dias posteriores de sua morte a paz continuava na Cidade Dom Bosco, mas desta vez ela tinha como parceira a tristeza. Padre Ernesto Saksida dedicou sua vida ao trabalho social e à educação na tradição de Dom Bosco. Seus esforços em Corumbá deixaram um legado duradouro e ele tem sido lembrado, na comunidade local, por sua compaixão, dedicação e serviço incansável aos necessitados (Fernandes, 2013).

3. OS EGRESSOS DO PCAF DA CIDADE DOM BOSCO E AS SUAS PERCEPÇÕES SOBRE OS SIGNIFICADOS DO PROJETO

Neste capítulo, apresento, sucintamente, a trajetória de vida dos egressos do PCAF que participaram da pesquisa. Em respeito a identidade nominal dos oito (08) egressos, na sequência do texto, eles serão identificados pela letra E, seguida de um número (E1; E2; etc.)

E01 – “Foi a música de coroação e isso me marcou”

A primeira entrevistada chegou ao Programa Jovem Aprendiz do PCAF com dezoito anos como resultado de sua participação na pastoral da Instituição Dom Bosco. De uma família em vulnerabilidade, onde apenas a mãe trabalhava e a avó materna auxiliava, nossa entrevistada deixa impregnado em seu relato uma educação associada a religião. Destaca-se nas reflexões da interlocutora a importância da alimentação e banho que recebia quando pequena no PCAF, segundo a mesma, essas atividades diminuía a tensão sobre o orçamento familiar, haja visto, que apenas sua mãe trabalhava e o pai estava impossibilitado de trabalhar. Durante o período de pandemia da Covid-19, E01 permaneceu ativamente no PCAF e mesmo assim, seu relato deixa claro a preocupação e proximidade que os professores e monitores possuíam com os alunos. Atualmente, E01 cursa pedagogia e está envolvida nas atividades da Instituição Dom Bosco.

A abordagem da educação salesiana valoriza o cuidado pastoral, ou seja, o acompanhamento e suporte espiritual dos alunos, incentivando a consciência espiritual e uma compreensão mais profunda da própria fé, enfatiza valores morais e religiosos, como bondade, honestidade, respeito e serviço aos outros, com prioridade para o desenvolvimento das habilidades sociais dos alunos, como a capacidade de trabalhar em equipe, resolver conflitos de forma construtiva e liderar com empatia (Pinheiro, 2011).

Como exposto, Dom Bosco possuía uma visão inclusiva da educação, acolhendo jovens de todas as origens sociais e econômicas. Isso se reflete na abordagem salesiana, que valoriza a diversidade e promove a inclusão de todos os alunos, independentemente de suas circunstâncias. Além da educação acadêmica, os salesianos também valorizam a formação técnica e profissional dos alunos. Isso pode preparar os indivíduos para ingressar no mercado de trabalho com habilidades práticas e conhecimento especializado.

A educação na Instituição Dom Bosco incentiva os alunos a se tornarem cidadãos ativos e responsáveis, contribuindo para o bem-estar da comunidade e da sociedade em geral,

com o objetivo de obter uma geração de líderes comprometidos com o bem público e comum.

E02 “...a minha melhor lembrança da infância e da minha juventude...”

A segunda entrevistada chegou a Instituição Dom Bosco em sua transição de criança para adolescência. Oriunda de um dos bairros mais vulneráveis da cidade, a composição familiar de E02 envolvia avós, irmãos e sua mãe, que provinha o sustento da casa e era solo. No discurso da nossa interlocutora fica evidente a importância que a família dava para a educação e, particularmente de sua mãe, em vê-la afastada de possíveis más influências que algumas pessoas do bairro pudessem exercer sobre a filha.

E02 destaca que era um sonho participar da Instituição Dom Bosco e como era difícil, na sua época, adentrar no sistema salesiano. Contudo, sua mãe persistiu e via na Instituição a chance para que sua filha trilhasse caminhos considerados “corretos”.

Dentro do PCAF a entrevistada participou de diversas oficinas e do reforço escolar que era oferecido na época e ressalta os recursos físicos e humanos necessários que o espaço projeto dispunha. E02 foi uma das participantes do Projeto Jovem Aprendiz o que a habilitou para atuar na EMBRAPA e sua atuação foi destaque neste local, continuamente continuou estudando a noite e fez cursinho pré-vestibular gratuito o que a preparou para prestar a prova do ENEM e receber pontuação suficiente para ingressar no curso superior de administração, durante a etapa de pré-vestibular até a entrada na universidade E02 foi assistida pelo Programa de “Adoção à Distância” e por isso recebeu suporte, como o aparelho de notebook, ao ingresso no ensino superior. Embora o cuidado da família para uma educação formal com qualidade, a entrevistada detalha as oficinas que participou, os comportamentos de apoio e carinho dos professores e como a postura de toda equipe a incentivou em sua formação como cidadã, sendo emblemática em sua fala a importância do PCAF em suas memórias afetivas.

E03 “...conforme o tempo passava e eu construía a minha vida e os meus princípios”

Este egresso também cresceu na Instituição Dom Bosco e a sua inserção no programa aconteceu naturalmente. Assim como o egresso mencionado anteriormente, o E03 tinha especial interesse pela música e durante sua passagem pela Cidade Dom Bosco, desenvolveu a habilidade para tocar violão. Esta habilidade possibilitou ao jovem exercer o ofício de músico – ofício que ainda exerce atualmente.

Sua família, na época de ingresso no PCAF, era composta de sua mãe e irmão, o

jovem afirma que a alimentação e outros recursos básicos de sua casa eram limitados, por isso, tomar banho e fazer refeições no PCAF eram tão importantes pois tirava de sua mãe solo a sobrecarga de todos os gastos familiares. O trabalho desenvolvido pelos professores e monitores é relatado por E03 como fundamental em sua vida, sendo praticamente uma base para sua constituição como ser humano e cidadão.

E03 participou de todos os projetos da instituição como “Adoção a Distância” e “Jovem Aprendiz”. Atualmente trabalha como auxiliar administrativo e toca violão em eventos. Ele ressalta que a formação recebida no cotidiano do PCAF e as oficinas que participou influenciou na sua formação, como profissional e como cidadão.

É amplamente conhecido os benefícios da aprendizagem musical estando associada a um melhor desenvolvimento cognitivo e nas habilidades como memória, atenção, raciocínio e resolução de problemas (Barbosa, 2009). A educação musical permite que os alunos explorem e expressem uma ampla gama de emoções por intermédio da criação e interpretação musical, realidade que auxilia no desenvolvimento da inteligência emocional e na capacidade de lidar com as próprias emoções. Percebe-se na fala dos entrevistados que ao dominar um instrumento, cantar uma música ou realizar apresentações em público, aumenta a autoconfiança e a autoestima dos alunos, haja visto, o reconhecimento e a valorização de habilidades musicais resultam no desenvolvimento de uma imagem positiva de si mesmos (Barreto; Chiarelli, 2005).

E04 – “...a gente tinha que dar o nosso melhor nas condições que nós tínhamos”

Nossa quarta personagem está na Instituição Dom Bosco, há dois anos sua inserção no programa aconteceu por indicação dos amigos. O interesse foi no Programa Jovem Aprendiz, seus maiores envolvimento foram os eventos religiosos e o Curso de Administração. Por meio deste Curso, ela recebeu a oportunidade de trabalhar no setor administrativo da Cidade Dom Bosco.

Sua família era composta por seu pai, mãe e irmã, a jovem afirma que as necessidades básicas da família eram supridas, mas de forma limitada. Não havia espaço para qualquer tipo de desperdício alimentar nem tão pouco atividades de lazer. A relação estabelecida com os professores e monitores é relatada por E04 imprescindível para o exercício profissional, haja vista, que sua inserção no Programa Jovem Aprendiz rapidamente a conduziu ao ambiente de trabalho de uma empresa, gerando-lhe incerteza sobre sua capacidade em aplicar os conhecimentos adquiridos e gerir situações da rotina de uma empresa.

E04 participou das oficinas de libras, artes e karatê do Programa Criança e

Adolescente Feliz, sendo o aprendizado destas oficinas fomentadores de um melhor posicionamento e explanação diante de questões como trabalho, cidadania e família. Atualmente trabalha como auxiliar administrativo além de participar ativamente das atividades religiosas dos salesianos.

A educação salesiana se opõe à ociosidade ao promover tanto o trabalho material quanto o intelectual para tanto, as escolas incorporam conceitos como higiene pessoal, ordem, disciplina, urbanidade, civismo. Esses valores são amplamente valorizados pela sociedade burguesa e pelos representantes do Estado que esperavam o respeito e a participação ativa na vida comunitária e cívica, se alinhando aos ideais de progresso e civilização.

E05 “...eu costume dizer pra minha família, meus amigos, [...] a professora VC, ela teve uma importância muito grande em relação a minha trajetória de vida...”

O quinto jovem chegou na Instituição Dom Bosco também aos 16 anos, ao saber que o então projeto havia se mudado e estava oferecendo uma nova forma de educação procurou ingressar na instituição. Oriundo de uma família composta por cinco pessoas, com pai, mãe e mais dois irmãos, apenas o pai trabalhava regularmente, como pescador – fato que levava a família depender do recurso do governo durante o período de Piracema¹². Advindo de um dos bairros mais vulneráveis da cidade, E05 assegura que a entrada no PCAF aconteceu em um momento delicado, que não quis especificar os motivos, onde precisava não apenas de auxílio dos amigos, mas de todos professores e monitores da instituição.

No discurso do nosso interlocutor fica evidente a relevância do convívio comunitário oferecido pelo espaço físico e psíquico da instituição, além do impacto que professores específicos tiveram para toda sua trajetória. Fato que o faz ter consigo a promessa de voltar ao PCAF para dizer essa relevância para os professores. Dentro do PCAF o entrevistado

¹² A piracema é o período de migração reprodutiva dos peixes de água doce. A palavra "piracema" tem origem no Tupi-Guarani, onde "pira" significa peixe e "sema" significa subida. Este processo é essencial para a continuidade das espécies, pois garante que os ovos sejam depositados em locais seguros, com condições favoráveis para o desenvolvimento dos alevinos, no Estado de Mato Grosso do Sul o período de piracema onde fica estabelecido o “defeso”, que corresponde ao intervalo temporal entre 5 de novembro a 28 de fevereiro que órgãos governamentais proíbem a pesca, exceto aquela praticada para subsistência da população ribeirinha. Disponível em < <https://www.imasul.ms.gov.br/sabado-e-o-ultimo-dia-com-pesca-liberada-no-ano-no-domingo-dia-5-comeca-a-piracema/#:~:text=O%20termo%20tem%20origem%20da,de%20Mato%20Grosso%20do%20Sul.>> Em Mato Grosso do Sul, o pescador profissional artesanal pode solicitar o seguro defeso, para minimizar suas perdas salariais durante a piracema. No seguro defeso os pescadores inscritos no RGP (Registro Geral da Atividade Pesqueira), Ministério da Pesca e Aquicultura e que tenha realizado o pagamento da contribuição previdenciária nos últimos 12 meses imediatamente anteriores ao requerimento do benefício, ou desde o último período de defeso. Tem direito a um salário mínimo durante os quatro meses da piracema. Disponível em < <https://www.campograndenews.com.br/economia/no-estado-3-2-mil-pescadores-podem-solicitar-seguro-durante-a-piracema>>

participou de diversas oficinas como karatê, música, teatro e dança, entretanto a que mais lhe apetecia eram as oficinas de dinâmica onde podia se expressar melhor. E05 foi um Jovem Aprendiz e seu discurso evidencia não apenas o ensino formal oferecido no Programa Jovem Aprendiz, mas em como os professores orientavam sobre posturas no ambiente de trabalho, fica evidente também seu apreço pelos recursos físicos que o espaço projeto dispunha. E05 foi uma das participantes do Programa Jovem Aprendiz o que segundo o interlocutor foi fundamental para perceber a realidade que estava inserido. Atualmente, E05 é militar e desempenha função administrativa, aplicando tudo o que aprendeu no curso oferecido pelo programa e durante o estágio. Contudo, o que modificou foi sua renda, sendo três vezes maior do que recebia antes, fato que alterou o estado de vulnerabilidade que vivia sua família.

E06 “...eles têm uma forma de educação que poxa cara, é excepcional, velho! Excepcional mesmo!...”

O sexto entrevistado chegou na Instituição Dom Bosco aos 17 anos, ao ser convidado a participar por um amigo. Como ficava ocioso após o período de aula pensou ser uma boa oportunidade de conhecer outros locais. O entrevistado ressaltou que sua família passava por “aperto”, em sua casa eram dez pessoas, seu pai, mãe e mais oito filhos. Logo, por mais que os pais trabalhassem E06 e os irmãos não tinham acesso a qualquer tipo de brinquedos ou estímulos, o dinheiro se resumia em suprir as necessidades básicas, mas os pais sempre exigiram muito o estudo.

Mesmo ficando vinculado apenas dois anos no Instituição Dom Bosco E06 participou de todas as oficinas do PCAF e cursos do Programa Jovem Aprendiz, pontuando sua atenção especial para o curso de administração, recursos humanos, informática e de música (no que tange a leitura de partituras). A realidade de quase penúria levou E06 a se engajar com mais vontade no Programa Jovem Aprendiz, considerando que a bolsa recebida no estágio ajudava substancialmente seus pais e irmãos.

E06 informou as empresas que teve oportunidade de estagiar e, posteriormente trabalhar. Ao lembrar dos espaços físicos da Instituição Dom Bosco, o jovem expressou seu encantamento sobre as salas climatizadas, os jogos disponibilizados no pátio, da boa qualidade das refeições. E as suas boas memórias incluem o tratamento recebido dos profissionais, ressaltando o quão notório era a sincronia e companheirismo entre os professores, monitores, cozinheiras e administrativos do PCAF. E06 ressalta que os ensinamentos recebidos no Programa Jovem Aprendiz facilitaram o ingresso na carreira militar sendo destacado, durante o processo de recrutamento, para o serviço administrativo

com o uso de computador. Em uma fala entusiasmada o entrevistado se recorda do suporte psicológico recebido nos programas considerando que isso preveniu o desenvolvimento de ansiedade e depressão, ademais aponta que outros amigos que participaram com ele do PCAF e Jovem Aprendiz também estão no exército ou marinha, realizando trabalho administrativo, tocando em banda e sendo promovidos na carreira militar. Além disso considera que outras crianças que cresceram com ele, mas não receberam suporte de qualquer instituição hoje estão semianalfabetos e ou submersos nos desdobramentos da violência.

E07 “...eu gostei muito de ficar nessa oficina, fiquei e não quis mais sair daquela oficina...”

A sétima entrevistada chegou a Instituição Dom Bosco ainda criança, com sete anos de idade, e começou, por incentivo dos familiares que já participaram, das atividades no PCAF e permaneceu por dez anos. E07 compunha uma família com pai, mãe e quatro filhos, mas somente o pai trabalhava com registro em carteira de trabalho. Com uma renda baixa para sustento de todos os membros a família era caracterizada como em situação de vulnerabilidade.

Dentro do PCAF a entrevistada participou de diversas oficinas e do reforço escolar ressaltando seu interesse pela oficina de música, foi um apreço muito profundo o que a fazia aliar as outras oficinas e cursos com a realização da música. E07 participou do Projeto Jovem Aprendiz o que a habilitou para atuar no estágio oferecido em outra instituição salesiana, lugar onde permanece até hoje como auxiliar de educação. A entrevistada detalha os suportes emocionais e sociais que recebeu além do apoio e carinho dos professores e monitores.

E08 – “É com amor, é com amor”

Nossa oitava entrevistada cresceu nos pátios da Instituição Dom Bosco, sua entrada nos projetos e programas se deu pela curiosidade sobre as falas de seu irmão mais velho que já participava dos projetos.

Na época do ingresso no programa, a sua família era composta por cinco pessoas e trabalho do pai era a principal fonte de sustento do grupo. Nos seus relatos, a egressa narrou lembranças dos laços afetivos que construiu com os coordenadores, professores e monitores. Novamente, como na narrativa de outros entrevistados, o envolvimento dos professores e a profusão de afeto mereceram destaque.

Em nenhum momento a entrevistada sugere que o PCAF tenha suprido figuras

familiares, todavia, ela estabeleceu, nas suas memórias, o papel de cada instituição (família e instituição educacional) e explicou como ambos se complementavam. Desta forma, o medo em falar publicamente foi substituído por uma fala que imprime segurança, foi a oficina de teatro que a impulsionou comunicar-se em público.

Para a E08, a sua condição de cidadã está diretamente relacionada ao resultado da educação salesiana: uma educação baseada no amor. Atualmente, E08 é acadêmica do curso de administração e trabalha como auxiliar administrativa. Ao falar das condições financeiras atuais da sua família, a E08 afirma que, devido às políticas públicas governamentais de transferência direta de renda, e devido ao fato que ela possui um trabalho remunerado, a situação familiar melhorou.

3.1 Categoria 1: O PCAF no contexto da educação salesiana

À luz dos pilares do Sistema Preventivo procurei articular os relatos de egressos, para tanto demonstro a vinculação da educação a fé, o “ser cidadão”, e a rede orgânica de auxílio.

A religião desempenhava um papel fundamental na relação entre educadores e educandos, sendo uma referência de reciprocidade e amor. Dom Bosco entendia que a prática religiosa não deveria ser apenas uma série de rituais formais, mas sim uma expressão genuína de amor ao próximo e de serviço (Souza, 2012).

A educação para Dom Bosco deve promover uma abordagem de reciprocidade na relação entre educadores e educandos, onde ambos os lados contribuíam para o bem-estar e o crescimento um do outro. Ele reconhecia o valor único de cada jovem e incentivava a participação ativa deles no processo educacional, criando assim uma atmosfera de colaboração e respeito mútuo.

Segundo Dom Bosco a educação não se limitava a práticas externas, mas incluía uma dimensão moral e espiritual profunda. Desta forma Dom Bosco buscava educar os jovens não apenas intelectualmente, mas também moralmente e espiritualmente, ajudando-os a desenvolver valores éticos e uma conexão pessoal com sua fé. Para ser completa a educação precisa ter a religião, sendo primordial para uma vida de sucesso (Souza, 2012). Sobre uma presença educativa Giovane de Souza (2012) analisa que

A presença educativa entre os educandos é parte importante na aplicação do sistema preventivo de D. Bosco; jamais se concebeu na educação salesiana um distanciamento entre educandos e educadores. Um pressuposto para uma digna aplicabilidade e resultados otimizados é o envolvimento fraterno dos educadores com os educandos, fato que no sistema preventivo denomina-se presença, ou, como

antes se chamava, “assistência”. Existem condições para que uma presença se torne de fato educativa. Em primeiro lugar, as pessoas nas relações educativas devem saber e estar conscientes e assumir, através de posturas e atitudes, a própria identidade e função como educadores; bem como os educadores devem agir como tais, vale dizer, não podem deixar de se importar com os educandos. (p. 61)

Uma vez assumida a presença entre os educandos como fator importante no sistema preventivo, os educadores, além de conscientes, vão percebendo que os jovens ou crianças deixar-se-ão mover pela interação educativa, quando passam a admirar e a reconhecer no educador uma pessoa amiga com a qual poderão contar. São expressões educativas que não se proclamam, mas são vivenciadas simplesmente no cotidiano das tarefas e encontros. Uma presença amiga sempre vai permitir que o educando seja ele mesmo em suas posturas de relações simples; ao lado de estabelecer todas as facetas possíveis de uma confiança enriquecedora, o educando sentir-se-á acolhido e disposto a assumir as propostas ou caminhos a serem percorridos com agrado e ânimo (Souza, 2012).

Para ser bom cidadão Dom Bosco enfatizava a importância de reconhecer tanto os direitos quanto os deveres de todos os membros da sociedade. Isso significava não apenas exigir os próprios direitos, mas também assumir as responsabilidades que vêm com a cidadania, como contribuir para o desenvolvimento da comunidade, respeitar as leis e promover a justiça social.

Portanto, ser um bom cidadão envolve não apenas cumprir as leis, mas também viver de acordo com os princípios cristãos, reconhecendo e respeitando os direitos e deveres de todos como fundamentais para a construção de uma sociedade (Souza, 2012).

A cultura do espírito educativo salesiano, influenciada pelas ideias e práticas de Dom Bosco, enfatiza a importância do cumprimento dos deveres como alicerce para relações sociais saudáveis e para a formação integral dos indivíduos. Esse princípio reflete a visão de Dom Bosco de que a educação não se limita apenas à transmissão de conhecimentos acadêmicos, mas também engloba o desenvolvimento moral, ético e social dos alunos.

Nessa perspectiva, cada pessoa é incentivada a reconhecer e cumprir seus próprios deveres, não apenas como uma obrigação individual, mas como uma contribuição para o bem-estar coletivo e para a construção de uma comunidade harmoniosa. Ao cumprir seus deveres, os indivíduos demonstram respeito pelos outros e pelo ambiente ao seu redor, promovendo relações baseadas na confiança, na cooperação e no respeito mútuo (Souza, 2012).

Não apenas para a formação cidadã e espiritual, mas também o ambiente físico onde acontece o processo educacional é um fator importante para a educação salesiana. A respeito deste fator, E06 afirma que: “[...] o espaço é maravilhoso todas as salas são climatizadas, os

materiais para a gente estudar para ser ensinado para a gente são impecáveis na sala de música onde eu passava a maior parte do tempo os instrumentos são todos perfeitos em ótimas condições área externa”

No sistema educativo de Dom Bosco, dois ambientes desempenham papéis fundamentais: o pátio e a igreja. Cada um desses lugares oferece uma dimensão diferente na formação integral dos jovens. O pátio é considerado um espaço vital dentro das instituições salesianas, pois é onde a vida dos alunos se desenrola em um estado de espontaneidade e interação social. No pátio, os jovens têm a oportunidade de desenvolver habilidades sociais, aprender a trabalhar em equipe, resolver conflitos de forma construtiva e desenvolver valores como respeito e solidariedade. É também onde muitas atividades extracurriculares acontecem, contribuindo para o desenvolvimento físico, mental e emocional dos alunos. A igreja é o coração espiritual das instituições salesianas, local onde alunos têm a oportunidade de vivenciar sua fé, participar de celebrações religiosas, como missas e momentos de oração, e receber educação religiosa. Dom Bosco via a educação religiosa como essencial para o desenvolvimento moral e espiritual dos jovens, sendo vista como um lugar de acolhimento, onde os alunos podem encontrar apoio espiritual, orientação e comunidade (Souza, 2012).

A educação vinculada à fé pode proporcionar um ambiente de aprendizado enriquecedor para aqueles que desejam integrar sua fé à sua educação formal. No entanto, também pode gerar questões em termos de pluralismo religioso, diversidade de opiniões e liberdade individual. A escolha por esse tipo de educação muitas vezes depende das crenças e valores específicos da família e da comunidade em questão. A instituição Dom Bosco possui forte conexão com a comunidade religiosa local, envolvendo pais, líderes religiosos e membros da igreja no ambiente educacional dos alunos. Academicamente o colégio Dom Bosco tende a integrar valores religiosos em todas as áreas de estudo, não apenas nas aulas de religião. Os princípios éticos e morais derivados da fé são enfatizados em disciplinas como ciências, matemática, história e literatura. Realidade que pode ser observada na fala de E04

Eu esqueci de citar também dos retiros que tinham. Esse era o mais do que me interessou do que me fazia melhor porque os retiros traziam uma grande aprendizagem para a gente trazer grandes reflexões mostrava um lado religioso que a gente não tinha vivido.

Por terem prestígio social os líderes religiosos assumem destaque em suas intervenções, particularmente na instituição salesiana em Corumbá, os líderes religiosos desempenham um papel central seja por orientação espiritual, apoio emocional, educação moral, liderança em questões sociais sendo detentores de autoridade moral, interpretando e

ensinando os princípios éticos e morais da fé cristã, com capacidade para mobilizar fiéis e influenciar decisões políticas.

A ação católica e o movimento dos direitos civis mostram como a esfera religiosa foi fundamental para novas propostas de participação cidadã, especialmente porque vai propiciar que grupos excluídos em ambas as opiniões chamam atenção inicialmente porque indicam que os sujeitos compreendem o termo “Cidadão” exclusivamente como a forma que o Estado organiza seus representantes para administração pública, não refletindo sobre o tema de forma crítica. Porém, o que mais se destaca quando se analisa essas falas é a falta de autonomia dos jovens na criação e argumentação dos discursos, percebendo-os como reprodução simplória de componentes externos, como pais, professores, religião e mercado de trabalho.

Dentro do cristianismo, ser cidadão implica em seguir tanto os preceitos religiosos quanto as responsabilidades cívicas e sociais. Os jovens egressos possuem o discurso de que embora a religião cristã tenha uma dimensão espiritual central, ela também ensina seus seguidores a serem cidadãos enfatizando a importância de respeitar as leis e autoridades estabelecidas que inclui obedecer às leis civis, pagar impostos, respeitar as instituições governamentais, praticar a caridade e a servir aos outros, o que inclui voluntariado em organizações de caridade como voltar ao PCAF para prestar apoio a outros adolescentes.

Estes princípios éticos cristãos também influenciam a forma como os indivíduos se comportam em suas vidas profissionais e pessoais, algo amplamente ressaltado entre os entrevistados. A educação salesiana é profundamente marcada pelo espírito de família, um dos princípios fundamentais estabelecidos por Dom Bosco. A importância dos vínculos de amizade e afeto dentro da instituição foi mencionada no relato do E05.

[...] a gente se relacionava super bem, no modo geral; a gente se dava super bem e eles estavam sempre dispostos a dar a mão; a estender a mão, fazendo um papel de amigo; um papel de irmão e amigo que tenta ajudar de verdade.

Esse espírito de família permeia todas as atividades e relações dentro das instituições salesianas e é uma parte essencial do estilo educativo adotado por Dom Bosco e seus seguidores. Nas instituições salesianas, cada aluno é valorizado como um indivíduo único e especial. Professores, educadores e funcionários são incentivados a desenvolver relacionamentos próximos com os alunos, oferecendo-lhes apoio emocional, orientação e atenção individualizada. Desta forma, o espírito de família cria um ambiente onde os alunos se sentem seguros, respeitados e valorizados. As instituições salesianas promovem uma cultura de confiança e respeito mútuo, onde todos os membros da comunidade escolar se

sentem parte de uma grande família. Os alunos se envolvem ativamente na vida escolar, participando de atividades extracurriculares, eventos comunitários e programas de voluntariado (Souza, 2012).

A diversidade de composições familiares e de situações socioeconômicas do público atendido pelo PCAF exige dos profissionais da instituição compreensão e ações contextualizadas para o entendimento e enfrentamento no sentido de minimizá-las ou revertê-las. A "rede orgânica de ajuda ao adolescente" refere-se a uma estrutura informal ou semiformal de apoio que se forma em torno de adolescentes para ajudá-los em várias questões e desafios que enfrentam durante esse período de suas vidas. Essa rede pode incluir uma variedade de pessoas, organizações e recursos que fornecem suporte emocional, orientação, educação e assistência prática aos adolescentes.

Pressupõe-se que a família ofereça apoio emocional, orientação e um ambiente seguro para crescer e aprender. Os amigos e colegas de escola compartilham experiências semelhantes, profissionais da educação podem oferecer orientação acadêmica e apoio emocional aos adolescentes, além de identificar e encaminhar aqueles que precisam de ajuda adicional, as organizações comunitárias oferecem oportunidades para os adolescentes se envolverem em atividades construtivas e interagirem com adultos e pares positivos.

Essa rede orgânica de auxílio, com adolescentes em vulnerabilidade, falha colocando em risco o desenvolvimento saudável e o bem-estar dos adolescentes, inexistindo ou sendo insuficiente o suporte necessário para enfrentar os desafios únicos dessa fase da vida

[E07] Sim, todas as vezes que tinha algum evento dia das crianças, Páscoa como tinha o programa de ação social sempre ajudavam também, ou seja, a gente sempre recebia ajuda, quando precisava de sacolão eles estavam ali para ajudar a gente, materiais escolares, às vezes, precisando de uma mochila. Eles davam muito suporte ao aluno.

A afirmação do (a) entrevistado (a) E07 aponta como o programa assume o desafio de propor um conhecimento que ultrapassa a técnica profissional e apresenta oportunidades de superação pessoal, lidando com uma tarefa desafiadora, porém fundamental para promover um desenvolvimento completo e significativo dos participantes. Superar esses desafios requer um compromisso claro com a integração do desenvolvimento pessoal e profissional, bem como uma abordagem cuidadosa e sensível para lidar com questões pessoais e emocionais dos participantes, ultrapassando questões de aprendizagem, mas atuando em foro íntimo e pessoal.

É imprescindível o diálogo entre os profissionais para a promoção de um trabalho

articulado e compartilhado. Este é um elemento fundamental para que haja, de fato, a troca entre os saberes e a interação entre os sujeitos que trabalharão em torno de uma situação ao mesmo tempo política, social, complexa e processualmente dialética.

3.2 Categoria 2: A preocupação dos salesianos com os mais vulneráveis

A respeito de novas experiências e perspectivas a instituição Dom Bosco se apresenta como local para mudança de vida para sociedade, um agente potencial de mudança na vida de crianças e jovens por intermédio de oferecendo apoio social, promovendo valores éticos, incentivando o engajamento cívico e contribuindo para o desenvolvimento comunitário. No entanto, é importante reconhecer que também pode haver desafios e críticas associados ao papel das instituições religiosas na sociedade, incluindo questões de exclusão, intolerância e assistencialismo.

As entrevistas demonstram a missão salesiana como parte do imaginário social no sentido de ser um local de transformação da realidade, proteção dos filhos e a esperança de novos horizontes em uma educação libertadora de Paulo Freire (1978), para tanto um aprendizado colaborativo construído pelo diálogo, para tanto não basta ler a palavra, mas ler o mundo que o cerca. Não basta ingressar nas atividades do PCAF é preciso estar suscetível as ideias, regras de conduta e comportamentos apregoados pela instituição.

A influência dos ensinamentos religiosos pode ser vista na organização social, política e econômica de antigas civilizações clássicas como a grega, egípcia e romana. No feudalismo o poderio da igreja católica estava praticamente onisciente na sociedade, a religião se torna um instrumento para manter a sociedade subserviente e em ordem (Carvalho et al, 2020).

A missão salesiana é uma instituição dentro da Igreja Católica fundada por São João Bosco e São Francisco de Sales no século XIX, com o objetivo principal de educar e evangelizar jovens, especialmente os mais pobres e marginalizados. A educação é uma das principais formas de caridade praticada pelos salesianos, sendo assim as escolas, internatos, centros de formação profissional e outras instituições educacionais para oferecer oportunidades de aprendizado e desenvolvimento pessoal a jovens em situação de vulnerabilidade. Além da educação, os salesianos também fornecem assistência social direta às comunidades em que estão inseridos o que inclui distribuição de alimentos, roupas, abrigos para desabrigados, programas de saúde e outros serviços destinados a atender às necessidades básicas das pessoas em vulnerabilidade.

A Missão Salesiana não se limita apenas à prestação de serviços materiais, mas

também procura nutrir a dimensão espiritual das pessoas. Os salesianos oferecem catequese, orientação espiritual, retiros e outras atividades religiosas para ajudar os jovens a crescerem em sua fé e a encontrarem um sentido mais profundo em suas vidas.

Por esta postura a Missão Salesiana tem desempenhado um papel significativo como meio de mudança de vida para muitas pessoas na sociedade corumbaense. Por meio desta instituição a comunidade exerce fé e espiritualidade com a participação em práticas religiosas e a adoção de crenças espirituais que fornecem às pessoas uma estrutura significativa para encontrar significado e propósito em suas vidas. Outras vias de atuação são o apoio e compartilhamento de suporte emocional, a orientação moral e ética influenciando as escolhas dos indivíduos, ajuda social por intermédio da caridade e assistencialismo.

A relação entre religião e caridade é profunda e historicamente significativa em tradições religiosas ao redor do mundo (Carvalho et al, 2020). Diversas religiões incentivam ativamente a prática da caridade como parte integrante da expressão da fé e da vivência dos princípios éticos e morais que incluem a responsabilidade de cuidar de pessoas em vulnerabilidade, sendo uma expressão de amor ao próximo como um princípio fundamental. Normalmente essas práticas estão pautadas em ensinamentos encontrados em textos sagrados e transmitidas por líderes religiosos.

A caridade, em determinadas vertentes religiosas, não é apenas vista como uma ação benevolente, mas como obrigação religiosa para uma vida, de fato, espiritual, o que resulta no estabelecimento de instituições de caridade e organizações sem fins lucrativos no sentido de canalizar esforços caritativos de maneira organizada. Essas organizações frequentemente prestam assistência a comunidades em vulnerabilidade, independentemente de afiliação religiosa.

A caridade no contexto Dom Bosco é uma expressão da responsabilidade social dos indivíduos e das comunidades religiosas em relação à sociedade como um todo. Desta forma os esforços estão voltados para minimizar a vulnerabilidade social e fornecer suportes em situações de desastres, todavia, é enfatizado não apenas a assistência material, mas também o desenvolvimento humano integral o que inclui a promoção da educação, saúde, dignidade e o empoderamento das pessoas em vulnerabilidade.

Embora o cristianismo tenha uma longa tradição de enfatizar a prática da caridade como parte integrante de sua ética, também é importante reconhecer que ao longo da história, em alguns casos, houve uma relação perversa entre o cristianismo e caridade. Em certos momentos da história, instituições cristãs forneceram ajuda ou caridade como uma forma de coagir ou pressionar as pessoas a adotarem a fé cristã. Isso pode ser visto em contextos

coloniais, por exemplo, onde a assistência estava condicionada à conversão religiosa. Com um viés moralista a religiosidade pode explorar e controlar as populações mais vulneráveis ou marginalizadas, fato que justificaria a distribuição de ajuda com o objetivo de ganhar influência política ou econômica sobre determinadas comunidades.

3.3 Categoria 3: O PCAF como experiência de reforço escolar e a descoberta de sensibilidades

O reforço escolar possui caráter compensatório e está inserido em uma posição de reestrutura políticas educacionais, manifestando-se ao nível de reformas desenvolvidas historicamente com o propósito de buscar alterações das estruturas sociais, através de um ensino continuado, visando à eficiência do aprendizado pelas populações mais vulneráveis.

O reforço escolar desempenha um papel significativo na inserção escolar de estudantes que enfrentam dificuldades. Nos discursos dos entrevistados o reforço escolar oferece a oportunidade de revisar e frisar conceitos e habilidades o que aumentava confiança e os tornou mais propensos a se engajarem e terem sucesso na escola. Na instituição Dom Bosco o programa de reforço escolar foi projetado para atender às necessidades individuais de cada aluno. O reforço escolar está para o atendimento as exigências de um sistema avaliativo canonizado principalmente pelas instituições de ensino, a respeito da importância que o reforço escolar tinha para o PCAF, E07 lembra que” [...] antes de a gente ir para as oficinas a gente tinha um reforço de todas as matérias e por mais que a gente não tivesse a tarefa eles mesmos davam as atividades para a gente fazer”.

Observa-se que premissa da relevância do reforço escolar está no bojo de que o processo educacional brasileiro precisa ser auxiliado ou orientado, o trabalho de Samara Paladino Roriz e Silva (2010) analisou a aplicação de um projeto junto a população jovem, no entanto, a aplicação foi realizada por uma instituição financeira. A ação denominada Projeto Jovem de Futuro, desenvolvido pelo Instituto Unibanco dava suporte as escolas em uma espécie de consultoria e ao comparar os dados anuais da aplicação do projeto notou-se importante melhora nas notas dos alunos. Os maiores impactos foram sobre os alunos que possuíam pior rendimento. Os resultados são promissores, no entanto, se atem a uma lógica que emparelha melhora da educação com maior rendimento medido em notas, algo passível de contradição, haja visto, os desvios de uma métrica que segue a lógica dominante (Silva, 2010).

Sobre o avaliador, Daniel Braga Brandão (2007, p. 67) afirma que

Ao avaliador são necessárias habilidades de negociação, tanto para construir relações de confiança entre os diversos interessados no projeto ou programa, o que lhe permite se aproximar com maior precisão dos dados da realidade; quanto para mediar conflitos entre estes sujeitos, que podem eclodir entre as diferenças e assimetrias que compõem grupo de implicados com o fenômeno avaliado. O avaliador deve, também, zelar pelo cuidado na relação com as pessoas envolvidas com o objeto avaliado, marcadamente no momento em que comunica os seus resultados.

A avaliação participativa se apresenta como recurso didático na medida de ser um método de avaliação que envolve ativamente os participantes no processo de avaliação, dando-lhes voz e participação ativa na coleta, análise e interpretação dos dados. Essa abordagem valoriza as perspectivas e experiências dos participantes, reconhecendo que eles são os mais qualificados para avaliar o impacto de um programa, projeto ou intervenção em suas próprias vidas.

Este método promove o engajamento dos participantes, permitindo que tenham uma voz ativa no processo de avaliação, aumentando o comprometimento com os resultados da avaliação e promover um senso de responsabilidade compartilhada pelo sucesso do programa ou projeto. Este espaço de diálogo possibilita a implicação de dois elementos: reconhecimento do outro como sujeito e o encontro de sujeitos.

O reconhecimento, na avaliação participativa, do sujeito este é um agente ativo e capacitado no processo de avaliação, por intermédio da valorização de suas experiências, conhecimentos e perspectivas, promovendo sua participação ativa e autonomia no processo, fato que implica a observação da condição humana e por isso, sujeito de dignidade. Existe também a promoção do encontro de sujeitos ao criar espaços de diálogo, interação e colaboração entre diferentes participantes do processo de avaliação, valorizando as diferentes vozes, a construção de consenso e entendimento mútuo, e o empoderamento e capacitação dos sujeitos envolvidos, contribuindo para uma avaliação mais inclusiva, contextualizada e significativa (Brandão, 2007). Sobre a contextualização do reforço escolar o (a) fala de E03 frisa a vinculação de oficinas e reforço: “[E03] Tinham muitas oficinas e também o reforço escolar.”

Além de assistência escolar, o reforço escolar do colégio Dom Bosco também oferece apoio emocional e motivacional aos alunos, fato que foi destacado pelos alunos egressos, além de que os professores e monitores podem ajudar os alunos a desenvolverem habilidades de estudo e incentivando-os a persistir diante de desafios familiares e sociais. Como resultado do reforço escolar, auxilia a redução do risco de abandono escolar com fornecimento aos

alunos a ajuda necessária para acompanhar o currículo escolar e alcançar os objetivos educacionais.

Já as atividades artísticas demonstraram ser uma ferramenta valiosa para melhorar o desempenho acadêmico dos alunos, proporcionando-lhes oportunidades de desenvolver habilidades cognitivas, emocionais e sociais. Essas habilidades transferidas para outras áreas acadêmicas, como leitura, escrita e resolução de problemas haja vista que é preciso planejar, tomar decisões e resolver problemas enquanto estão envolvidos nessas atividades, o que fortalece suas habilidades cognitivas. A respeito dos trabalhos manuais Frizzarini (2016) reflete que

Estes exemplos em que os trabalhos manuais auxiliam na compreensão de saberes matemáticos só incitam a acordar que a didática, ou a metodologia dos trabalhos manuais [...]E não se trata de uma simples ação de construir, moldar, tecer, recortar a proposição do fazer, vista na transformação da educação de forma ativa aos alunos; o auxílio na formalização e compreensão dos conceitos providos das matérias escolares do currículo oficial do ensino primário (Frizzarini, 2016, p. 13).

As artes promovem estímulo a criatividade e comportamentos de inovação por partes dos alunos, encorajando-os a explorar novas ideias. Essas habilidades são valorizadas em diversas áreas escolares e podem contribuir para o sucesso profissional e acadêmico a longo prazo, como observado na fala dos participantes.

Enquanto oficinas de atividades promovem a reconstrução de sentidos e fortalecem as relações sociais oferecendo benefícios significativos para os participantes, ajudando-os a dar sentido às suas experiências, desenvolver habilidades sociais, promover a empatia e a compreensão, criar redes de apoio e fortalecer sua autoestima e confiança. Essas oficinas têm o potencial de serem espaços transformadores sendo ao mesmo tempo uma forma de admitir a ruína da lógica de mercado. Tal fato demonstra como a educação formal precisa ser revisada. Sobre este aspecto o jovem E05 traz a seguinte afirmação: “Participava bastante da parte de teatro e dança que a gente podia se expressar melhor, tipo ser a gente próprio, mas eu gostava bastante de dinâmica que era a que eu mais me destacava, mas consegui me expressar.”

Não podemos desconsiderar o fato de serem os jovens indivíduos em estágio particular de formação de suas identidades, no qual a identificação e a aceitação dentro de grupos são componentes fundamentais. Dessa maneira, a própria construção de projetos de vida não é completamente autônoma, mas se dá em função dos “possíveis sociais” consentidos pela sociedade e pelos grupos aos quais almejam se integrar ou aos quais se sentem, de alguma forma, vinculados.

3.4 Categoria 4: A juventude sendo inserida no mercado de trabalho

Para abordar de forma mais eficaz as questões enfrentadas pelos adolescentes, é fundamental adotar uma postura que reconheça a interconexão entre o indivíduo, a família e a comunidade. Isso pode envolver programas que fortaleçam laços familiares, promovam o desenvolvimento comunitário, abordem fatores sociais e econômicos subjacentes e incentivem a participação ativa de todos os membros da comunidade na busca por soluções sustentáveis.

Ao longo da história, indivíduos desempenharam papéis significativos como agentes de mudança. A participação dos sujeitos, enquanto ação coletiva ou individual, nas instituições públicas é crucial para a democracia e a governança eficaz. Isso inclui o envolvimento em processos políticos, participações de instituições públicas fato que oferece oportunidades para influenciar a política e promover mudanças históricas fomentando a cidadania plena. A luta por direitos muitas vezes envolve desafiar as estruturas de poder existentes que perpetuam a injustiça e a desigualdade. Isso pode incluir o confronto com governos autoritários, instituições discriminatórias ou grupos dominantes que se beneficiam da opressão de outros, a participação é um dos principais alicerces na construção da cidadania, pois fortalece as comunidades, promove a justiça, fomenta a responsabilização e transparência (Lima, 2012).

A abordagem de projetos sociais que visam mudar apenas o adolescente, sem considerar a família e o meio social, pode ser vista como perversa pois perpetuam a desigualdade social, criam uma fragmentação social, onde o indivíduo se sente desconectado de sua identidade cultural, valores familiares e apoio social. Por não envolver a família, a comunidade local, sem apoio contínuo e recursos locais, os benefícios para o adolescente podem ser temporários e limitados em seu impacto.

Marianne Ramos Feijó (2008) indica como se espera a ação de um projeto social em relação aos participantes e a relações sociais, segundo a autora

Deveria ser comum entre os projetos o trabalho com as pessoas e com as suas relações sociais, para que elas desenvolvessem subsídios para participar e para gerir empreendimento futuros, que não só as mantenham, mas que as façam desenvolver o meio em que vivem. É mais do que qualificar o jovem para um trabalho, é também cuidar dele e de suas relações; é ampliar a sua formação política, estimular a autogestão, o protagonismo e a autonomia, considerando as relações significativas do jovem e da família como importantes, no processo e como parte fundamental do mesmo. (Feijó, 2008, p. 110)

Feijó (2008), em sua análise sobre as práticas realizadas em um projeto social indica

que ao abordar e compreender o contexto familiar dos jovens de maneira ineficaz de forma a criticá-los. Resultante de uma falta de habilidades ou conhecimentos necessários para lidar adequadamente com as complexidades das famílias dos participantes, onde os últimos apontam a necessidade de as famílias serem ouvidas. Com a cisão do adolescente de sua família e comunidade pode gerar estigmatização ao sugerir que o problema está apenas no indivíduo e não nos sistemas sociais, históricos e econômicos que fundamentam a desigualdade social.

O nível de conscientização e as diversas formas de participação dos jovens em ações de reivindicações, protestos e apoio a entidades representativas revelaram a força de seu protagonismo, interferindo em processos decisórios, pressionando forças políticas e mobilizando a população acerca dos problemas sociais (Lima, 2012, p. 108)

Talvez o mais importante seja explicitar o caráter social da *resiliência* e de sua promoção, como a ênfase na promoção de processos educativos e de convivência que tornem as pessoas mais resistentes e maduras para enfrentar as dificuldades que ocorrem na vida de qualquer pessoa. O trabalho voltado para o desenvolvimento desse potencial pode fazer com que o indivíduo elabore os conflitos e retome os trilhos de sua história de vida. Essa habilidade social não é um estado adquirido e imutável, mas sim um processo cuja construção inicia-se precocemente e continua a ser elaborado, transformando-se ao longo do tempo (Silva, 2015).

De outro ângulo, a escola é um dos tutores de *resiliência* mais potentes que a sociedade pode promover, pois possui funções e possibilidades que vão além da produção e reprodução do conhecimento. Os professores e funcionários da escola, por terem contato direto e diário com os alunos sob sua tutela, estão em posição única e privilegiada no que tange ao papel de evitar ou minimizar as consequências decorrentes das adversidades a que estes estão frequentemente expostos (Silva, 2015).

Para isso, porém, a escola deve reinventar sua maneira de lidar com as relações de poder, a partir de uma reflexão sobre os objetivos e as implicações de cada ação, seja ela coletiva, institucional ou individual, desmistificando os ritos, democratizando o “rateio” do poder, tendo sempre em vista sua função transformadora e produtora, em lugar da tradicional função reprodutora do caos social e humano (ou, simplesmente, do *status quo*).

É naquele sentido que temos tentado organizar e conduzir este grupo de jovens, construindo relações horizontais e de confiança, buscando maneiras de, ludicamente, reconstruir e valorizar as subjetividades e as identidades, reafirmando o espírito democrático e

fortalecendo o caráter participativo destes jovens, tentando ressignificar o papel da educação em suas vidas, enquanto capaz de promover a acolhida necessária, bem como a formação multirreferencial e integrada, capaz de promover o mais possível a sua humanização justa e de direito (Silva, 2015).

Obviamente, a violência e as transgressões podem surgir como alternativas possíveis de subsistência, de construção identitária ou, conforme Freire (1978), de resposta reflexa à ação do opressor. O “ser jovem” se constrói nas constantes interações entre os sujeitos e os diferentes outros que o constituem. Os discursos permitiram três categorizações: ser cidadão; reforço escolar e; atividades manuais.

A criação da Secretaria Nacional de Juventude ocorreu em 2005 desempenhou um papel fundamental na promoção de políticas públicas voltadas para os jovens no Brasil. A criação dessa secretaria foi um marco importante para o desenvolvimento de iniciativas voltadas para a juventude, incluindo o programa Jovem Aprendiz.

Com a criação da Secretaria Nacional de Juventude, o governo brasileiro passou a ter uma estrutura dedicada especificamente ao desenvolvimento de políticas e programas destinados a atender às necessidades e demandas dos jovens. Isso inclui iniciativas relacionadas à educação, emprego, saúde, cultura, esporte, participação cidadã e outros aspectos relevantes para a juventude. Esta secretaria reforçou a concepção de que os jovens são sujeitos de direitos e possuem uma série de garantias legais e sociais que visam proteger e promover seu bem-estar e desenvolvimento integral, possuindo direitos civis e políticos; direitos sociais e econômico; direitos culturais e de lazer; direitos à educação e formação profissional, direitos à saúde e proteção social e; direitos ambientais e sustentabilidade (Oliveira, 2013).

A respeito do reconhecimento dos jovens como sujeito de direitos Gianne Neves Oliveira (2013, p. 55) afirma que

Reconhecer a juventude, em termos políticos e sociais, enquanto detentores de direitos, uma concepção recente que ainda é um desafio, visto que a condição juvenil é pautada por estereótipos e contradições, concepções que orientam ações controladoras e tutelares. Os jovens, enquanto sujeitos direitos, pressupõem-se como atores sociais, que devem ter a sua autonomia, formas de agir e pensar, respeitadas e ainda sua identidade e suas formas de expressão valorizadas.

O programa Jovem Aprendiz é uma iniciativa criada para proporcionar oportunidades de trabalho e qualificação profissional para jovens entre 14 e 24 anos, que estejam cursando o ensino médio ou que tenham concluído tendo o objetivo de oferecer qualificação profissional

para os jovens, capacitando-os para o mercado de trabalho e proporcionando-lhes oportunidades de emprego e crescimento profissional. O programa foi instituído no Brasil por meio da Lei nº 10.097/2000 e sendo regulamentada pela Lei nº 5.598, de 1º de dezembro de 2005 (Lei de Aprendizagem Comercial), que determinou que as empresas de médio e grande porte devem reservar uma cota de seus cargos para aprendizes. Essa legislação estabeleceu as bases legais para a criação e implementação do programa. Antes do lançamento do Programa Jovem Aprendiz, houve o Projeto Agente Jovem, voltada para adolescentes entre 15 a 17 anos.

Além de oferecer oportunidades de qualificação profissional para os jovens, o programa Jovem Aprendiz também traz benefícios para as empresas participantes. Elas podem se beneficiar do incentivo fiscal oferecido pelo governo para contratação de aprendizes, além de contribuir para a formação de novos profissionais qualificados e engajados.

O surgimento do programa Jovem Aprendiz foi impulsionado pela necessidade de proporcionar oportunidades de qualificação profissional e inserção no mercado de trabalho para os jovens brasileiros, bem como pela busca por parcerias entre governo, empresas e instituições de ensino para viabilizar essa iniciativa.

O programa Jovem Aprendiz volta-se para as relações entre trabalho e adolescência, onde esta começa a ser traçada constantemente pelo programa, preocupando-se com a quebra de estigmas que consideram a etapa da adolescência como um período permeado de conflitos e de unicidade da descoberta da sexualidade. Esta concepção naturalista, de reduzir a adolescência a aspectos herdados biologicamente é contraposta pela concepção de adolescente como uma construção histórica, ou seja, a adolescência é dada em determinado momento com identidade forjada pela sociedade, o sistema de mercado de trabalho e de características familiares específicas.

Pensar no adolescente inserido em um contexto concreto, onde o mundo é dado pelas condições históricas, econômicas e sociais, é pensar na adolescência como condição. Esta condição implica pensar em diferentes formas de experiências intrafamiliares e extrafamiliares, sendo os laços estabelecidos nestas relações possibilitadores da singularização e autonomia do adolescente. Contudo, é necessário pensar que estes laços acontecem em meio a conturbadas dinâmicas sociais como violência e precarização de serviços públicos essenciais como educação e saúde.

Percebe-se que os profissionais do PCAF e programa Jovem Aprendiz refletem as intenções com os jovens não apenas como um trabalho orientado por convicções religiosas, mas também experiências de construção da cidadania e trabalho. Uma percepção similar foi

relatada pelos egressos do PCAF. Como exemplo, citamos um fragmento da fala do jovem E06: “Cara, para mim a equipe era muito boa, muito boa mesmo eles não tinham aquele negócio de individual onde cada um trabalha no seu. Era uma equipe, então tudo eles usavam como exemplo para nós mesmos, [...]”

Assim sendo, ao perceberem-se em seus educandos, os educadores devem analisar sua atuação no campo da educação social e compreender que esta tem seu sinônimo na socialização dos indivíduos que passam por suas mãos, que os educandos devem adquirir competências sociais, evitarem condutas sociais inadequadas, que seu trabalho deve ser programado e realizado a partir de uma perspectiva educativa e não meramente assistencialista, que sua atuação é vista pela sociedade como uma ação educadora (Souza, 2012).

Neste estudo, os jovens não são considerados somente como públicos-alvo de projetos, mas como sujeitos de direitos, protagonistas de suas trajetórias e com potencial para utilizarem os meios de comunicação para a produção de informações sobre si e sobre suas realidades (Oliveira, 2013).

O egresso E07 efusivamente afirma

Cara, para mim foi de como eu posso dizer foi um pontapé inicial para eu poder assimilar uma vida de trabalho, entendeu? De responsabilidade, de ética de serviço me ajudou muito, muito mesmo. Lá eles têm até uma forma de educação que, poxa cara, é excepcional velho! Excepcional mesmo, tipo eles te ensinam que tem muito jovem que entra ali e não sabem ler nem escrever dois três meses ali dentro do PCAF o jovem já tá sabendo ler e escrever

Outra fala que registra a necessidade de se sensibilizar no trabalho dos monitores procede do E04, quando este afirmar que: “[...] os monitores eram auxiliados pelos professores para ajudar a gente então eles sempre nos ajudavam nas brincadeiras, nos desafios. Muito pacientes, compreensivos eles eram muito preparados.”

Denota-se que o trabalho desempenhado pelos profissionais do PCAF estava orientado para a formação de sujeitos aptos para estabelecer vínculos internos e de solidariedade em uma comunidade. No nosso entendimento, este trabalho se enquadra na proposição freireana de uma educação afetiva e dialógica. Freire (1997), afirmou que

É a convivência amorosa com seus educandos e na postura curiosa e aberta que assume e, ao mesmo tempo, provoca-os a se assumirem enquanto sujeitos sócio-históricos-culturais do ato de conhecer, é que ele pode falar do respeito à dignidade e autonomia do educando (Freire, 1997, p. 11).

Como desdobramento do trabalho desempenhado pelos profissionais do PCAF os entrevistados demonstram comportamento de coping e resiliência, como o relato da entrevistada E02 que descreve os possíveis entraves apresentados pelo entrevistador de uma instituição enquanto a mesma tentava ser aceita como Jovem Aprendiz. Vejamos:

“Ah, você estuda”.

[Eu] Falava: “mas eu estudo à noite”.

“Ah, o horário de trabalho é até às cinco”.

“Se eu tiver que sair daqui às cinco e ir pra faculdade direto eu não tenho problema nenhum. Né?”

E aí depois disso eu fiquei na empresa onde eu tive a oportunidade de voltar a trabalhar algumas vezes e aí eu fui pra faculdade, estagiei na Defensoria e pelo meu estágio na Defensoria depois eu fui assessora por três anos lá na Comarca de Miranda. Ai, eu sai de assessora porque eu adquiri a prática jurídica aí eu fiz OAB, né? Passei e tem um ano que eu atuo como advogada.

A resiliência é demonstrada para além do mercado de trabalho, mas também para os desejos despertados nos jovens, no relato abaixo E03 é indicada a dificuldade inicial para participar da oficina de música, com o auxílio dos professores o desejo foi nutrido e sendo ampliado cotidianamente. Posteriormente, o entrevistado indica a repercussão para a vida do que foi aprendido.

A música quando eu comecei eu não tive tanta facilidade assim. Mas eu tive muito interesse. Foi uma paixão que cresceu em mim e eu queria sempre mais, todo o dia que eu ia e eu queria me interessar mais, em tocar mais músicas enfim, e eu sempre, cada dia que passava sempre ia crescendo essa vontade na música e graças a Deus eu levei, eu levo isso [música e persistência] pra minha vida atualmente

Outro fator a ser considerado é a preocupação com o bem-estar psicológico dos alunos esta prática orientava os participantes para viabilização da vida através de negociações diárias.

[E02] [...] a gente tinha o acompanhamento psicológico, direta ou indiretamente, porque tinha aquelas pessoas que ela de fato encaminhava ou você podia ter a liberdade de bater na porta que a psicóloga te atendia.

Estas negociações diárias que possibilitam a vida implicam na reconstrução dos modos de funcionamento de uma rede de ações integradas de diversos setores e atores sociais. A atuação em serviço socioassistencial, educacional confessionário exige considerar algumas especificidades do ambiente que exigirão maiores cuidados no enquadre, na orientação, aconselhamento; no trabalho com grupos. Outras áreas que fogem da atuação pedagógica

tradicional estando atento para suporte emocional ao adolescente; assistência domiciliar; trabalho com equipe multiprofissional e participação no controle social.

A educação entendida como um processo possibilita para o adolescente a oportunidade de elaborar um projeto de vida. Este projeto reflete as relações sociais e afetivas estabelecidas e interiorizadas durante sua vida, que por sua vez manifestam a consciência que só é possível nas atividades externas ao indivíduo. O que torna ainda mais valiosa esta experiência, até mesmo pelo fato de que na hora de entrevistas de emprego os jovens que possuem algum tipo de contato com o trabalho podem levar algum tipo de vantagem sobre os outros (e essa tem sido uma tendência). Nesse último faz-se menção a escolha da área de atuação.

O Conselho Nacional do Ministério Público afirma que os jovens que possuem a experiência do Programa Jovem Aprendiz, têm menos dificuldades em escolher suas carreiras. Segundo Luz (2015, p. 125) o projeto Jovem Aprendiz se evidencia por seus desdobramentos no sentido dado pelos jovens ao trabalho como um meio de expressão social, condição de status de adulto e de detentor de sua liberdade.

A meritocracia expressa a crença de que o sucesso e o fracasso de uma pessoa são determinados inteiramente pelo seu mérito pessoal, habilidade e esforço, ignorando ou minimizando outros fatores externos — como privilégios, oportunidades desiguais, discriminação e condições socioeconômicas. Eventos externos, como crises econômicas, desastres naturais e instabilidade política, podem ter um impacto significativo nas oportunidades de sucesso de uma pessoa, independentemente de seu mérito pessoal.

O reconhecimento e a recompensa do mérito pessoal muitas vezes são influenciados por preconceitos e estereótipos sociais, o que poderia ser modificado pela aprendizagem escolar formal com uma alteração do discurso que segue a lógica de dominação (Silva, 2015).

Essa lógica de dominação está ligada a Revolução Industrial do século XVIII marcou uma transformação radical na forma como o trabalho era realizado. Com o advento da maquinaria e da produção em larga escala, trabalhadores migraram das áreas rurais para as cidades em busca de emprego nas fábricas. Isso resultou em mudanças significativas nas condições de trabalho, na urbanização e nas relações de classe (Trajber, 2010). Durante a expansão da Revolução Industrial, a classe operária defrontou-se com condições precárias de sobrevivência necessitando lidar com a pobreza e a exploração do seu trabalho (Santos, 2023).

Numa etapa mais recente desta história de conflitos entre classes sociais, ocorreu a transição do sistema de produção fordista para elementos do taylorismo, e, de forma gradual e constante, a classe operária fragmentou-se em diversos subgrupos, sendo cada vez mais pressionada pelas exigências do sistema econômico (Ribeiro, 2015).

Com as rápidas mudanças tecnológicas e organizacionais, os trabalhadores precisam estar comprometidos com o aprendizado contínuo e o desenvolvimento profissional. Isso pode incluir participação em treinamentos, cursos de atualização e programas de educação continuada, gerando desdobramentos nas relações sociais de trabalho (Santos, 2012).

Com uma inserção no mercado de trabalho facilitada pelo Programa Jovem Aprendiz os jovens se adaptam com a concepção de aperfeiçoamento para o trabalho e acabam nutrindo gratidão pelas atividades realizadas na instituição. A esse respeito o egresso afirma que

[E06] cara, para mim é muito boa porque através deles também foi meu primeiro emprego de carteira assinada cumprindo horário com responsabilidade no programa Jovem Aprendiz eles cobravam um estudo e de fato você estar trabalhando.

No entanto Freire (1978) analisa que o resultado da relação entre trabalho e conformação da identidade gera sujeitos desumanizados e a mercê do que o trabalho exige. Dentre as exigências do mercado temos a exigência de uma “carta de apresentação”, basicamente uma declaração ou passaporte para facilitar a entrada na empresa.

Relativamente ao impacto da carta de apresentação no mercado interno confirma a importância de responder adequadamente à educação profissional. É dessa forma que a orientação para o mercado interno pode ter um impacto positivo na adoção de uma cultura orientada para a formação de novos profissionais.

A carta de apresentação desempenha um papel crucial no mercado de trabalho, uma recomendação de um empregador anterior ou de um colega de trabalho pode validar as habilidades, competências e experiências de um candidato.

Em um mercado de trabalho altamente restrito, como o da cidade de Corumbá, as recomendações são um diferencial importante. Normalmente as recomendações de alunos do Programa Jovem Aprendiz facilitam a conexão para não apenas ingressar no trabalho, mas também permanecer, fato que pode ser destacado nas falas dos participantes.

A apresentação ao mercado de trabalho é também a inserção em uma das dimensões mais prezadas pelo PCAF que é a cidadania. Lima (2012) afirma que aproximar-se de um conceito de cidadania é tarefa desafiadora, pois, usualmente encontramos conceituações isoladas por recortes histórico-temporais. Estes recortes são necessários para termos uma ideia evolutiva da concepção de cidadania através dos tempos, porém, eles não nos permitem ver sua imbricação com outros conceitos, tais como participação e conscientização, que extrapolam a noção de cidadania enquanto direito natural ou direito fundamental, que é dado a todo homem ao nascer.

Diante as entrevistas encontramos a seguinte fala significativa de E01

Nossa, o PCAF me ajudou muito a desenvolver a questão de aprender, ter um amadurecimento em algumas decisões que eu tinha que tomar. Então os professores geralmente daqui eles sempre foram meu orientador, se eu tinha dúvida de algo era para eles que eu perguntava, pra eles me darem alguma orientação pra eu poder entender o que que eu ia fazer. Eu acho que para qualquer aluno que entra aqui ele tem grande importância. Na minha vida foi fundamental porque eu mudei bastante.

Aqui nosso foco detém-se em dois elementos: o amadurecimento pessoal e os professores estarem em prontos. Outra fala de um (a) jovem leva-nos a acreditar na filosofia do programa, que promove as qualidades e os direitos humanos nas relações de ensino, aliados ao desempenho pedagógico é o (a) E02

Eu lembro muito de alguns professores em específico assim que posso falar deles. É a professora Simone, né? Que é hoje ela está em escola municipal aqui na cidade e ela tinha aquele amor pra ensinar a gente, tinha aquele amor pelos adolescentes. A professora Paula também que era de matemática.

A dedicação e o altruísmo dos professores desempenham um papel fundamental na transformação da vida dos alunos. Esses profissionais não apenas transmitem conhecimento, mas também desempenham um papel crucial no desenvolvimento pessoal, emocional e social dos estudantes. Ademais, os professores têm consciência da oportunidade que estes alunos podem possuir ao serem encaminhados, por isso, realizam um esforço maior para elaboração das aulas e provas dos cursos semiprofissionalizantes, mesma observação encontrada por Paula (2013) em sua pesquisa, onde constata que as propostas de projetos buscam e -tem conseguido êxito- em romper com o paradigma de “sem oportunidade, sem experiência, sem emprego”.

Uma formação humana que resgate a dignidade e o reconhecimento dos direitos e da cidadania do jovem na sociedade, além de ultrapassar a técnica profissional, apresenta oportunidades importantes para a superação pessoal através de uma prática profissional pautada pela postura ética dentro do espaço laborativo (Paula, 2013).

Os princípios da instituição refletem o respeito e a qualidade de sua ação diante de desafios como os projetos Jovem Aprendiz e PCAF. Embora se traduzam em ações dirigidas a diferentes públicos, os princípios são os mesmos, pois sempre prezam pelo respeito ao ser humano e à ética.

Portanto, concluímos que essas pessoas envolvidas nos programas da instituição Dom Bosco acreditam na proposta da instituição, ou seja, que ela educa e transforma o mundo pelas

práticas sociais, e que tais práticas diaconais são viáveis e possíveis de serem alcançadas e retomadas a qualquer momento dentro desse olhar teológico promovido. Afirmamos que, de fato, com a implementação dos projetos Jovem Aprendiz e PCAF pela Instituição Dom Bosco, tanto os atendidos quanto a instituição receberam um impacto positivo (Paula, 2013).

É interessante observar que os jovens demonstram uma combinação de valores morais, habilidades intelectuais e competências interpessoais que são altamente valorizadas na sociedade. A capacidade dos egressos de expressar valores morais aprendidos indica que estes foram expostos a influências educacionais e culturais que enfatizam a importância da ética, da integridade e do respeito pelos outros.

A habilidade dos jovens de se relacionarem eficientemente com os outros é um atributo valioso em qualquer contexto social ou profissional. Fato que sugere a existência de empatia, habilidades de comunicação eficazes e uma compreensão da importância das relações interpessoais para o sucesso pessoal e profissional. No excerto da entrevista realizada com E04 ilustra os desdobramentos da habilidade de saber se relacionar. Segundo E04

[...] hoje eu ainda trabalho no mesmo local em que eu era aprendiz e esse local me trouxe grandes oportunidades de crescer de aprender o poder mudar o meu estilo de vida antes mesmo do [Programa Jovem] Aprendiz. O PCAF já tinha trazido uma grande mudança na minha vida, eles davam a oportunidade da gente desenvolver o nosso melhor em cada oficina [...]

O reconhecimento da importância da solidariedade demonstra uma consciência social e um compromisso com o bem-estar dos outros, demonstrando assim uma visão ampla do mundo e uma disposição para contribuir para o bem comum.

A capacidade dos entrevistados de gerir e administrar suas vidas pessoais indica autonomia, organização e responsabilidade pessoal, sugerindo habilidades de planejamento, tomada de decisões e resolução de problemas que lhes permitem alcançar seus objetivos e lidar eficazmente com os desafios da vida cotidiana.

O crescimento pessoal dos jovens e sua subsequente estabilidade no mercado de trabalho são áreas interligadas que frequentemente, para os interlocutores, foi possível pela participação em projetos sociais. Os projetos sociais, em particular o apresentado nesta pesquisa, impactou a vida dos jovens egressos por intermédio do desenvolvimento de habilidades e competências que resultam em habilidades de liderança, trabalho em equipe, comunicação eficaz e resolução de problemas.

O projeto social forneceu aos jovens acesso a recursos educacionais, treinamentos profissionais, mentoria e redes de apoio. Os participantes também foram incentivados a se

envolverem em questões sociais e religiosas, percebeu-se e foi mencionado o aumento a autoconfiança e a autoestima dos jovens. Especialmente para jovens de comunidades desfavorecidas, o projeto social auxiliou a reduzir as barreiras sociais e econômicas que podem impedir o acesso ao mercado de trabalho. Uma abordagem amorosa na educação pode cultivar a empatia e a compaixão nas crianças e jovens promovendo o respeito mútuo entre alunos, professores e membros da comunidade escolar.

Não se pretende aqui ser ingênuo e conceber o ensino salesiano e o PCAF como perfeitos pois questões como o arraigamento a métodos tradicionais de ensino que se baseiam na hierarquia e na autoridade religiosa, ainda são presentes e motivos de orgulho. O contraponto é presente, por exemplo, na impossibilidade do questionamento dos alunos em questionar dogmas religiosos. Outra questão é a desigualdade de acesso, embora seja uma instituição que não possua mensalidades, é presente na fala de diferentes entrevistados os desafios enfrentados para ingressar e permanecer no sistema salesiano. Haja vista que determinados alunos conseguem apenas participar dos projetos sociais oferecidos, mas não no sistema de ensino.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de minha carreira acadêmica, sempre me interessei pelas dinâmicas de poder e pelas interações sociais em ambientes educacionais. Minha mais recente pesquisa focou na análise das disputas de poder dentro de projetos sociais educacionais, especificamente no contexto da Cidade Dom Bosco, onde diversos agentes atuam em prol de jovens em situação de vulnerabilidade social.

O primeiro passo foi definir o escopo e os sujeitos da pesquisa. Foi crucial delimitar um grupo coerente de participantes, estabelecendo critérios claros para garantir que a coleta de dados fornecesse informações relevantes para o objetivo do estudo. Em seguida, iniciei a fase de levantamento documental. A análise de documentos, como manuais institucionais, relatórios de atividades e regulamentos internos, foi fundamental para compreender o contexto histórico e normativo no qual as organizações envolvidas estavam inseridas. Esses documentos forneceram uma base sólida para o aprofundamento posterior.

Na fase de coleta de dados, optei por entrevistas semiestruturadas com os jovens egressos. A escolha por esse tipo de entrevista foi estratégica, pois permitiu maior flexibilidade, haja vista, que minhas pretensões eram de participar, como candidato a vereador, das eleições municipais de Corumbá, era preciso transitar entre o poder executivo e

o legislativo.

Durante as entrevistas, foi possibilitado que os participantes compartilhassem suas experiências sem o engessamento de resposta. Em muitas histórias eu me via e foi desafiador separar a criança em vulnerabilidade que fui, da minha atuação profissão no campo da educação e do pesquisador. Outro desafio foi conciliar a análise do material bibliográfico com as entrevistas. Enquanto as pesquisas forneciam uma visão formal e estrutura, as entrevistas traziam à tona nuances dos desafios sociais e econômicos enfrentados pelos jovens. Esse contraste foi um dos pontos mais enriquecedores da pesquisa, mas também demandou um trabalho rigoroso de organização, estruturação e apresentação das análises. De fato, essa pesquisa foi uma experiência transformadora.

A pesquisa revelou que os projetos sociais educacionais desempenham um papel crucial na inclusão social e na redução das desigualdades, proporcionando oportunidades de desenvolvimento que, muitas vezes, não seriam acessíveis sem a intervenção dessas iniciativas. Os projetos sociais educacionais voltados para a juventude possuem impacto para o desenvolvimento integral dos jovens.

No caso do PCAF, circunscrito em um sistema maior chamado Cidade Dom Bosco, constatamos, a partir das entrevistas realizadas, que ele ofereceu (e ainda oferece) espaço seguro e estruturado onde os participantes podem desenvolver habilidades sociais, emocionais e cognitivas. Através de atividades educacionais, culturais e esportivas, o promove autoestima, o senso de pertencimento e a cidadania ativa. Além disso, evidenciou-se que os jovens participantes da pesquisa reconhecem a contribuição do PCAF para a inserção no mercado de trabalho.

O PCAF, ofertado pela Cidade Dom Bosco, na cidade de Corumbá, apresenta algumas particularidades: uma delas é a sua longa duração (conforme demonstramos, o projeto já possui cinco décadas de existência); outra, é o fato de ser administrado pelos salesianos, incorporando, nas suas ideias e práticas educacionais, a preocupação de Dom Bosco com a educação dos jovens em vulnerabilidade e os preceitos religiosos compartilhados pela comunidade salesiana.

Inserido na tradição educacional salesiana, o PCAF da Cidade Dom Bosco, desde as suas origens, dedica especial atenção para o desenvolvimento moral e ético dos jovens. As atividades e ensinamentos promovidos nas oficinas do PCAF enfatizam valores como respeito, honestidade, empatia e solidariedade. Os jovens são constantemente chamados a refletir sobre questões éticas e a desenvolver um senso de moralidade baseado nos princípios religiosos.

A comunidade religiosa salesiana atua como uma rede de suporte, proporcionando aos jovens um senso de pertencimento e aceitação. Por intermédio da pastoral da juventude, grupos de louvor e retiro espiral, os jovens encontram um ambiente seguro para compartilhar suas inquietações e recebem uma orientação religiosa. Dentro deste contexto, as oficinas de expressão artísticas incentivam o protagonismo juvenil, pois abrem espaço para que falem e manifestem seu posicionamento frente a situações cotidianas e do trabalho.

A participação dos jovens no PCAF e o envolvimento nas atividades religiosas promovidas pelos salesianos impactam na formação dos jovens, ajudando-os na interpretação do contexto social, nas escolhas de futuro e na construção de uma identidade. E, com base nas entrevistas coletadas, podemos constatar que esta identidade, construída no convívio dentro de uma instituição salesiana, incorpora valores morais como o respeito, a solidariedade, a disciplina e a valorização do trabalho.

O impacto positivo do PCAF na vida dos jovens participantes da pesquisa é inconstetável. Contudo, seria incorreto supor que todos os jovens atendidos pelo respectivo programa vivenciaram as experiências de aprendizado da mesma forma. Nossa pesquisa nada diz sobre os jovens que frequentaram o PCAF e que, por motivos diversos, adentraram no mundo da criminalidade. E nada sabemos sobre os jovens egressos do PCAF que não encontraram um espaço no mercado de trabalho formal. Como toda pesquisa, a nossa também apresenta limitações. Contudo, o saldo da investigação foi positivo, e, por meio dela, almejamos contribuir para fomentar a reflexão sobre o papel dos projetos sociais educacionais na formação de jovens em situação de vulnerabilidade.

Diante do que foi apresentado, e considerando o conjunto de entrevistas incorporado nos “Apêndices” da Dissertação, acreditamos que a pesquisa realizada atingiu os objetivos fixados, sobretudo porque possibilitou uma articulação entre as particularidades da Educação Social, a discussão acadêmica sobre a condição juvenil e as práticas educacionais desenvolvidas no PCAF, na Cidade Dom Bosco.

Finalizamos a Dissertação cientes de que os relatos registrados durante as oito (08) entrevistas com jovens egressos do PCAF, apesar de importantes, representam apenas uma pequena fração de uma história mais ampla e complexa – uma história que ainda demanda novas pesquisas.

REFERÊNCIAS

- ABRIC, Jean Claude. **Prácticas sociales y representaciones**. México: Ediciones Coyoacán México. 1994. Disponível em https://www.academia.edu/4035650/ABRIC_Jean_Claude_org_Practicas_Sociales_y_Representaciones Acesso em 28 maio 2023.
- ALMEIDA, Elaine Cancian de. **A cidade e o rio: escravidão, arquitetura urbana e a invenção da beleza: o caso de Corumbá (MS)**. Universidade de Passo Fundo, 2006. Disponível em <https://www.ppghufgd.com/wp-content/uploads/2017/06/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Elaine-Cancian.pdf>. Acesso em: 13 de jun. de 2023.
- AQUINO, Luseni Maria C. de. Introdução. In: CASTRO, Jorge Abrahão de; AQUINO, Luseni Maria C. de (Orgs.). **Juventude e Políticas Sociais no Brasil**. Brasília: IPEA, 2009, p. 23-41. Disponível em <https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9094/1/Juventude%20e%20pol%C3%ADtica%20sociais%20no%20Brasil.pdf>. Acesso em 28 maio 2023.
- AZEVEDO, Gislane Campos. A tutela e o contrato de soldada: a reinvenção do trabalho compulsório infantil. **História social**, nº 03, p. 11-36. 1996. Disponível em <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/rhs/article/view/85/94>. Acesso em 13 de jun. de 2023.
- BARBOSA, Karla Jaber. Conexões entre o desenvolvimento cognitivo e o musical: estudo comparativo entre apreciação musical direcionada e não direcionada de crianças de sete a dez anos em escola regular. 2009, 116 f. Dissertação de Mestrado. **Universidade Federal de Minas Gerais**, Belo Horizonte. Disponível em <file:///C:/Users/DESKTOP/Downloads/educa%C3%A7%C3%A3o%20musical%20-%20desenvolvimento%20cognitivo.pdf>. Acesso em: 15 de jun. de 2023.
- BARRETO, Sidney de Jesus; CHIARELLI, Ligia Karina Meneghetti. A importância da musicalização na educação infantil e no ensino fundamental: a música como meio de desenvolver a inteligência e a integração do ser. **Revista Recrearte**, nº3, 2005. Disponível em <https://musicaeadoracao.com.br/25473/a-importancia-da-musicalizacao-na-educacao-infantil-e-no-ensino-fundamental/>. Acesso em: 15 de jun. de 2023.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas**. São Paulo: USP, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. La juventud no es más que una palabra. In: Bourdieu. P. **Sociología y cultura**. Grijalbo: CONACULTA, p. 163-173, 1990. Disponível em https://www.ses.unam.mx/cursos2007/pdf/BORDIEU_PIERRE.pdf. Acesso em 13 de jun. de 2023.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 2005. Disponível em [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/988/o/BOURDIEU__Pierre._O_Poder_Simb%C3%B3lico_\(2\).pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/988/o/BOURDIEU__Pierre._O_Poder_Simb%C3%B3lico_(2).pdf). Acesso em 13 de jun. de 2023.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2004. Disponível em <https://cbd0282.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/02/bourdieu-pierre-a-economia-das-trocas-simbc3b3licas.pdf>. Acesso em 13 de jun. de 2023.

BORSATO, Aurélio Vinicius; DONADON, Juliana Rodrigues; BIAZON, Juliana Oliveira; GALVANI, Fábio; SPOTO, Marta H. Fillet. Avaliação Sensorial de Farinhas de Bociuva Produzidas por Processo Artesanal e Mecanizado. **Cadernos de Agroecologia** – ISSN 2236-7934 – V. 11, N. 2, 2016. Disponível em <https://revistas.aba-agroecologia.org.br/cad/article/view/21384/14148>. Acesso em: 13 de jun. de 2023.

BRASIL. **Lei de 15 de outubro de 1827**. Manda criar escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM..-15-10-1827.html. Acesso em: 13 de jun. de 2023.

BRASIL. **Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013**. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Disponível em [https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20112014/2013/lei/l12852.htm#:~:text=%C2%A7%201%C2%BA%20Para%20os%20efeitos,e%20nove\)%20anos%20de%20idade](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20112014/2013/lei/l12852.htm#:~:text=%C2%A7%201%C2%BA%20Para%20os%20efeitos,e%20nove)%20anos%20de%20idade). Acesso em: 13 de jun. de 2023.

BRASIL. **Decreto nº 5.598, de 1º de dezembro de 2005**. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5598.htm. Acesso em: 11 nov. 2013.

BRASIL. Secretaria Nacional de Juventude. **Estação juventude: conceitos fundamentais – ponto de partida para uma reflexão sobre políticas públicas de juventude**. Organizado por Helena Abramo. Brasília: SNJ, 2014.

BRASÍLIA. Programa Criança Feliz - A intersetorialidade na visita domiciliar. **Ministério do Desenvolvimento Social e Agrário**, 2016. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/decreto/d8869.htm . Acesso em: 13 de jun. de 2023.

BRANDÃO, Daniel Braga. Avaliação com Intencionalidade de Aprendizagem: Contribuições Para a Teoria da Avaliação de Programas e Projetos Sociais. Dissertação de mestrado. **Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**. SP-SÃO PAULO, 2007. Disponível em <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/9999> . Acesso em 13 de jun. de 2023.

BROCARDI, Pietro. **Dom Bosco: Profundamente homem, profundamente santo**. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 2005. Disponível em <https://salesianosp.org.br/osbomreito/wp-content/uploads/2021/08/Dom-Bosco-profundamente-homem-profundamente-santo.pdf>. Acesso em 13 de jun. de 2023.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange; LEITÃO e MELLO, Julia. Transição para a vida adulta: mudanças por período e coorte. In: CAMARANO, Ana Amélia. (Org.). **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** Rio de Janeiro: Ipea, 2006. Disponível em https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3296/1/Livro_Transicao_WEB1.pdf. Acesso em: 13 de jun. de 2023.

CANEVACCI, Massimo. **Culturas extremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles**. Riode Janeiro: DP&A, 2005. Disponível em <https://periodicos.uniso.br>. Acesso em: 28 maio 2023.

CARDOZO, José Carlos da Silva. **Enredos Tutelares: o Juízo de Órfãos e a atenção à criança e à família porto-alegrense no início do século XX**. São Leopoldo: OIKOS, Editora UNISINOS, 2013. Disponível em <https://www.aacademica.org/jose.cardozo/11.pdf>. Acesso em: 28 maio 2023.

CARVALHO, Anna Karoline Cavalcante; Ana Luísa Barbosa FARIA; Elizandra da Paz Lisboa; Valcelir Borges da Silva. Valéria Lustosa de Alencar. A Religião Como Forma De Controle Social. **Revista Humanidades e Inovação** v.7, n.2, 2020. Disponível em <file:///C:/Users/DESKTOP/Downloads/poderio%20da%20igreja%20cat%C3%B3lica%20-%20hesley.pdf>. Acesso em: 13 de jun. de 2023.

CASTEL, Robert. Da indigência à exclusão, a desfiliação: precariedade do trabalho e vulnerabilidade relacional. In: LANCETTI, A. **Saúde Loucura**, São Paulo, n. 4, p. 21-48, 1994. Disponível em <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-151675>. Acesso em: 21 de fev. de 2024.

CONSELHO NACIONAL DO MINISTÉRIO PÚBLICO. Manual de implementação do Programa Adolescente Aprendiz. Vida profissional: começando direito. Brasília: **CNMP**, 2012. 120 p. Disponível em https://www.cnmp.mp.br/portal/images/stories/Destaques/Publicacoes/Manual_do_Menor_Aprendiz_-_WEB.pdf. Acesso em: 15 de jun. de 2023.

CORSEUIL, Carlos Henrique; BOTELHO, Rosana Ulhôa (Organizadores). **Desafios à trajetória profissional dos jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Ipea, 2014. Disponível em <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/3235> . Acesso em: 25 abr. 2024.

CORUMBÁ, Prefeitura Municipal. Fundador da Cidade Dom Bosco, padre Ernesto Saksida faria hoje 98 anos. **Prefeitura Municipal de Corumbá-MS**. Publicação de 15 de outubro de 2017. Disponível em <https://ww2.corumba.ms.gov.br/2017/10/fundador-da-cidade-dom-bosco-padre-ernesto-Saksida-faria-hoje-98-anos/>. Acesso em: 16 de jun. de 2023.

COSTA, Edgar Aparecido da. Os Bolivianos Em Corumbá-MS: construção cultural multitemporal e multidimensional na fronteira. **Cadernos de estudos culturais**, Campo Grande, MS, v. 4, n. 7, p. 17 – 33, jan./jun. 2012. Disponível em <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/4692>. Acesso em: 06 fev. 2023.

COSTA, Leon Denis da. Concepção de representação na sociologia clássica LEON **Revista Espaço Acadêmico**, n. 72, p. 133-142, 2015. Disponível em <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/27294/15136>. Acesso em: 06 fev. 2023.

COSTA; Joana, et. al. **Expansão da Educação Superior e Progressividade do Investimento Público**. Texto para discussão n. 2631. Rio de Janeiro: IPEA, 2021. Disponível em https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10500/1/td_2631.pdf. Acesso em 05 fev. 2023.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, Anped, n. 24, p.40-52, 2003. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/zsHS7SvbPxKYmvcX9gwSDty/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 28 maio 2023.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100 – Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em <https://www.scielo.br/j/es/a/RTJFy53z5LHTJjFSzq5rCPH/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em 21 de fev. de 2024.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. Cadernos de Pesquisa, n. 115, p. 139-154, março/ 2002. Disponível em <https://www.scielo.br/j/cp/a/PmPzwwqMxQsvQwH5bkrhrDKm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 de set. de 2024.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa**. São Paulo: Edições Paulinas, 1989. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4638436/mod_resource/content/1/formas%20elementares%20vida%20religiosa.pdf . Acesso em 21 de fev. de 2024.

DURKHEIM, Émile. **O Suicídio**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Disponível em [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4239077/mod_resource/content/0/%C3%89mile%20Durkheim%20-%20O%20Suicidio%20\(2000\).pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4239077/mod_resource/content/0/%C3%89mile%20Durkheim%20-%20O%20Suicidio%20(2000).pdf). Acesso em 28 maio 2023.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

ERRANTE, Antoinette. Mas afinal, a memória é de quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar. **História da Educação**, Pelotas – R.S., n. 8, p. 141-174, set. 2000. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30143>. Acesso em 21 de fev. de 2024.

FARIAS, Mabel. Infância e educação no Brasil nascente. In: VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de. **Educação da infância: história e política**. Rio de Janeiro: Editora DPA, 2005.

FEIJÓ, Marianne Ramos. A família e os projetos sociais voltados para jovens: impacto e participação. Tese de doutorado. **Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUCSP**, São Paulo, 2008. Disponível em <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/b8dNHLYKGW87GtvkpbLgHFh/>. Acesso em 12 de mar. de 2023.

FERNANDES, Marcelo. Sepultamento de padre Ernesto é marcado pela emoção. **Jornal Diário Corumbaense**. Publicação de 14 de Março de 2013. Disponível em <https://www.diarionline.com.br/index.php?s=noticia&id=55903>. Acesso em: 15 de jun. de 2023.

FERNANDES, Maria Nilvane; TOLEDO, César de Alencar Arnaut de. Sobre A História Das Práticas Religiosas Na Socioeducação: A Influência Moderna Das Escolas Cristãs, Do Século XVII, De Jean-Baptiste De La Salle. **Revista História da Educação**, v. 28, e125773, 2024. Disponível em

<https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/125773/91694>. Acesso em 05 abr. 2024.

FILHO, Fernando Pinheiro. A noção de representação em Durkheim. **Lua Nova**, n. 61, p. 139- 166, 2004. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ln/a/sMLyrxVfFFrRNxNCtcvpb8d/?lang=pt> Acesso em 21 fev. 2023.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da Liberdade**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. Disponível em http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/educacao_pratica_liberdade.pdf. Acesso em 06 fev. 2023.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008. Disponível em <https://ifbaiano.edu.br/portal/pos-eja-santa-ines/wp-content/uploads/sites/99/2020/07/Educa%C3%A7%C3%A3o-e-Mudan%C3%A7a.pdf>. Acesso em 21 de fev. de 2024.

FRIZZARINI, Claudia Regina Boen; LEME DA SILVA, Maria Célia. Saberes geométricos de Calkins e sua apropriação nos programas de ensino dos grupos escolares paulistas. **Revista Brasileira De História Da Educação**, vol.16, nº3, ed. 42, 2016. Disponível em <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/40740>. Acesso em 12 de mar. de 2024.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Introdução à Metapsicologia Freudiana - Artigos sobre Metapsicologia(1914-1917)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. Disponível em https://clnicasdotestemunhosc.weebly.com/uploads/6/0/0/8/60089183/luiz_a._garcia-roza_-_introdu%C3%A7%C3%A3o_%C3%A0_metapsicologia_freudiana_-_v._3__1_.pdf. Acesso em 28 maio 2023.

GONZALES, Roberto. Políticas de emprego para jovens: entrar no mercado de trabalho é a melhor saída? In: CASTRO, Jorge Abrahão de; AQUINO, Luseni Maria C. de (Orgs.). **Juventude e Políticas Sociais no Brasil**. Brasília: IPEA, 2009, p. 109-129. Disponível em <https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9094/1/Juventude%20e%20pol%C3%ADtica%20sociais%20no%20Brasil.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2023.

GOTTLIEB, David; REEVES, J. A questão das subculturas juvenis. In: BRITO, S. (Org.). **Sociologia da juventude**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968. v. 2.

GROPPO, Luís Antonio. Teorias críticas da juventude: geração, moratória social e subculturas juvenis. **Universidade Federal de Santa Catarina**, Florianópolis, v. 12, n. 1, jan./jul., 2015 Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/1806-5023.2015v12n1p4/29763>. Acesso em: 28 maio 2023.

GROPPO, Luís Antonio. O funcionalismo e a tese da moratória social na análise das rebeldias juvenis. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v.14, n.26, p.37-50, 2009. Disponível em <https://biblioteca.clacso.edu.ar/Brasil/nupec-ufpi/20200629051529/Juventudes.pdf>. Acesso em: 28 maio 2023.

GUIMARAES, Nadya Araujo; MARTELETO, Leticia; BRITO, Murillo Marschner Alves de. Transições e trajetórias juvenis no mercado brasileiro de trabalho: Padrões e determinantes.

Organizacão Internacional do Trabalho. Brasília, dezembro de 2018.

IBGE – **Instituto Brasileiro De Geografia e Estatística.** Censo Brasileiro de 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/22827-censo-demografico-2022.html>. Acesso em: 06 fev. 2023.

JOVEM aprendiz. **O que é? Senac.** Disponível em:.. Acesso em: 11 nov. 2013. DECRETO no 5.598, de 1o de dezembro de 2005. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em <http://www.mg.senac.br/internet/cursos/aprendizagem/default.htm>. Acesso em: 11 nov. 2023

OIT - Organização Internacional do Trabalho. Juventude e trabalho informal no Brasil. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).** Brasília: OIT, p. 15, 2015. Disponível em <https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/5874/1/Juventude%20e%20trabalho%20informal%20no%20Brasil.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2023.

KRUSKOPF, Dina. Comprensión de la juventud. El ocaso del concepto de moratória psicosocial. JOVENes. **Revista de Estudios sobre la Juventud.** México, ano 8, n. 21, p. 26-39, 2004. Disponível em <https://catedra-laicidad.juridicas.unam.mx/detalle-articulos-de-interes/172/Comprensi%C3%B3n-de-la-juventud.-El-ocaso-del-concepto>. Acesso em: 28 maio 2023.

KUKIEL, Éder Damião Goes; SILVEIRA, Claudia Vera da A culinária de fronteira como elemento de união entre povos: o caso da sopa paraguaia na fronteira entre Brasil e Paraguai e Brasil e Bolívia. **Boletim Gaúcho de Geografia**, vol. 47 nº 1, p. 201 – 224, 2020. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/102282/59720>. Acesso em: 06 fev. 2023.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. Métodos de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental. In: LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** 8. ed. São Paulo: EPU, cap. 3, p. 25-44, 2004. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4091392/mod_resource/content/1/Lud_And_cap3.pdf. Acesso em: 21 de fev. de 2024.

LUKES, Steven. **Émile Durkheim su vida y su obra.** Madrid, Centro de Investigaciones Sociológicas/Siglo XXI de España Editores. 1984. Disponível em https://books.google.com.br/books/about/Emile_Durkheim_su_vida_y_su_obra.html?id=1AWIgb3zYIYC&redir_esc=y. Acesso em: 28 maio 2023.

LUZ, Paulo Roberto Moraes da. Programa jovens aprendiz: um estudo de caso da política pública e suas implicações no mundo do trabalho. **Universidade Federal da Bahia-Salvador-BA**, 2015. Disponível em <https://www.cdi.uneb.br/site/wp-content/uploads/2016/02/PAULO-ROBERTO-MORAES-DA-LUZ.pdf>. Acesso em: 15 de jun. de 2023.

MANFROI, José. **A missão salesiana e a educação em Corumbá: 1899-1996.** Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Centro de Ciências Humanas e Sociais. Campo Grande-MS, 1997. Disponível em <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/737>. Acesso em: 06 fev. 2023.

MANZINI, Eduardo José. Entrevista Semi-estruturada: Análise de Objetivos e de Roteiros. Depto de Educação Especial do Programa de Pós Graduação em Educação, **Universidade Estadual São Paulo (UNESP)**, Marília, SP. 2004. Disponível em <http://www.sepq.org.br/IIsepeq/anais/pdf/gt3/04.pdf>. Acesso em 16 de set. de 2024.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. “La juventude es más que una palabra”. In: MARGULIS, Mario (editor). **La juventude es más que una palabra**. Buenos Aires: Biblos, p. 13-30, 1996. Disponível em https://www.psi.uba.ar/academica/carrerasdegrado/psicologia/sitios_catedras/practicas_profesionales/788_salud_adol/material/juventud_mas_que_palabra.pdf. Acesso em 28 maio 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). **Texto em representações sociais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, p. 89-111, 1995. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/337725928_TEXTOS_EM_REPRESENTACOES_SOCIAIS/link/5de72deb92851c83645fd89f/download?_tp=eyJjb250ZXh0Ijp7ImZpcnN0UGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW9uIiwicGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW9uIn19. Acesso em 15 mar. 2023.

MORAES, Thais Palmeira; KASSAR, Mônica de Carvalho Magalhães; MAGALHÃES, Justino Pereira de. Acolhimento De Crianças Pobres No Interior Do Brasil: O Caso De Uma Escola Salesiana Em Corumbá, Mato Grosso, 1904–1927. ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. **Revista Brasileira de Educação**, vol. 27, 2022. Disponível em <https://www.redalyc.org/journal/275/27570174012/html/>. Acesso em 24 abr. 2024.

MOSCOVICI, Serge. **El psicoanálisis, su imagen y su público**. Buenos Aires: Huemul S.A., 1979. Disponível em <https://taniars.wordpress.com/wp-content/uploads/2008/02/moscovici-el-psicoanalisis-su-imagen-y-su-publico.pdf>. Acesso em 06 fev. 2023.

MULLER, Rosangela Carla de Oliveira et al. Artesanato, cultura e desenvolvimento local no pantanal de Corumbá: Casa do Massa Barro. **Multitemas**, Campo Grande-MS, n. 34, p. 81-103, nov. 2006. Disponível em <https://interacoes.ucdb.br/multitemas/article/view/684>. Acesso em 01 abr. 2024.

NANNI, Carlo. **O sistema preventivo de Dom Bosco, hoje**. Brasília: Rede Salesiana de Escolas, 2014. Sistema Preventivo. Disponível em https://edbbrazil.org.br/literatura-salesiana/files/O_Sist_Prev_Hoje_Baixa.pdf. Acesso em 15 mar. 2023.

NOVAES, Regina Célia Reyes et al. Política Nacional de Juventude: Diretrizes e Perspectivas. **São Paulo: Conselho Nacional de Juventude**; Fundação Friedrich Ebert, 2006. p. 22.

OLIVEIRA, Marco Auréli Machado de; LEONZO, Nanci. **Mais Importante era a Raça**. Sírios e Libaneses na Política em Campo Grande-MS (2001). Editora UFMS: Campo Grande, 2010. Disponível em <https://repositorio.usp.br/item/001214132>. Acesso em 12 mar. de 2023.

PAIS, José. **Culturas juvenis** 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2003. Disponível em <https://www.ics.ulisboa.pt>. Acesso em 15 mar. 2023.

PEREIRA, Joelson Gonçalves Pereira. O patrimônio ambiental urbano de Corumbá-MS: identidade e planejamento. Universidade de São Paulo. **Departamento de pós-graduação em geografia humana**. São Paulo-SP, 2007.

PINHEIRO, Leandro Brum. O bem-estar na escola salesiana: evidências da realidade. **Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul**. Mestrado em Educação. Porto Alegre 2011. Disponível em <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/3669/1/430439.pdf>. Acesso em: 13 de jun. de 2023.

RANGEL, Alan Wruck Garcia. Soldada e tutela de órfãos nas últimas décadas do século XIX. Legislação e prática judiciária. **Revista de Estudos Empíricos em Direito**, v. 7, n. 1, p. 50-70, 2020. Disponível em <https://reedrevista.org/reed/article/view/359>. Acesso em 15 mar. 2023.

REIS, Rosaina Cuiabano; ARRUDA, Rayanne de Mara de; JESUS, Edinete Medeiros de; BORSATO, Aurélio Vinicius. Utilidades da bocaiúva (*Acrocomiaaculeata* (Jacq.) Lodd. ex Mart) sob o olhar da comunidade urbana de Corumbá, MS. **Cadernos de Agroecologia**, vol 7, nº. 2, Dez 2012. Disponível em <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/938452/utilidades-da-bocaiuva-acrocomia-aculeata-jacq-lodd-ex-mart-sob-o-olhar-da-comunidade-urbana-de-corumba-ms#:~:text=Foi%20constatado%20que%20a%20bocaiuva,consumo%20da%20castanha%20in%20natura>. Acesso em 12 mar. 2023.

REIS, Sebastiana Lindaura de Arruda; BELLINI, Marta. Representações sociais: teoria, procedimentos metodológicos e educação ambiental. **Acta Scientiarum**, Maringá, v. 33, n. 2, p. 149-159, 2011. Disponível em <https://www.revistaes.org/artigo.php?idartigo=1081>. Acesso em 21 de fev. de 2024.

REIS, Rosaina Cuiabano; ROLON, Gilberto Chena; ARRUDA, Rayanne de Mara de.; ZANELLA, Mayara Santana; JESUS, Edinete Medeiros de; BORSATO, Aurélio Vinicius. Obtenção da farinha de bocaiuva na Casa do Artesão de Corumbá-MS. **Cadernos de Agroecologia**, vol 7, nº. 2, Dez 2012. Disponível em <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/938444/obtencao-da-farinha-de-bocaiuva-acrocomia-aculeata-jacq-lodd-ex-mart-na-casa-do-artesao-de-corumba-ms>. Acesso em 12 mar. 2023.

RIBEIRO, Andressa de Freitas. Taylorismo, fordismo e toyotismo. **Lutas Sociais**, São Paulo, vol.19 n.35, p.65-79, jul./dez. 2015. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/26678>. Acesso em: 16 de jun. de 2023.

ROSA, Luiz Carlos Mariano da. O sistema escolar entre o espaço social e o habitus segundo O estruturalismo construtivista de Bourdieu. **Revista Eletrônica Esquiseduca**, 9 (17), p. 91–115, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/630>

RÜCKERT, Fabiano Quadros; CARDOZO, José Carlos da Silva. Poor, underprivileged and delinquent minors in Brazil during the transition from Empire to Republic: a historiographical balance. **CONFLUENZE**, vol. XV, nº 1, 2023, pp. 530-551

SALAMON, Fernanda Dayara. Carl Gustav Jung E Sigmund Freud: por uma história das emoções em suas correspondências (1906-1923). **Anpuh-Brasil-30º** Simpósio Nacional de História, Recife-2019. Disponível em [https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1564711554_ARQUIVO_CARLGUSTAVJUNGESIGMUNDFREUDPORUMAHISTORIADASEMOCOESUASCORRESPONDENCIAS\(1906-1923\).pdf](https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1564711554_ARQUIVO_CARLGUSTAVJUNGESIGMUNDFREUDPORUMAHISTORIADASEMOCOESUASCORRESPONDENCIAS(1906-1923).pdf). Acesso em: 16 de jun. de 2023.

SANTOS, Gilberto Rodrigues; SOUZA, Osmar do Nascimento; BARROS, Bárbara Regina Gonçalves da Silva. Banho de São João: Reflexos na Economia de Corumbá. **Revista GeoPantanal**. UFMS/AGB, Corumbá/MS, N. 19, 27-38, jul./dez. 2015.

SANTOS, Maricelly Costa. Controle capitalista e tecnologia: mecanismos de intensificação da exploração do trabalho nas centrais de telemarketing. **Universidade Federal de Alagoas-Al.2023**. Disponível em https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/123456789/11572/1/Controle%20capitalista%20e%20tecnologia_mecanismos%20de%20intensifica%C3%A7%C3%A3o%20da%20explora%C3%A7%C3%A3o%20do%20trabalho%20nas%20centrais%20de%20telemarketing.pdf. Acesso em: 16 de jun. de 2023.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna: Intelectuais, Arte e Videocultura na Argentina**. 2ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. Disponível em https://arquimuseus.arq.br/w/wp-content/uploads/2021/01/2021-01-05-sarlo_beatriz-cenas-da-vida-pos-moderna.pdf. Acesso em 23 fev. 2023.

SCHWANDT, Thomas. A. Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa: interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social. In NK Denzin e YS Lincoln (Eds.). **Manual de Pesquisa Qualitativa** (2 ed., pp. 189-213). Publicação SAGE. 2000.

SENA, Divino Marcos de. O cotidiano de estrangeiros num lugar cosmopolita: Corumbá, 1870-1888. sÆculum - **Revista De História**, nº7; João Pessoa, jul./dez. 2012. Disponível em <https://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/view/16430/9418>. Acesso em 23 fev. 2023.

SILVA, Samara Paladino Roriz e. Análise dos efeitos de Programas Educacionais: o caso Projeto Jovem De Futuro do Instituto Unibanco. Dissertação de mestrado. **Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas**. São Paulo-SP, 2010. Disponível em https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/FGV_4c7aef4155dfc669d99a0024652cd794. Acesso em 12 de mar. de 2023.

SILVA, Silvia Gama. Juventudes: o projeto social como um dos espaços para a construção da sociedade juvenil. Mestrado em Educação –**Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre RS, 2015. Disponível em <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/6089/2/469644%20Texto%20Completo.pdf>. Acesso em 12 de mar. de 2023.

SILVA, Vera Lucia Gaspar da; VIDAL, Diana Gonçalves; SÁ, Elisabeth Figueiredo de (Orgs.). **Obrigatoriedade Escolar no Brasil**. Cuiabá: Ed. UFMT, 2013.

SOUZA, João Carlos de. O caráter religioso e profano das festas populares: Corumbá, passagemdo século XIX para o XX. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, l9e7. 24, nº 48, p.331- 351, 2004. Disponível em

<https://www.scielo.br/j/rbh/a/DdrtM9F8FNZKRPchwVMc3Yj/abstract/?lang=pt>. Acesso em 12 mar. 2023.

SOUZA, Thaís Godoi de. O jovem no brasil: orientações da UNESCO para as políticas de juventudeXI ANPED-SUL. **Reunião Científica Nacional da ANPED**, P. 1-14, 2016. Disponível em http://www.anpedsul2016.ufpr.br/portal/wpcontent/uploads/2015/11/eixo4_THA%C3%8DS-GODOI-DE-SOUZA.pdf. Acesso em 23 fev. de 2023.

SZYMANSKI, Heloisa (org.). **Entrevista na Pesquisa em Educação: a prática reflexiva**. 5.ed. Campinas: Autores Associados, 2018.

THIAGO, Fernando; GONÇALVES, Caroline; SANTOS, Denilson Almeida dos. Entre Governança E Consagração Cultural: O Papel Da Liesco No Carnaval De Corumbá In RÜCKERT, Fabiano Quadros; MOREIRA, Natália C. (Org.). **Pensando a cidade: Corumbá em perspectiva interdisciplinar**. 1. ed. Campo Grande: Life, 2020, p. 183-201.

TRAJBER, Natalia Keller de Almeida. Oficinas de atividades como processos educativos e instrumento para o fortalecimento de jovens em situação de vulnerabilidade social. Dissertação de Mestrado. **Universidade Federal de São Carlos, UFSCar**. São Carlos-SP, 2010. Disponível em <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/2561> . Acesso em 12 de mar. de 2023.

VIANNA, Heraldo M. **Pesquisa em Educação: a observação**. Brasília: Plano Editora, 2003.

VIANNA, Marielle Assis; LEITE, Milena de Oliveira; TAVARES, Nayara Alonso; LOUREIRO, Maria Bernadete S. A importância do Casario do Porto de Corumbá como patrimônio histórico cultural no desenvolvimento turístico de Mato Grosso do Sul. **Multitemas**, 2016. Disponível em <https://doi.org/10.20435/multi.v0i27.811>. Acesso em 23 fev. de 2023.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 6.ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998.

WAENELDT, Rodolfo. **Exploração da Província de Mato Grosso**. Cuiabá: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, 2001. Publicações Avulsas.

WEBER, Max. A “objetividade” do conhecimento nas Ciências Sociais. In: COHN, Gabriel. (Org.). WEBER, Max. Sociologia. São Paulo: Ática, 2004. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

APÊNDICE 1



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA COLETA DE DADOS

Ilmo. Sr. Fernando Henrique Melgar
Coordenador da Cidade Dom Bosco

Corumbá, Julho de 2022.

Eu, Hesley Sant'ana Salustiano, matriculado no curso de Mestrado em Educação na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a orientação do professor Dr. Fabiano Quadros Rückert, venho solicitar a V. Sra. a autorização para coleta de dados do Programa Crianças e Adolescentes Felizes, com a finalidade de realizar a pesquisa do Mestrado intitulada **Educação Social e trajetórias de vida: os significados dos projetos sociais para a juventude**. A pesquisa está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Campus do Pantanal.

Os objetivos da pesquisa consistem em:

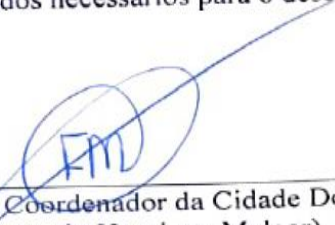
1. Analisar a trajetória de vida de jovens que frequentaram o Programa Crianças e Adolescentes Felizes;
2. Estudar as percepções destes jovens sobre o respectivo Programa;
3. Refletir sobre as contribuições do Programa Crianças e Adolescentes Felizes para a formação dos jovens atendidos pela Cidade Dom Bosco.

A coleta de dados para a qual solicitamos autorização será feita a partir da ficha de matrícula dos egressos do Programa Crianças e Adolescentes Felizes. Os egressos serão convidados para conceder entrevistas e os que responderem ao convite assinarão um **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**, por meio do qual será formalizada a participação voluntária e a autorização para uso das entrevistas.

Consideramos pertinente enfatizar que não haverá exposição de nomes dos entrevistados ou de nomes de funcionários da Cidade Dom Bosco. No entanto, o nome da instituição e o trabalho de Educação Social que ela desenvolve, inevitavelmente, serão mencionados. Para assegurar que não haverá prejuízo para a instituição, nos comprometemos em apresentar os resultados da pesquisa para apreciação dos responsáveis.

Diante do que foi exposto, solicitamos que o Coordenador da Cidade Dom Bosco autorize, por meio da sua assinatura, o acesso aos dados necessários para o desenvolvimento da pesquisa.

Atenciosamente
Hesley Sant'ana Salustiano


 Assinatura do Coordenador da Cidade Dom Bosco
 (Fernando Henrique Melgar)

APÊNDICE 2

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado(a), estamos realizando um projeto de pesquisa do mestrado em Educação da UFMS, intitulado **Educação Social e trajetórias de vida: os significados dos projetos sociais para a juventude** e esperamos contar com a sua colaboração. A pesquisa tem por objetivos analisar as percepções dos estudantes do Programa Crianças e Adolescentes Felizes, a partir das suas memórias.

Caso aceite participar, informamos que você será entrevistado pelo mestrando Hesley Sant'ana Salustiano e seu orientador professor Dr. Fabiano Quadros Rlickert. Informamos ainda que a entrevista será gravada e posteriormente transcrita. Ela será usada exclusivamente para fins acadêmicos, sendo assegurado o anonimato dos participantes. Ressaltamos que a participação na pesquisa é voluntária e será formalizada por meio da assinatura do presente documento.

Visando a transparência da pesquisa, você receberá a transcrição da sua entrevista e poderá sugerir alterações no conteúdo, se considerá-las pertinentes.

A entrevista poderá ser realizada na Cidade Dom Bosco, em data e horário que serão agendados a partir da sua disponibilidade. Havendo necessidade, podemos oferecer o auxílio transporte.

Eu, _____,
portador(a) do RG nº. _____, CPF _____ nascido em
____/____/____, declaro que aceito responder voluntariamente o questionário
para a pesquisa do projeto de mestrado intitulado “Educação Social e trajetórias de vida:
os significados dos projetos sociais para a juventude”.

*Declaro ter recebido as devidas explicações sobre os objetivos da pesquisa e estou ciente
do que se trata, sendo assim, assino o presente Termo de Consentimento Livre e
Esclarecido, autorizando o uso da minha entrevista para fins acadêmicos.*

(Assinatura do participante)

_____/____/____
(data de assinatura do Termo)

APÊNDICE 3 (conjunto de entrevistas)

E01 – 20 anos – Trabalho voluntário

Data: 12 de novembro de 2022.

Local: Espaço Social “Dom Bosco”

Bom dia, eu estou com a E01 de vinte anos, é uma das nossas entrevistadas, hoje é dia doze de novembro de dois mil e vinte e dois. E01 é uma das entrevistadas do nosso projeto de pesquisa intitulado “Educação Social e Trajetórias de Vida: os significados dos projetos sociais para a juventude”. Tudo bem, E01?

E01: Tudo bem, sim.

E01, qual que foi a motivação do seu ingresso no PCAF, o que fez você vir? Foi sua família que te colocou? Foi vontade sua? Ou foi porque algum amigo seu te indicou pra participar do projeto?

E01: Foi porque eu quis, né? Eu falei para a minha mãe que tinha esse projeto e que aqui dava a oportunidade do primeiro emprego. E foi aí que ela fez aí minha inscrição e eu iniciei no PCAF.

Você veio para o PCAF com que idade?

E01: Com dezoito anos.

Que você entrou no PCAF?

E01: Isso, eu entrei no ano de dois mil e vinte. Como teve a pandemia, eu já fui participar em dezembro. Eu participei de um projeto que era prevenção ao uso do *Fake News*, que era uma dança que tinha que desenvolver, aí eu participei e depois eu iniciei em dois mil e vinte e um. *Entendi. Quanto tempo que você permaneceu vinculada no projeto?*

E01: Foi um ano e pouco. Aí depois eu ingressei como Jovem Aprendiz, né? Fui adolescente aprendiz, aí eu fiquei nesse outro programa, que é o programa do adolescente aprendiz, mais onze meses. Então tem um ano e onze meses.

E aí você saiu do projeto e agora você está como colaboradora?

E01: Sim, eu saí. Acabou... encerrou meu contrato e a professora V¹³. veio e falou pra gente que ia dar uma oportunidade da gente fazer o voluntariado que iam ser três meses, aí eu aceitei. Eu fiz esse voluntariado de três meses, depois desses três meses eu fui contratada.

Bacana. Quando você participava aqui como aluna do projeto, que turno você frequentava?

E01: Eu participava no turno da tarde, período da tarde.

E de manhã você estava na escola?

¹³ Os nomes dos professores citados nas entrevistas foram abreviados

E01: De manhã na escola.

Você estudava em que escola?

E01: No “Dom Bosco”.

Sempre estudou no “Dom Bosco”?

E01: Não. Só o ensino médio. O ensino fundamental estudei na escola CAIC.

Das atividades que você participou nesse tempo que você ficou, mesmo com a pandemia, foi pouco tempo que acabou convivendo né? Que que você lembra, assim, das atividades que eram desenvolvidas na época?

E01: Eu lembro de todas porque sempre foi rodízio, então a gente sempre estava nas em todas as atividades cada semana a gente estava em um professor, aí eu lembro da atividade da professora de cada professor.

Seriam lembranças das oficinas é isso?

E01: Sim, nas oficinas tipo tinha teatro, libras. A de libras eu lembro mais, por conta que eu participava, eu fazia algumas apresentações. Eu lembro que eu fiz apresentação no santuário que eu interpretei né? Em libras a música de Nossa Senhora Auxiliadora, que foi a música da “coroação” e aí isso marcou, né?

Além dessa de libras que marcou, tem alguma das atividades que você achou que foi mais interessante que você desenvolveu, que você fez?

E01: Eu sempre gostei de estar participando de todas, né? Então eu nunca tive assim ah eu gostei mais daquela ali. Todas davam um apoio pra gente e aprendizados diferentes. Era algo que a gente desenvolvia diferente, mas que acrescentava muito pra gente.

Bacana. Como que você conseguiu na época, você relatou agora pouco, que teve a pandemia, né? Mas assim, organizar-se, conciliar né? O seu período aqui no PCAF e a sua vida enquanto estudante na escola Dom Bosco.

E01: Eu acho que quando eu comecei aqui foi muito foco, vontade mesmo de estar aqui e eu fui aprendendo, né? A ficar um pouco eu ia pra escola, saía da escola e ia pra casa aí eu voltava aqui. Depois que eu comecei como aprendiz foi a mesma coisa, eu ficava três vezes na semana aí depois desses três dias na semana trabalhando e duas vezes aqui no projeto aí depois terminou meus estudos eu encerrei em dois mil e vinte e um entende? Então não tinha problema nenhum eu sempre gostei então acho que minha força de vontade sempre foi maior.

Durante a sua participação no PCAF, eu acho que você relatou agora a pouco aí que você participou de um outro programa, né? Que foi o menor aprendiz se não me engano. Durante o esse tempo que você frequentou o PCAF além do programa menor aprendiz você participou de algum outro, de algum curso profissionalizante ou de algum outro projeto que existe aqui

na Cidade de Dom Bosco?

E01: Eu participei do voluntariado né? Que eles sempre dão a oportunidade de estar participando e do programa do adolescente aprendiz e do PCAF.

Certo. Assim, daquilo que você se recorda, que você se lembra fale um pouco sobre o espaço físico, mudou muita coisa? Você se lembra das salas, dos materiais que usavam nas atividades, o que você lembra disso?

E01: Eu acho que mudou bastante. Na época, a gente ficava nesse rodízio, então a gente conhecia todas as oficinas. Hoje as crianças ficam cada um em uma oficina. Elas escolhem a oficina, tem a oportunidade de estar em uma oficina. Então, nessa época a gente tinha esse rodízio, então mudou bastante.

Do que você participou aqui na sua época enquanto aluna, o que te lembra assim dos trabalhos que os monitores ou os professores desenvolviam com vocês? Que que te marca? Que que te vem na lembrança?

E01: Ah, eu participei bastante da pastoral nas missas, eu até aprendi, né? Eh, eu comecei a cantar, depois que eu comecei a participar do PCAF, que eu comecei na pastoral, cantando, participando de leitura isso daí me marcou bastante em questão da pastoral, participar dos momentos que eles desenvolviam com os alunos. Isso me marcou bastante.

Como que era a relação dos professores e educadores com vocês como alunos?

E01: Os professores sempre mostraram preocupação, tipo eles conheciam a gente bastante e sempre buscavam uma forma de tentar nos entender e nos ajudar de alguma maneira. Então a relação dos professores aqui é muito boa. Eu sempre achei que foi muito boa. Porque eles conseguiam resolver algumas coisas e conseguiam que o aluno falasse, não guardasse pra si e conseguia conversar com isso.

Na época, mesmo com a pandemia como vocês já relatou, os jovens que estavam aqui, você acha que eles se enquadram ou se enquadravam na época como jovens ou adolescentes que estavam em situação de vulnerabilidade ou não?

E01: Isso eu não posso dizer, né? Porque a gente nunca tinha amigos, amizade que eram de perto. Então, as outras pessoas que estavam aqui a gente não conhecia tanto porque moravam lá pra cima, lá na Nova Corumbá, então locais que a gente já pensa que talvez tenha sim, né? Mas eu nunca presenciei algo ou ouvi alguém assim sabe? Nessa época não.

E num geral, com relação a questão financeira da sua família. Quando você veio pra cá, como é que era? Quem trabalhava na casa? Como que era a questão financeira, econômica da sua família no ano de dois mil e vinte quando você veio pra cá?

E01: Nesta época só minha mãe que trabalhava, né? Eu ficava na escola aí eu vinha

geralmente, às vezes eu nem ia pra casa por conta que eles oferecem o almoço pra gente então, as vezes, eu vinha para cá direto, sabia que tinha esse almoço aqui, só ia pra casa mesmo pra tomar banho e vinha pro almoço. Nessa época só minha mãe que trabalhava e minha vó mesmo que recebia a aposentadoria dela, porque meu pai ficou desempregado durante esse tempo por conta que aconteceu o acidente com ele há um tempo. Aí era só minha mãe que era mesmo a base da renda da família.

Para a sua trajetória E01, tanto de vida pessoal como da questão profissional, qual que foi a importância do PCAF pra você?

E01: Nossa, o PCAF me ajudou muito a desenvolver a questão de aprender, ter um amadurecimento em algumas decisões que eu tinha que tomar. Então os professores geralmente daqui eles sempre foram meu orientador, se eu tinha dúvida de algo era para eles que eu perguntava, pra eles me darem alguma orientação pra eu poder entender o quê que eu ia fazer. Eu acho que para qualquer aluno que entra aqui ele tem grande importância. Na minha vida foi fundamental porque eu mudei bastante

O PCAF influenciou na sua formação enquanto cidadã? Como que o PCAF fez você entender que você é uma cidadã, é um sujeito que tem direitos e também tem deveres.

E01: O PCAF sempre desenvolveu bastante atividades com relação a isso. Tipo, ah a gente tem direitos, mas a gente tem deveres também. Então eles fizeram a gente entender bastante. Alguns deveres que a gente tinha e alguns direitos também. Nessa questão de trabalho, né? Que eles desenvolvem bastante por conta do aprendiz que a gente fez, a gente aprendeu bastante. Orientou a gente bastante que a gente tem isso, tem que fazer isso, né? Mas também a gente tem direito a isso.

Essa aqui é a última pergunta. Mas, se você quiser relatar mais alguma coisa fica à vontade tá? Como que foi ou como que está sendo a sua inserção no mercado de trabalho?

E01: Eu já trabalhava, mas não era de carteira assinada. Aí depois que eu comecei a vim para o PCAF eu consegui o aprendiz e durante esses onze meses que eu fiquei, fiquei três meses de voluntária e hoje sou contratada aqui, né? Aí também eu consegui através do PCAF a questão de eu fazer a minha prova do vestibular. Eu pedi a orientação de alguns professores porque eu não tinha condição financeira e minha prova era online, eu não tinha notebook, não tinha computador, nada em casa, então eu precisava por conta da câmera. E o PCAF me ajudou nisso. Eu conversei com alguns professores e eles me ajudaram, e hoje eu estou na faculdade também, aí eu trabalho integral nos dois períodos manhã e tarde e no período da noite eu estou no curso.

Que curso que você faz?

E01: Estou fazendo pedagogia na UFMS.

Meu curso. E01., muito legal. Eu agradeço as suas respostas, viu? Foi bem tranquilo. Você tem alguma coisa, você queira falar, queira relatar.

E01: Ah, eu quero só te falar que aquelas pessoas que tem interesse que querem, que visam um futuro melhor que o PCAF é uma casa acolhedora, aqui vai estar sempre acolhendo de portas abertas pros adolescentes, crianças, né? As pessoas que tem alguma vulnerabilidade e questão de condição financeira eles sempre dão esse apoio pra gente.

Bacana, E01. Nós conversamos com a E01 de vinte anos, ela foi aluna do PCAF, e hoje ela está como funcionária, né? Como colaboradora contratada aqui do programa.

E02, 29 anos - Advogada

Data: 22 de agosto de 2022

Local: Salão do Programa Criança e Adolescentes Felizes

Bem eu sou Hesley Santana, hoje dia dez de agosto de dois mil e vinte e dois. Sou mestrando em Educação Social pela UFMS. Estamos aqui no espaço físico do Programa Crianças e Adolescentes Felizes. E a gente vai bater um papo, vou entrevistar a E02, referente ao nosso projeto do mestrado. E02, de vinte e nove anos que vai estar conversando conosco respondendo algumas perguntas, né, referente aí a nossa pesquisa do projeto intitulado Educação Social e Trajetórias de Vida: os significados dos projetos sociais para a juventude. Tudo bem E02 com você?

E02: Boa tarde, tudo bem.

Que bom. E01, a gente vai começar então. Fique bem à vontade, tá? Para responder, bem tranquila. Qual que foi a motivação do seu ingresso, da sua vinda para o programa? Foi uma escolha sua, foi algum amigo seu na época da escola que te influenciou ou foi vontade da sua família?

E02: A minha entrada no PCAF ela foi vontade da minha mãe. Porque a gente sempre morou no bairro Primavera na parte alta de Corumbá. E é um bairro de vamos dizer assim... que ele seria uma favela de Corumbá e a minha mãe ela queria que a gente fosse um diferencial. Então, ela queria que a gente ficasse voltada ao estudo. Então foi uma forma de que ela ficaria mais tranquila com a gente saindo da escola e tendo uma rotina ali, no reforço escolar. Aquilo era o fundamental para gente que chegaria em casa e não e não teria vínculo com aquelas outras pessoas. Naquela época tinha gangues de meninas também, tinha questão das drogas e ela não queria que a gente ficasse influenciada por aquele meio.

Com que idade que você vem a se matricular e ingressar no programa? Você se recorda?

E02: Eu lembro que eu estava na sexta série eu deveria ter uns doze anos na época. Doze pra treze anos.

Quanto tempo que você ficou, permaneceu vinculada ao projeto, participou do projeto?

E02: Eu fiquei vinculada ali da minha sexta série até o final do ensino médio.

Que turno que você frequentava o projeto? O programa geralmente, você estuda em um turno e frequenta ele no outro, correto? Qual turno você participava?

E02: Pelo fato da minha mãe ter me matriculada no projeto, eu tive que arrumar uma escola pela manhã, o projeto pela minha série seria à tarde.

A sua escola não era a cidade de Dom Bosco então?

E02: Não. No primeiro momento, eu estudava no “Nathércia” no período da tarde. Só que lá, a quinta série e o ensino fundamental era à tarde. Aí eu fui, me matriculei na escola “Cássio Leite”, no ano em que a escola foi fundada. E aí posteriormente a L. (na época coordenadora do projeto) dava um auxílio. Eu tinha o sonho de estudar na escola Dom Bosco, mas era algo que naquela época você tinha uma fila, tinha que dormir, era muito concorrido. E aí como eu era uma boa aluna, tinha boas notas, a L. ela fazia um esforço de conseguir matricular esses alunos na escola Dom Bosco, e foi então que a partir da sétima série até o meu ensino médio eu concluí no Dom Bosco.

Ah, então quando você veio, você ainda não era da escola Dom Bosco?

E02: Eu não era da Cidade Dom Bosco.

Das atividades durante o tempo que você participou do projeto, que lembranças você tem das atividades educativas que eles aplicavam com os alunos, envolviam com os alunos. Das oficinas?

E02: Eu lembro que eu pude fazer foi de artesanato, né? Onde eu aprendi fazer ponto cruz e naquela época a gente fazia bordava toalhas e a L. incentivava que a gente vendesse e ganhava três reais, dois reais por aquilo e também a oficina de dança com o professor J. que foi uma das oficinas que eu fiz muito e violão eu aprendi a tocar violão clássico no projeto.

Olha que bacana. De todos esses aí qual que você acha que você foi mais interessante pra você? Dessas que você citou, que você participou.

E02: Para mim o mais interessante foi o violão.

Violão?

E02: Violão.

Porque que você lembrou dessa atividade como a mais interessante para você? Teve alguma coisa especificamente que te marcou pra você lembrar ela?

E02: Primeiro que era um desafio, segundo por curiosidade né? E aquela vontade que você adquire ali, porque a dança é algo que mesmo que você não saiba ler tecnicamente você dança, né? O bordado em si, eu já via com a minha mãe. Então não era algo tão novo para mim quanto o violão. E em casa assim, você só via na televisão. Vamos dizer assim, família de baixa renda, o violão que você só vê na televisão. Naquela época, né? Hoje em dia a gente tem até um acesso melhor. Mas para mim ali era algo um pouco mais distante.

Das suas lembranças quando adolescente, criança, pré-adolescente, como que foi conciliar os seus compromissos enquanto estudante na escola regular e os seus compromissos e atividades no programa? Como é que foi?

E02: Olha, para mim eu não encontrei nenhuma dificuldade porque eu já vinha na escola, né? Eu procurava absorver o máximo na escola e aí o projeto ele servia pra mim como pra auxiliar nas atividades que a gente tinha mais dificuldade né? Que seria ali você indo para a biologia, para a física, para a química e aí era tudo por horário, a gente tinha os horários do reforço da oficina e na época a coordenadora do PCAF ela era muito rígida se você fosse ruim, tivesse, pegava o seu boletim teve nota vermelha você não ia pra oficina você vivia no reforço então assim pra mim eu não tive nenhuma dificuldade. E a gente na verdade vivia de incentivos. Porque por exemplo, a sexta-feira você queria ir para a recreação, você não queria ficar ali só no reforço. E a L. ela sempre incentivou muito os alunos que passassem no terceiro bimestre. Então, a gente fazia de tudo no terceiro bimestre. Porque tinha a questão da colônia de férias que você era diferenciada colônia de férias. Aí às vezes ela dava um brinde para os melhores alunos. Ela sempre trabalhou assim.

Durante a sua participação no programa antes era projeto, né? Criança Feliz. Agora Programa. Você participou de algum outro projeto ofertado pelo PCAF?

E02: Sim, eu fui afilhada, isso eu já fui afilhada já tinha uns três anos de PCAF e aí, posteriormente no meu ensino médio eu fui menor aprendiz, também encaminhada pelo projeto. Então eu fui menor aprendiz na Embrapa e a gente fazia um curso de computação e secretariado administrativo aqui às sextas e sábados pela manhã. Eu creio que seja isso. O afilhado que eu tive a oportunidade dos meus padrinhos me ajudarem até na época da minha graduação. Então eles me ajudaram com isso até mesmo eles falaram assim a gente não vai poder te ajudar conforme o curso vai exigir, porque eu fiz Direito, mas eles se esforçaram ao máximo pra me ajudar ali com um livro, com um computador. Que já é uma ajuda bacana, né?

A partir da sua memória, daquilo que você se lembra, se recorda. Comenta um pouco sobre os espaços físicos. Como é que era a estrutura que você se recorda na época, dos materiais

didáticos, livros ou brinquedos que usavam, materiais que usavam nos jogos de recreação, pra colônia de férias que você citou agora a pouco. O que te lembra com relação a isso?

E02: Olha, os espaços eram todos bem estruturados, né? Porque já era naquele espaço da rua Dom Aquino. Tinha cada salinha de divisória, tudo era uma oficina. Aí tinha sala de vídeo que era o momento que a gente assistia depois do banho e eu creio que no intervalo também tinha as salas de reforço que elas eram um pouquinho mais precária, porque era ventilador de teto aí pra gente que é de Corumbá, passa um pouquinho mais de calor. Mas fora isso a estrutura era toda vamos dizer assim alvenaria os brinquedos era mesa de pingue-pongue, era o pebolim, mas a gente sempre manteve conservado. Assim, os alunos eram orientados ou educados a conservar aquilo que utilizavam.

Dos seus monitores, dos seus os professores na época o que te lembra eles especificamente? Desses monitores, os professores que você teve, que que marca pra você?

E02: Marca o carinho e o afeto que eles tinham. O conhecimento, né? A importância deles de te ensinarem ali ou de educarem. Eles sempre tratavam pelo menos na minha época, todo mundo de forma igual. A gente tinha o acompanhamento no banho. Então na minha época era a A., ela sempre orientou todas as meninas com aqueles cuidados íntimos de as particularidades femininas. A gente tinha atendimento psicológicos, né? E monitores mesmo depois disso, eu lembro muito de alguns professores em específico assim que posso falar deles. É a professora S. né? Que é hoje ela está na em escola municipal aqui na cidade e ela tinha aquele amor pra ensinar a gente, tinha aquele amor pelos adolescentes. A professora P. também que era de matemática e a professora P., ela tratava a gente assim brincava só que depois que eu pude descobrir que ela veio do presídio, ela era professora de presídio, né então pra ela, só que ela sempre tratou a gente ali num diferencial e eles sempre passaram muito conhecimento. Ele, o ela, o professor B., são pessoas assim que eu lembro bastante. O professor J. que amava a dança, né? Quando passava pra gente e aquela coisa de que pra eles era um orgulho a gente passar no final do ano, não ir com nota vermelha; ou ver que aquele aluno ali que ele se esforçava porque, às vezes, você não tem aquela aquele seu nível de inteligência alto, mas você se esforça pra aquilo. Então ele sempre incentivava aquilo pra você. Que aquele era o melhor caminho. Porque quando eu entrei no projeto, ele era de uma época que queriam tirar a pessoa da rua, mas e eu e a turma que vem em sequência, a gente já não era mais morador de rua. A gente era pessoa de bairros com menos acessibilidade. Então pra gente ter um acesso a um reforço escolar fazer com que a gente tivesse uma educação um pouco melhor. Aí foi um bum tanto pra mim quanto pros meus amigos, pra minha irmã que, posteriormente, também fez parte do projeto.

Você começou a comentar aí sobre a minha próxima pergunta inclusive. Quando você veio pra participar do projeto na sua época tanto você como as pessoas que participavam também se enquadravam na categoria de jovens em situação de vulnerabilidade ou não?

E02: Eu peguei a transição. Assim, cheguei de ver algumas pessoas que tanto na época eles estavam em suspensão e aí eu já tinha começado e as pessoas apareceram do nada. Aí que a gente ficou sabendo quem eram né? Mas eu particularmente vim porque a minha mãe queria um reforço escolar, não necessariamente que a gente era de algum outro programa ou foi indicado por algum órgão do município não.

E02., em linhas gerais, como era na época a situação econômica da sua família no período que você frequentou o PCAF?

E02: Como que era? A situação econômica da minha família era bem assim restrita, vamos dizer assim que eu morava na casa da minha avó. A minha mãe, era mãe solteira. Dormiam na casa mais oito pessoas e dessas oito pessoas a minha mãe na época trabalhava de cozinheira num restaurante local e ela ganhava vinte e cinco reais por dia então ela tinha que juntar aquele dinheiro pra ela conseguir comprar alguma coisa pra gente ali, porque era eu e a minha irmã. A minha irmã é a caçula. E aí minha vó fazia costuras pro bairro, né? E o meu avô trabalhava na prefeitura, mas das oito pessoas, vamos dizer assim, que só três adultos tinham uma renda. E nem assim as três rendas não eram de salários mínimos. Então a gente vivia assim no limite. Tinha uma certa dificuldade né? Por conta disso entende?

Sim. E02, qual que foi a importância do PCAF Programa Crianças e Adolescentes Felizes na sua trajetória de vida tanto pessoal como profissional?

E02: Eu sempre vejo ali a minha melhor lembrança da infância e da minha juventude que é o meu momento no PCAF, porque eu digo assim: a gente vivia numa bolha porque eu falava para minha mãe assim: mãe, eu não quero estudar a minha vida inteira aqui nessa escola da minha região, você só via aquelas mesmas pessoas.

Você vivia só ali naquela questão do bairro e eu digo assim, era bairro?

E02: Primavera.

Tá.

E02: E eu não era uma pessoa de conversar muito. Tanto que quando eu chegava em casa com a minha mãe, minha mãe falava assim, mas você não tem amigo na escola? Então, para mim assim, questão de interação, de conversa, de socialização para mim foi a melhor coisa que aconteceu. Tanto que a L. na época, porque assim eu já sabia a faculdade que eu queria fazer. Ela falou assim, mas você tem certeza L.? Você não é de falar muito. Falou assim. Eu falei não, é isso mesmo que eu quero. E aí na época ela até trabalhava um pouco mais de

oratória, ela incentivava que a gente fizesse às vezes era a turma que dava o “boa tarde”, que o boa tarde a gente contava uma pequena história né e essa história tinha uma moral e a gente às vezes era por oficina aquilo ali então pra mim foi essa é a maior importância pra mim foi a questão de socialização de ver ali a diferença né? Porque daí a gente tinha que se comunicar porque a gente tinha que pegar o ônibus então a gente teria que conversar com outras pessoas pedir informação que aparentemente parece que não é nada pra você que vive ali e vai você sai do seu grupo social e vai pro um outro e você conhece outras realidades é diferente, né? E, consequentemente eu digo assim minha eu arrumei um emprego.

Por causa do projeto?

E02: Porque eu saí daqui eu tinha dezesseis anos quando eu fui o menor aprendiz. Aí eu só fui menor aprendiz um ano e aí eu já entrei na faculdade com dezessete. E aí eu fiquei o primeiro ano sem trabalhar e aí você vê que não tem como você só estudar. Por mais que você queira e aí foi onde o meu primeiro empregador ele só foi pela minha referência porque eu fui menor aprendiz na EMBRAPA. Senão, ele não teria me contratado e teria dado outra oportunidade pra outra porque foi uma coisa que posteriormente ele comentou. Quer dizer...porque eu cheguei lá com uma carta de referência, né? Então para mim, depois ali as portas só foram se abrindo. Porque daí na faculdade você vai comprar o livro lá que é no mínimo duzentos reais, então às vezes duzentos reais pra você ali pra sua família já é muito dinheiro. E aí é onde foram os meus padrinhos que me ajudaram. O notebook que naquela época não era luxo, mas era raro de se ter pra faculdade aquilo ali era um item essencial. Então ali eu falo assim que a minha vida começou a melhorar depois que eu entrei no PCAF e assim a gente conversa até hoje com os meus amigos os que já foram alunos lembram muito daquilo dali, a gente sente saudade das brincadeiras, dos encontros, colônia de férias, tinha a L., gostava de fazer Big Brother, a gente ia pra banda alta, então essas coisas ficam muito na memória e, às vezes, eu falo assim, a gente tem até vontade de falar assim pra essas pessoas hoje valorizarem aquilo, né? Ter aquele mesmo amor, aquele mesmo afinho que a gente tinha.

Legal. Como que o PCAF influenciou na sua formação enquanto cidadã, para você entender que você é um sujeito enquanto cidadã, portadora de direitos, mas também de deveres?

E02: Ah! Sim! A L. ela sempre procurou fazer isso com a gente, eram palestras que ela trazia eram filmes que a gente assistia, porque a gente não assistia qualquer filme. Os filmes eram sempre educativos eles sempre tinham cunhos de trabalhar, por exemplo, trabalho informal, trabalho infantil, prostituição e a questão da droga né? Então era uma coisa que ela trazia gente que conseguiu sair, vencer aquele vício e dava ali uma palestra pra gente e também a questão de orientação, a gente tinha o acompanhamento psicológico direta ou indiretamente

porque tinha aquelas pessoas que ela de fato encaminhava ou você podia ter a liberdade de bater na porta que a psicóloga te atendia. Tinha questão de assistente social também né? Mas foi sempre uma questão de orientação e de fazer o máximo pra conhecer a realidade de todos. E também a importância da família porque ela sempre fazia com que a família estivesse ali participassem, né? E com aquilo ali, ela trabalhava um pouco mais e a gente conseguiu. E por isso que eu te falo assim, saindo da bolha você vai vendo as coisas, né? Porque eu falo assim da minha família a questão era mais assim financeira e o fato da realidade do meu bairro, mas quanto a conhecimento a minha vó e o meu avô eles sempre falaram pra minha mãe e pros meus tios a prioridade é seus estudos. Então são pessoas que tem um pouquinho mais de conhecimento.

Para a gente finalizar, E02. Se você quiser falar mais alguma coisa fica à vontade tá? Como é que foi ou está sendo a sua inserção no mercado de trabalho?

E02: A minha questão é assim, hoje eu falo pra você que eu não tive dificuldade, né? Que nem eu posso te dizer assim uma das primeiras vezes que eu fiz o ENEM isso falo por causa do projeto, eles te incentivavam “faz como treineira, faz como treineira”. Então o programa te incentivava a fazer. Fazer as redações. Então, assim eu saí daqui aí eu tive a oportunidade de ir pela escola Dom Bosco ter o conhecimento que tinha o pré-vestibular à noite no “JGP” eu fiz o pré-vestibular, eu não tive, você vê a importância de você fazer, de você não ser uma aluna mediana. Você tem que ser mediano está bom. Porque senão você tem um pouquinho mais de dificuldade pra você ter uma nota melhor, pra você se inserir, né? Eu, como eu fui menor aprendiz, eu fui pra EMBRAPA, então eu trabalhei com dos meus dezesesseis até os dezessete. Aí eu saí porque eu terminei o ensino médio. Aí eu já fui inserida na faculdade. E como eu disse anteriormente, o meu patrão ele me deu oportunidade é porque eu tinha referência da Embrapa porque ele falava assim: ah! Mas ela é novinha, ela tem dezoito, ela mora longe. Porque na entrevista foi me perguntando isso só que assim eu consegui rebater ele. Eu moro longe, mas eu posso vir de moto. Mas eu tenho aqui a carta de referência. Ah, você estuda. Falava: mas eu estudo à noite. Ah, o horário de trabalho é até às cinco. Se eu tiver que sair daqui às cinco e ir pra faculdade direto eu não tenho problema nenhum. Né? E aí depois disso eu fiquei na empresa onde eu tive a oportunidade de voltar a trabalhar algumas vezes e aí eu fui pra faculdade, estagiei na Defensoria e pelo meu estágio na Defensoria depois eu fui assessora por três anos lá na Comarca de Miranda. Ai, eu saí de assessora porque eu adquiri a prática jurídica aí eu fiz OAB, né? Passei e tem um ano que eu atuo como advogada. Então, fala assim essa questão da dificuldade em si, daquele primeiro emprego de muitas vezes ah você é nova você já vai procurar um emprego com vinte fala assim...mas não

tem experiência. Graças a Deus, eu não tive esse problema.

Você gostaria de falar mais alguma coisa?

E02: Não vem nada na minha cabeça agora.

É isso. Batemos um papo então com a E02, acertei, né? Que foi aluna do Programa Crianças e Adolescentes Felizes na época em que ela foi aluna, era projeto Criança Feliz. E02, muitíssimo obrigado pela colaboração e qualquer coisa que você quiser ou gostaria de nos informar ou de relatar, fique à vontade, pode mandar uma mensagem, a gente se encontra novamente, certo? Muitíssimo obrigado!

E02: Eu que agradeço!

E 03, 21 anos - Auxiliar Administrativo/músico

Data: 05 de dezembro de 2022.

Local: Espaço físico do Programa Crianças e Adolescentes Felizes.

Tudo bem? Bom dia.

E03: Bom dia professor, tudo ótimo.

Começar aqui nossa entrevista com o E03., que foi aluno do projeto do programa, né? Crianças e Adolescentes Felizes. E03, vinte e um anos. E vamos bater um papo, fazer umas perguntas para E03 referente ao nosso projeto de pesquisa do mestrado intitulado “Educação Social e Trajetórias de vida: os significados dos projetos sociais para a juventude. Corumbá/MS. Hoje dia 5 de dezembro de 2022. E03, fica à vontade, pode responder aquilo que você achar necessário, tá? Vamos começar então. E03, qual que foi a motivação do seu ingresso no PCAF, no programa? Foi uma escolha da sua família, foi vontade sua ou foi algum amigo que te indicou para participar?

E03: Bom, como era eu era criança, eu entrei eu acho que eu tinha sete, seis anos. O mesmo período que eu entrei na escola e minha mãe ela não tinha condição ainda, lógico que ela trabalhava de manhã e à tarde e ela não podia deixar nem eu e nem meu irmão sozinho e aí meu irmão já fazia, já estudava na escola Dom Bosco e minha mãe me ingressou no PCAF pra fazer o contra turno né? E eu estudava a tarde quando era como eu era criança estudava a tarde na escola Dom Bosco e na parte da manhã eu fazia o PCAF. Aí, quando mudou pro sexto ano foi ao contrário e assim eu segui a vida na escola Dom Bosco e também no programa.

Com que com que idade que você ingressou no programa, você se recorda?

E03: Se eu não me engano, acho que com seis, sete anos.

Quanto tempo você permaneceu vinculado no projeto E03?

E03: Enquanto aluno acho que minha vida inteira. É, basicamente minha vida inteira. Acho que desde a primeira série até o ensino médio.

Que turno você ficava no programa?

E03: Então, no Programa Crianças e Adolescentes Felizes, eu ficava quando tinha da primeira série até a quinta série, eu estudava a tarde na escola eu ficava de manhã no PCAF e aí a tarde eu ia para a escola até a quinta série. Aí quando eu passei para a sexta série que na época sexta série até o ensino médio era na parte da manhã na escola. Veio o contra turno, que eu ingressei no PCAF e no período vespertino.

O que você lembra das atividades educativas que eram desenvolvidas na época que você era aluno? O que que você lembra dessas atividades?

E03: Tinham muitas oficinas e também o reforço escolar. Ah, se eu não me engano era datilografia que fala que aquela máquina de escrita?

Isso.

E03: Isso, eu fiz essa oficina e eu comecei a me interessar na música e foi aí desde então que eu não saí mais da música toda a minha vida e o reforço escolar que me ajudou muito na questão da escola, das atividades, das tarefas, dos trabalhos. E isso me ajudou muito mesmo. Graças ao PCAF, que eu posso dizer que eu tirava notas boas.

De todas essas atividades qual você destacaria? Que para você, na época que você participou eram as mais interessantes?

E03: Assim, olhando o contexto né? Antigamente na idade que eu ingressei pra mim era interessante muito a música e os jogos de recreação e faz com que a proposta do PCAF, né? É fazer com que o jovem, com que a criança adolescente faça atividades que possam fazer com que ele não fique num mundo tão... como eu gosto de dizer: nas redes sociais ou sozinho na sua casa, tem que fazer uma atividade, uma atividade que vá ser aproveitada, que ele vai aproveitar que ele vai agora como eu já saí, olhando as atividades desde quando entrei até hoje ela realmente funciona. Funciona porque abrangem todas as áreas ali, no caso da música, da dança, dos jogos de recreação, dos cursos, enfim acho que tudo que aconteceu, tudo que acontece no PCAF eu acho que é destinado para cada jovem em específico. Que ele quando ele entra ele vai se interessar e se Deus quiser ele vai caminhando nessa área, certo?

É dessa atividade que você destacou aí, que para você foi a mais interessante pra você olhar no contexto. Por que que você lembrou dessa específica? Que você relatou da questão da música, né?

E03: Isso. A música quando eu comecei eu não tive tanta facilidade assim. Mas eu tive muito

interesse. Foi uma paixão que cresceu em mim e eu queria sempre mais, todo o dia que eu ia e eu queria me interessar mais, em tocar mais músicas enfim, e eu sempre, cada dia que passava sempre ia crescendo essa vontade na música e graças a Deus eu levei, eu levo isso pra minha vida atualmente, atualmente eu estou trabalhando com a música graças ao PCAF eu imagino assim, se eu não tivesse se a minha mãe não tivesse ingressado eu no PCAF e eu não sei o que eu estaria fazendo da minha vida. Graças ao PCAF eu pude aproveitar tudo que eu aprendi na música e estou levando isso para a vida profissional

Certo. E03, como que você na época enquanto aluno, conseguia conciliar seu compromisso dentro da escola regular com as atividades do PCAF. Você teve dificuldade, não teve, pra você foi tranquilo. Você se recorda como que foi isso?

E03: Em nenhum momento, eu acredito realmente em nenhum momento tanto porque como era contra turno, eu conseguia conciliar minhas atividades da escola justamente no PCAF e na época era a proposta, a gente fazia as atividades escolares no PCAF, era bem pra saber se o aluno estava com as notas boas, se estava sendo um bom aluno e graças ao PCAF também, eu imagino assim porque a gente não é muito difícil eu acredito que o jovem e o adolescente ele fazer por conta própria, mas quando tem um adulto, um professor, um educador ali acompanhando pra você tirar suas dúvidas, como aconteceu comigo, eu tinha dúvidas, o professor ele estava acompanhando eu, ele tirava minhas dúvidas, ele me ajudava e assim eu conseguia fazer todas as atividades que eu tinha na escola.

Durante a sua participação enquanto aluno no programa, você participou de algum outro projeto educativo ou profissionalizante que era ofertado pela cidade de Dom Bosco?

E03: Eu participei na verdade de todos os programas sociais da Cidade Dom Bosco. Quando eu ingressei no PCAF, surgiu a oportunidade da adoção a distância do programa “adoção a distância” que me ajudou e muito na minha vida, na minha família e ingressei também estudando participando do PCAF, Quando eu alcancei meus quinze anos eu ingressei no Programa Adolescente Aprendiz, onde eu tive a oportunidade do primeiro emprego e graças a Deus o primeiro emprego foi justamente na cidade de Dom Bosco como aprendiz pastoral e foi onde estou até os dias atuais.

A partir daquilo que você lembra E03, da sua memória, o que você lembra com relação ao espaço físico do projeto, dos materiais que os professores / educadores usavam pra desenvolver as atividades com vocês?

E03: Em questão do espaço físico, na minha época era um espaço assim que já estava com um tempo já desgastado, alguns materiais também estavam desgastados, mas porém, a Cidade Dom Bosco ela sempre buscava, sempre busca na verdade melhorar a qualidade de ensino, a

qualidade do atendimento pros educandos, pros atendidos e sempre ia melhorando, sempre ia melhorando, vinha materiais novos e foi quando mudou de local, de prédio o PCAF passou a ser na rua Treze de Junho. Foi que a gente viu realmente que a Missão Salesiana ela realmente se importa com os jovens que não tem condição, vamos dizer pra ingressar numa escola particular que tem esse estudo integral. Graças a Cidade Dom Bosco, muitos jovens podem viver no período integral vamos se dizer entre aspas assim, fazendo atividades onde eles podem engrenar como eu disse pra um futuro melhor.

O que você lembra do trabalho que era desenvolvido pelos monitores do programa. Como que você definiria a relação sua enquanto aluno com os monitores e como que eles eram desenvolvendo o trabalho deles?

E03: Assim, sempre eu não tinha essa distinção e não sabia a diferença de um monitor, de um professor. Para mim, era tudo professor. Mas na época, pensando na época eu estava pensando agora eram pessoas assim, que deixavam a vontade de estar ali. Entende? Queriam estar realmente ali fazendo o trabalho que os professores, os educadores da Cidade Dom Bosco faziam, porque realmente eu gostava e eram muitos alunos, realmente os alunos mais jovens, mais adolescentes do próprio projeto que eram esses jovens voluntários, jovens monitores. E isso, na minha opinião é muito importante pra que a gente possa formar futuros educadores da Cidade Dom Bosco mesmo, é muito interessante, eu graças a Deus eu fui um atendido da Cidade Dom Bosco e hoje eu sou um educador da cidade de Dom Bosco, eu acho muito importante a parte do voluntariado do monitor ser um jovem que já passou já pela experiência da Cidade de Dom Bosco trabalhar na Cidade de Dom Bosco como um educador como um professor.

Na época que você frequentou como aluno o programa, você acha que os adolescentes e jovens que frequentavam lá se enquadravam na categoria de vulnerabilidade social?

E03: Se enquadravam, se enquadravam sim. Tanto é que, isso é como que eu posso dizer? Eu não vou dizer que melhorava a vida deles, mas também fazia com que eles entendessem, com que eles tivessem uma vontade de mudar a realidade deles, entende? E eu vejo isso com os meus ex - parceiros, ex-colegas do PCAF que eu tenho convivência, eu converso com eles. Podem dizer o mesmo, que o PCAF mudou a vida deles e sem isso a gente não ia saber o que que ia acontecer da nossa vida e se enquadra assim com a proposta do programa.

E03, assim em linhas gerais, como era a situação econômica da sua família no período em que você frequentou o PCAF?

E03: Como é que era? Era um pouco difícil, um pouco difícil é. Porque minha mãe ela trabalhava, porém, não tinha como que eu posso dizer? Não vou dizer o dinheiro, mas não

tinha os recursos principais assim ou básicos vamos se dizer para que eu e meu irmão, a gente pudesse viver. Entende? E aí oferecia café da manhã, oferecia almoço, oferecia lanche, oferecia banho e graças a isso, pode pensar que como eu e meu irmão a gente estava fazendo PCAF? A gente ficava o dia inteiro no PCAF e isso ajudava muito na questão econômica da minha família. Minha mãe não precisava gastar, não precisava se preocupar com alimentação, não precisava se preocupar com questão de água, questão de banho. Só mesmo saber confiar no trabalho que a Cidade Dom Bosco que oferecia e ofereceu com qualidade.

E para você qual que foi a importância do PCAF na sua trajetória de vida, tanto pessoal como profissional?

E03: Eu acho que é a base de tudo. É a base de tudo. Que eu aprendi, que eu cresci na minha vida, eu vivi a minha vida inteira no PCAF desde criança até meu ensino médio e até hoje, né? Eu vivo. É a minha base foi lá que eu aprendi os princípios da educação salesiana, de como ser um bom cristão, um honesto cidadão e a educação que a Cidade de Dom Bosco ofereceu que é essa educação salesiana é muito boa, funciona muito bem. Lógico tem que ser aplicada da melhor forma possível, com profissionais, com pessoas, com educadores salesianos, mas funciona, eu acredito que funciona com quaisquer jovens que se enquadram nessa proposta do programa.

Como que o PCAF influenciou na sua formação como cidadão para que você se entendesse como um sujeito portador de direitos e deveres dentro da sociedade. Como que o PCAF te ajudou nessa sua formação como pessoa, como cidadão?

E03: Eu acho que conforme o tempo passava e eu construía a minha vida e os meus princípios, professores, nós educadores na forma que era alinhado, na forma que era coordenado o PCAF que no PCAF você tinha direitos, mas também você tinha deveres, coisas simples em questão de banho, duração de banho, questão de respeitar o colega em questão de alimentação como é o necessário não desperdiçar, eu acho que essas coisas básicas, assim, em princípio foi o que eu levo pra minha vida.

E03,, pra gente finalizar. Mas, você pode ficar à vontade se quiser falar mais alguma coisa, tá? Como que foi ou como que está sendo a sua inserção no mercado de trabalho?

E03: Está sendo muito incrível. Por incrível que pareça está sendo muito incrível. Eu, como eu disse, eu participei do programa adolescente aprendiz, no programa você aprende como se comportar numa empresa, como funciona a parte de ser contratado, você entende tudo, você entende tudo que funciona no mercado de trabalho. E o curso ele me ofereceu isso, eu levo para minha vida, eu sei como me comportar numa empresa, eu sei dos direitos dos deveres que um trabalhador tem e me ofereceu o curso e que deixou esse voto de confiança em mim

pra trabalhar com eles como um aprendiz e até hoje como um auxiliar de pastoral, como um educador salesiano.

Você gostaria de comentar ou falar mais alguma coisa com relação a essa sua vivência no programa? Se você quiser, fique à vontade. As perguntas que eu tinha para fazer já finalizamos.

E03: Eu acho é muito importante. Muito importante mesmo ter obras sociais não só na cidade de Corumbá, mas também no Brasil inteiro, no Brasil inteiro. E ter obras sociais que pensam como o PCAF. Eu acho que mudaria a vida de muitos jovens que vivem nessa situação de vulnerabilidade social.

Legal, E03. Agradeço, tá? A sua disponibilidade, as suas respostas, o seu tempo, a sua colaboração, tá certo? A gente conversou E02, ele que foi aluno do programa Criança e Adolescente Feliz e hoje está trabalhando no programa e é um dos colaboradores. E03, muitíssimo obrigado e bom dia pra você.

E03: Eu que agradeço professor. Muito obrigado pelo convite viu. Valeu um abraço.

E 04, 18 anos - Auxiliar Administrativo

Data: 22 de junho de 2023

Local: Espaço físico do Programa Crianças e Adolescentes Felizes.

Eu vou conversar com a E04 de 18 anos, como voluntária dando entrevista para gente para o nosso projeto de pesquisa de Mestrado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Campus Pantanal a gente vai bater um papo com a E04. Tudo bem E04?

E04: Tudo bem.

Vou fazer umas perguntas para você E04 sobre o PCAF sobre quando você participou do PCAF, a gente vai conversando com você fique à vontade, responda aquilo que você achar interessante. E04, qual foi a sua motivação para ir para o PCAF, foi uma escolha sua ou uma orientação que a sua família te deu para entrar no programa ou foi algum amigo seu que participava que chamou você para ir como é que foi que aconteceu?

E04: Alguns amigos me falaram sobre como era bom o PCAF sobre como era bom as atividades quando eles foram para o PCAF, se eles mudaram para melhor eu também teria a oportunidade, o Aprendiz me daria um grande avanço na minha vida então foi por isso que eu decidi participar do PCAF, por causa dessa oportunidade desses aprendizados que queriam trazer para minha vida.

Quando você fala aprendiz você está falando do programa Jovem Aprendiz?

E04: Sim estou falando do programa Jovem Aprendiz.

Ah, certo! E com quantos anos você entrou no PCAF você ingressou no programa?

E04: Comecei com 16 anos.

Você ficou quanto tempo no projeto, até que idade?

E04: Tem um ano e pouco um ano e meio quase dois anos.

Certo, e você frequentava lá que período que turno?

E04: Vespertino.

Parte da manhã você estudava?

E04: Ahã.

Certo, das atividades E04 que você se lembra lá atividades educativas que eram desenvolvidas na hora que você frequentou o PCAF o que você se lembra dessas atividades?

E04: Nós participávamos de oficinas, cada dia era uma oficina de libras, de artes, expressão corporal, de teatro de karatê e cada dia era um professor responsável pela minha turma e também tinha as atividades da pastoral apresentações, era tudo isso que tinha.

Dessas atividades aí que você qual delas foi a mais interessante para você, pode ser mais de uma de repente, né?

E04: Eu esqueci de citar também dos retiros que tinham. Esse era o mais do que me interessou do que me fazia melhor porque os retiros traziam uma grande aprendizagem para a gente trazer grandes reflexões mostrava um lado religioso que a gente não tinha vivido vamos assim dizer, e também as atividades que agregam muito na nossa vida as apresentações que a minha auxiliaram não tanto nas minhas apresentações meu modo de falar me fazendo melhorar só eu acho.

Tá, e você se lembrou das atividades você fala que foi a mais interessante para você foi foram os retiros e você se lembra dela por quê que foi a mais interessante essa atividade?

E04: O retiro que eu participei era o Retiro Salesiano, que é um Retiro que a gente participa só uma vez, cada jovem tem uma oportunidade de participar só uma vez porque é um momento único. Me lembrei disso porque foi um momento marcante da minha vida momento que realmente eu me encontrei com Deus comigo mesma, entendi que a vida que tudo hoje em dia é da vontade de Deus e tudo ele que cria a nossa história.

E a questão do tempo que você frequentou PCAF na parte da tarde, o PCAF no período vespertino você conseguia conciliar esses dois compromissos tanto da escola quanto do PCAF para você?

E04: Eu conseguia olha ficava até ao meio-dia e a tarde ia para o PCAF, uma parte desse tempo foi durante a pandemia então a gente tinha atividades EAD depois de um tempo

começou a ser presencial e aí no começo foi um pouquinho difícil de se adaptar, mas depois foi bem tranquilo de manter essa rotina.

Certo durante a sua participação no PCAF você frequentou algum outro programa educativo ou profissionalizante que a Cidade Dom Bosco oferecia além do PCAF?

E04: Eu participei do jovem aprendiz.

Somente do jovem aprendiz?

E04: Aham.

A partir das suas memórias da sua lembrança fala um pouco sobre os espaços físicos o local os materiais didáticos maus materiais recreativos que eram usados na Cidade Dom Bosco no geral com os alunos o que que você se recorda?

E04: Bom todos os ambientes são climatizados eles ofereceram o melhor espaço para cada um de nós com mesas e cadeiras cada tipo de oficina era um material, então tinha disponível tintas folhas todos os tipos de materiais que a gente utilizava para pintura giz de cera, lápis de cor, eles tentavam ao máximo novas formas de fazer arte tinha oficina de libras onde a professora nos ensinou a melhor forma de aprender as libras oficina de karatê também ele sempre não tinha os materiais os materiais eram bem higienizados. Na pandemia cada sala tinha álcool a gente medir a temperatura de cada aluno e, para cada apresentação eles ofereciam os cenários roupas toda a oportunidade do aluno desenvolver bem cada oficina.

Legal, o quê você se lembra do trabalho que era desenvolvido pelos monitores lá no PCAF, como era essa relação dos monitores dos professores com vocês?

E04: Era bem tranquila, era bem dinâmica os monitores eram auxiliados pelos professores para ajudar a gente, então eles sempre nos ajudavam nas brincadeiras, nos desafios, muito pacientes, compreensivos eles eram muito preparados.

O público que frequentou o PCAF na sua época, você acha que se encaixava da situação de jovens em situação de vulnerabilidade?

E04: Sim, muitos jovens que vinham lá do PrevSul, de bairros bem distantes de ônibus até o PCAF por quê perto da casa deles não tinha essa oportunidade que o PCAF traz.

Certo, olhando assim no geral, E04 quando você frequentava lá, qual era a situação econômica da sua família na época que você frequentava o PCAF? Você se recorda quem que trabalhava na sua casa como é que era você se lembra disso nessa época?

E04: Sim, na época quem trabalhava era apenas o meu pai.

Quantos eram na sua casa?

E04: Quatro.

Quatro pessoas só seu pai para trabalhava, né?

E04: Aham.

Tá, qual foi a importância do PCAF na trajetória da sua vida pessoal, o que que você acha que foi de importante o PCAF?

E04: Foi uma grande mudança, eu sempre falo assim se não fosse o PCAF eu não estaria no lugar aonde eu estou hoje foi devido ao PCAF hoje eu ainda trabalho no mesmo local em que eu era aprendiz e esse local me trouxe grandes oportunidades de crescer de aprender o poder mudar o meu estilo de vida antes mesmo do aprendiz. O PCAF já tinha trazido uma grande mudança na minha vida eles davam a oportunidade da gente desenvolver o nosso melhor em cada oficina, então eu consegui desenvolver a minha comunicação, minha timidez com as apresentações, com os professores sempre nos auxiliando, sempre nos ensinando com a Pastoral também que todo dia tinha o “Bom dia” que todo dia trazia uma reflexão diferente sobre a vida sobre a religião sobre as atitudes então todo dia era um diferente.

Hum, hum, como que na sua opinião que o pecasse na sua formação enquanto cidadã para você passar a entender que você é uma cidadã de direitos e também de deveres o que o PCAF te influenciou nisso?

E04: Ah, quando eu fui para o aprendiz, porque a gente foi preparada para o trabalho onde os professores que eles nos explicam sobre como ia funcionar sobre como ia mudar a nossa vida. Entendi que a partir do momento que eu começaria a trabalhar eu ia viver outra realidade os meus pais vivem que os meus irmãos já viviam eu vi outra realidade, onde eu me envolvia com outras pessoas passei a simpatia a entender que existem outras realidades também, então eu tive noção do que eu ia passar pela frente.

Aham, como que foi ou como está sendo a sua inserção no mercado de trabalho?

E04: De início foi um pouco assustadora porque eu achei que não ia dar conta fiquei muito insegura comigo mesmo achando que eu não iria conseguir finalizar o meu contrato, mas os meus supervisores do jovem aprendiz os meus professores e sempre nos auxiliaram nos ensinar a manter a calma nos mostraram que cada situação existe uma solução é só manter a calma respirar que a gente iria passar por diversos tipos de dificuldade, mas a gente tinha que dar o nosso melhor nas condições que nós tínhamos enquanto a gente não tivesse condições melhores de fazer. Essa é a frase que mais me marcou que o nosso instrutor falou isso no primeiro dia.

Agora nossa última pergunta questionário eu queria saber se você quer fazer algum comentário, se você esqueceu de falar alguma coisa, de fazer alguma observação alguma pergunta se você quer deixar alguma fala sobre o PCAF sobre o trabalho do PCAF sobre a sua experiência do que você passou dentro do backup e fique à vontade.

E04: Sobre o PCAF sim eu falo que é o melhor programa social de Corumbá ele traz mudanças na vida dos jovens não só a mim como os outros jovens eu já vi vários jovens da água para o vinho pessoas que viviam em situação de rua que estavam para o lado ruim encrencas na rua e mudaram começar a trabalhar começaram passaram a ter responsabilidades uma vida compreendendo que a vida não é só bebedeiras, drogas, festa entender também que existe responsabilidade Pode ser que a gente tem que viver a nossa vida um dia de cada vez ele sempre nos mostraram que isso era uma coisa de Dom Bosco quero um bom cidadão ser um bom aluno um bom honesto cidadão os valores de Dom Bosco ver um sonho que Dom Bosco tinha para os jovens que era mudar a vida deles.

Certo, E04 a gente encerra aqui a nossa entrevista agradeço a sua participação voluntária com a E04 que foi aluna egressa das crianças e adolescentes felizes do nosso projeto de pesquisa do mestrado.

E 05, Militar

Data: 22 de junho de 2023.

Local: Espaço físico do Programa Crianças e Adolescentes Felizes.

Vamos começar mais uma entrevista para o nosso projeto de mestrado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul intitulado projeto social e trajetórias de vida: significado dos projetos sociais para a juventude; vamos começar a conversar com o E05 começar a conversar com E05 foi aluno do programa crianças e adolescentes felizes. Tudo bem E05? Boa noite.

E05: Tudo, tudo bem. Boa noite.

E05, eu vou começar fazendo umas perguntas e aí você vai respondendo de acordo com aquilo que você acha importante. A primeira para iniciar qual que foi a motivação seu ingresso para sua ida o PCAF, sua família que escolheu foi vontade própria o seu que indicou você?

E05: Na verdade foi interesse próprio por tudo aquilo que o projeto em si tava oferecendo porque foi mudado de endereço foi mudado de local eles estavam oferecendo uma nova forma de educação uma nova forma de ensino para os jovens alunos o que despertou em mim interesse e eu fui para ver o que que podia dar o que podia acontecer.

Certo você foi para o PCAF com que idade?

E05: Se eu não me engano eu fui com a idade de 16 anos.

Certo, quanto tempo que você ficou lá no programa?

E05: Três anos, por volta de 3 anos, três anos.

Aham, e que turno você frequentava lá?

E05: Bom, na verdade, quando eu cheguei já era no período da tarde vespertino estudava de manhã e no período da tarde eu ia para o projeto.

Entendi. Das atividades que você se lembra atividades desenvolvidas que eram oferecidas e você frequentava quais você se recorda?

E05: As aulas que eu me recordo bastante elas que eles ensinavam karatê e bastante sobre cultura envolvendo música teatro dança bastante que tinha.

Aham, dessas atividades quais você achava que era mais interessante você gostava mais de participar de fazer?

E05: Participava bastante da parte de teatro e dança que a gente podia se expressar melhor, tipo ser a gente próprio, mas eu gostava bastante de dinâmica que era a que eu mais me destacava, mas consegui me expressar.

E você se lembrou dessas atividades por quê?

E05: A princípio porque foi uma parte da minha vida que eu recebi muita ajuda não só dos meus amigos que estavam em volta, mas também dos professores estavam me indicando, ali o caminho certo poderia passar das dificuldades que eu estava passando daquele período isso foi muito bom me ajudou a crescer bastante.

Certo, E05 como que na época você frequentou lá o PCAF você conseguia conciliar o seu compromisso com a escola, com o ensino regular que você estudava, e com as atividades do PCAF? Você tinha ou não conseguia conciliar tem alguma dificuldade?

E05: Então, nessa parte de conseguir ajudar a gente eles não só na parte de educação tanto na frente a gente conseguia trazer as dificuldades que tinha na escola seria um trabalho de escola alguma coisa eles conseguiam, eles não focavam o que tinha só para ensinar, mas eles traziam o que a gente não conseguia lá fora eles iam proporcionar para a gente.

Aham, durante a sua participação no PCAF você frequentou participou de algum outro programa educativo ou profissionalizante oferecido pela Cidade Dom Bosco?

E05: Sim, eu fui jovem aprendiz nos anos de 2020, 2021 o que me ajudou bastante não só como profissional, mas também como ser humano.

Aham, a partir daquilo que você lembra daquilo que vem a sua memória mente um pouco fala um pouco dos espaços físicos do PCAF as salas dos jogos refeitório sobre os materiais didáticos recreativos que vocês ocupavam nas atividades nas dinâmicas nas oficinas. O que que você se lembra disso, como é que era?

E05: Cara, quando eu cheguei era tudo novo sabe a estrutura bem favorecida eram bem favoráveis os alunos tinham todos os espaços não tinha o que reclamar que não era bom a

gente era super bem acolhido pelo menos que a gente tinha tudo o ensino era bom os equipamentos que a gente tinha era bom era proporcionado super bem em relação à comida a gente tinha a gente podia lancha duas vezes ao dia então isso daí já era uma coisa para as pessoas que tinha apenas uma refeição por dia só era proporcionado lá esse tipo de coisa era super bom .

Aham, do que você se recorda da época que você ficou lá o que você pode falar do trabalho desenvolvido pelos professores pelos monitores do PCAF como é que era essa relação dos Professores com vocês alunos do programa?

E05: Tipo, a gente se relacionava super bem, no modo geral; a gente se dava super bem e eles estavam sempre dispostos a dar a mão; a estender a mão, fazendo um papel de amigo; um papel de irmão e amigo que tentar ajudar de verdade. Isso é reconhecido pela gente pela gente mais pelas nossas famílias se perguntar para qualquer pessoa que já foi do projeto mesma coisa Sempre fomos bem tratados compreendido pelos professores.

Aham, e do público que frequentou o PCAF da sua época acha que os alunos lá eles se enquadravam como jovens e invulnerabilidade social?

E05: Na minha época nem tanto, por isso porque época que a gente estava lá só em vulnerabilidade tinha tanto interesse em relação a tudo que era proporcionado instituição pelo projeto, ou seja, era um tanto dificultoso projeto em si trazer os jovens que eram os mais vulneráveis da sociedade problemas que a sociedade proporciona ao cidadãos então na minha época que fazer esse papel a gente pegava trazia o pessoal para realidade no projeto para sair um pouco e mostrar um pouco que o projeto proporcionava.

Aham, no geral assim A. em linhas gerais situação econômica da sua família no período que você frequentou o PCAF como é que era quem que trabalhava na sua casa as pessoas moravam na sua casa na época que que você se recorda disso?

E05: A única pessoa que que trabalhava tinha um trabalho fixo era o meu pai, assim mesmo ele era pescador um certo momento o salário dele ali cortava e ele ficava dependendo do governo, dependendo na época de Piracema tinha que receber ficar dependendo do valor do governo, era bem tipo complicado porque éramos entre 5 pessoas que moravam de uma casa de três cômodos apenas complicado para uma pessoa só manter a casa.

Certo. E qual que foi a importância do PCAF na sua trajetória de vida com relação a sua vida que estão pessoal e profissional que importância que teve o PCAF nisso?

E05: Isso é uma coisa que eu trago até hoje comigo porque eu costumo dizer minha família, meus amigos, mas ir até lá e dizer a professora V. C. que ela teve uma importância muito grande em relação a minha trajetória de vida e até hoje possui eu costumo falar assim para o

peçoal que, se não fosse ela graças a tudo que eu passei aqui valorizar foi através do que eu passei aqui eu consegui uma estabilidade hoje não só financeira, mas também emocional psicológica e é uma coisa que ajuda muito quando você sabe valorizar uma coisa que ajuda para caramba.

E05: E como que o PCAF influenciou na sua formação enquanto cidadão?

Tipo eu sou um cidadão, né? E aí eu sou um sujeito que sou portador de direitos, mas também de deveres como o PCAF te ajuda a entender o seu papel na sociedade?

E05: Então, tipo assim o PCAF está sempre te indicando o que fazer como fazer a forma correta de tratar as pessoas a forma correta de ver o mundo, ou seja, através de tudo que eles ensinam. Quando aqueles ensinam forma como eles ensinam formam um pensamento lógico e colocam isso em você aí vai de você absorver tudo que eles ensinam em prática depois como você deve tratar as pessoas como você trata as pessoas da sua casa as pessoas que convivem com você ali, então é mais pessoal tem pessoa que tem dificuldade de entender isso, mas no mais eles te ensinam tudo o que é o certo.

Certo como que foi ou como que está sendo a sua inserção no mercado de trabalho? Teve dificuldades ou não teve, como pode relatar essa inserção?

E05: Depois de todo o processo que eu passei lá dentro, depois de tudo que foi ensinado a mim, a minha inserção foi super bem, porque hoje em dia eu estou especificamente ingressando a mesma coisa que eu exercia lá dentro a mesma coisa a mesma coisa que foi ensinado para mim lá dentro que eu aprendi eu tô conseguindo por isso só que em outra realidade ou seja o que eu aprendi em uma empresa é que eu fui jovem aprendiz um ano e seis meses e eu consegui me inserir dentro da minha realidade. Hoje em dia onde eu sou militar podendo e fazendo dando prosseguimento aquilo que eu já fazia antes, ou seja, tudo aquilo que foi ensinado para mim eu exerço hoje e bem melhor eu até falei para professora V. tudo que eu aprendi aqui eu tô conseguindo externar, tô conseguindo botar em prática só que a diferença que eu ganhava naquela época eu consegui digamos triplicar. Hoje eu tô ganhando bem mais de pegar água naquela época e exercendo praticamente a mesma coisa.

Certo, essa foi a última pergunta você quer dizer alguma coisa falar, algo que deixou de falar algum registro sobre o PCAF?

E05: Não, não mais. É isso mesmo, o PCAF teve grande importância e eu acho deveria ter mais projetos assim ter mais oportunidades assim como PCAF não só aqui na cidade, mas também que ele abrace outros lugares como Ladário, Porto Quijarro e também tem alunos que frequentam ali e seria interessante expandir isso para as pessoas, seria muito bom.

Tá certo E05, agradeço a sua colaboração.

E 06, 21 anos - Militar

Data: 24 de junho de 2023

Local: Espaço físico do Programa Crianças e Adolescentes Felizes.

Estou conversando com E06 de 21 anos ex-aluno do Programa Criança E Adolescente Felizes. Se disponibilizou a participar com a gente da entrevista, eu vou fazendo as perguntas e conforme você for se sentindo à vontade vai respondendo tudo bem? Qual foi a sua motivação para participar do programa? Foi escolha sua ou sua família que colocou? Algum amigo seu te falou do PCAF? Como foi a sua entrada no PCAF você se recorda?

E06: Me recordo sim. Foi por convite, eu fui convidado a ir eu ainda estava estudando no período da tarde eu ficava mais em casa me convidaram para o programa para ter a oportunidade de fazer mais atividades e participar do programa Jovem Aprendiz que prepara a gente para o mercado de trabalho, entendeu?

Certo e você entrou no PCAF com quantos anos de idade?

E06: Eu tinha 17.

Dezessete, certo e você ficou quanto tempo lá?

E06: Fiquei por dois anos. Quando eu completei 17 anos eu fui para lá eu completei 18 eu consegui ficar mais um ano aí eu tive que me alistar para o serviço obrigatório, aí então me chamaram para ficar esses dois anos depois eu fui para as forças armadas.

Ah, Assim... E que turno você estudava no PCAF? Em que período?

E06: Eu fazia no período da tarde, eu ia e ficava até 5:30 da tarde. Tinha várias oficinas de música de dança de administração e por aí vai.

Uhum. Você estudava em que escola E06?

E06: Eu estudava na Escola Estadual Dom Bosco.

Ta! Das atividades que você citou você citou algumas tinham lá na época que você participou do PCAF teve uma ou mais de uma que você se lembra se recorda em algum sentido?

E06: Lembro sim, a de música e de administração.

Por quê?

E06: A música é porque é uma coisa que eu me identifico desde pequeno, sempre gostei de música então para mim na época ali eu aprendi a ler partitura a me familiarizar mais com instrumentos que eu tocava, ali realmente eu aprendi a estudar música antes eu só tocava eu aprendi um conceito mais profundo do que é a música e, a administração porque eu sabia que

quando eu fosse procurar um emprego esse curso ia contar muito então eu fiz os cursos básicos de informática.

E aí esse tempo todo que você ficou lá você participou de outros cursos?

E06: Eu participei do curso de libras, de dança e coisas artesanais que a gente aprende a fazer com barro vários tipos de escultura, mas como você pegou e perguntou a de informática ajudou.

Certo. E assim, como você ficava lá em um período e estudava no outro você conseguia conciliar os seus compromissos Dom Bosco que você estudava com as atividades do PCAF ou você sentiu alguma dificuldade?

E06: Não, eu conseguia perfeitamente até porque o PCAF trabalhava em conjunto com a escola então sempre que tinha um evento na escola o mesmo acontecia no PCAF então eu acabava participando de ambas. Participar da escola de música sempre tinha música nos eventos da escola então eu ficava ali na parte mais musical, mas ajudava em todos os outros setores entendeu?

Entendi, mas essa sua passagem no PCAF que é um programa que ajuda crianças e adolescentes você participou de algum outro programa educativo ou profissionalizante que era oferecido pela Cidade Dom Bosco?

E06: Participei sim. A partir do momento que eu dei meu nome fui para o “Jovem Aprendiz” especificamente o PCAF eles fazem um processo seletivo aí eles vão afunilando as empresas que ele tem parceria com o MS Frios, Atacado Fernandes várias outras empresas transportadoras também, então eles estão preparando o jovem para o mercado de trabalho eles passam também o curso de RH a gente aprende sobre a ter ética responsabilidade cumpriu com horário todos esses parâmetros da área de trabalho, entendeu? Então eles meio que fizeram a ponte para entrar no mercado de trabalho já sabendo como que funciona. Te preparando, né?

Isso. A partir da sua memória daquilo que você se recorda você consegue falar comentar alguma coisa sobre o espaço físico lá, sobre sala sobre o material que vocês usavam ou livros o material esportivo que o PCAF disponibilizava para vocês você se recorda disso daí?

E06: Recordo sim, até porque eu participava de gincanas de grupos de orações eu participei de vários programas ali como, por exemplo, o jornada que é um evento bem famoso o que são os adolescentes tudo Dom Bosco do PCAF que estão concluindo os estudos e o espaço é maravilhoso todas as salas são climatizadas os materiais para a gente estudar para ser ensinado para a gente são impecáveis na sala de música aonde eu passava a maior parte do tempo os instrumentos são todos perfeitos em ótimas condições área externa que ficava no

intervalo que era de 3:30 min até às 4h também era incrível tinha o campo de futebol a área de vôlei tinha uma área de como é que eu posso te dizer? Tipo de jogos de bilhar, entendeu? Uma palavra mais direta, tinha pebolim, ping pong e os outros tipos de brinquedos que eles disponibilizavam para a gente passar aquele tempo de recreação nossa de a gente relaxar ali.

Entendi, bacana.

E06: Na parte da manhã são duas etapas que tem no período da tarde era para os jovens que estudavam de manhã e no período da manhã para os jovens que estudavam à tarde todos os jovens que iam para o PCAF na hora da manhã ele já tinha o direito de tomar um café da manhã quem ficava na hora do almoço porque também tinha os jovens que ficavam em período integral aí também tinha refeição do almoço para eles então não tinha do que reclamar, a comida era muito boa mesmo, os profissionais da cozinha também eram excelentes profissionais então tipo que foi uma experiência muito boa, muito boa mesmo.

Você falou de profissionais, vou te fazer uma pergunta do trabalho que era desenvolvido pelo pelos monitores do PCAF, dos monitores e professores o que que você se lembra? O que você destacaria? Como que era a convivência com eles, como funcionava?

E06: Cara, para mim a equipe era muito boa, muito boa mesmo eles não tinham aquele negócio de individual onde cada um trabalha no seu. Era uma equipe, então tudo eles usavam como exemplo para nós mesmos então tanto que hoje em dia eu conheço várias pessoas que foram jovens aprendiz do PCAF que já passaram jovem aprendiz e hoje em dia são monitores, são professores até mesmo auxiliar, então a equipe não tinha não só um profissionalismo eles tinham uma amizade entre eles também, isso eles transmitiam para a gente então ali é um ambiente muito agradável para a gente ficar, entendeu? Porque eles estavam sempre mostrando a importância de ter uma pessoa ali do seu lado tá com você, entendeu? Sem ter aquela situação de individualismo entendeu então eles passavam para gente que todos os problemas eram resolvidos juntos então tipo que a equipe era incrível então tanto que o coordenador do PCAF que era o F. na época era um excelente profissional na época também tinha vice coordenadora que era a A. e depois eu sei que saiu ela era uma excelente profissional, então cara eles faziam um papel de pai e mãe naquele período que a gente estava sobre a responsabilidade deles.

Quando foi assim na sua vez que você participou, como que você acha que foi com os jovens que estavam ali matriculados que vocês ou você se enquadravam na situação na condição de crianças e adolescentes em vulnerabilidade?

E06: Com certeza, com certeza tanto que eu conheço vários amigos que só viviam na rua eram vulneráveis como você disse tipo que ali eles tinham um refúgio um consolo ali até

porque o problema deles no caso o nosso que era jovem aprendiz não era só nosso eles faziam questão de procurar para saber sobre a gente por situações que poderiam estar ocorrendo em casa situações de jovens que quando entraram eram bem rebeldes e eu vi o comportamento mudar para melhor depois que entrou no programa entendeu então como eu falei os profissionais eram excepcionais parte eles faziam questão de procurar por você, para você saber se você tá bem se estava precisando de alguma coisa tinha uma certa época do ano que eles distribuíam até cesta básica para os jovens mais debilitados, entendeu? Essas coisas então tipo assim essas coisas assim que eu via bom cara era muito bom porque nem todos de ter algo em casa uma cesta básica e até nisso eles procuravam ajudar.

Bacana, dava esse suporte, né?

E06: Com certeza, com certeza vezes também eles foram até em casa na casa de alguns jovens que eram difíceis de lidar então ele já começavam a mapear daí entendeu e Qual atitude eles poderiam tomar para trazer aquele jovens pontual ali para o PCAF para o projeto procuravam saber endereço a família iam até a casa dos jovens procurar saber realmente o que estava se passando.

Tá! Já que você entrou no assunto aí das visitas que eles faziam tudo mais, a questão econômica da sua família no período que PCAF assim no geral né você acha que era que a situação financeira em relação econômica da sua família trabalhava quem que não trabalhava quem que sustentar a sua casa como que era você se lembra?

E06: Sim, claro na época eram os meus pais e meus irmãos, mas P. era que trabalhava quando eu entrei no PCAF a gente tinha um estilo de vida não muito confortável entendeu? Era assim que a gente passava por aperto sim, mas meu pai e minha mãe trabalhavam fazia de tudo para que eu e meus irmãos que não era uma coisa fácil porque eu vim de uma família de oito irmãos entendeu eu entrei no Jovem Aprendiz já foi uma coisa que somou muito na minha vida por quê por mais que a gente recebia menos de um salário mínimo pelo fato de ser menor de idade uma coisa que ajudava muito entendeu bastante.

Já estamos terminando já, tá? Qual foi a importância do PCAF na sua trajetória de vida tanto pessoal como profissional?

E06: Cara, para mim foi de como eu posso dizer foi um pontapé inicial para eu poder assimilar uma vida de trabalho, entendeu? De responsabilidade, de ética de serviço me ajudou muito, muito mesmo lá eles têm até uma forma de educação que Poxa cara, é excepcional velho excepcional mesmo tipo eles te ensinam que tem muito jovem que entra ali e não sabem ler nem escrever dois três meses ali dentro do PCAF o jovem já tá sabendo ler e escrever então eu creio que isso daí acrescenta e muito na vida desses jovens na minha vou mais na

área de trabalho mesmo. Da parte da minha família meus pais sempre cobraram muito da gente tudo, né? Era a única coisa que eles cobravam da gente, era o estudo porque como era menor ainda não estava no mercado de trabalho eles cobravam muito estudo e o PCAF incentivava isso também, o impulso que eles deram na minha vida. Então isso daí foram coisas que eu nunca esqueci até hoje eu tenho comigo sempre buscar melhorar naquilo que você faz.

Legal, essa pergunta tá casando com a penúltima pergunta como PCAF se auxiliou na sua formação para cidadão se entender como o cidadão portador de direitos e também de deveres?

E06: Cara, é como eu disse: eles incentivaram muito bem eles eram tinha uma equipe de educação muito perfeita eles sabiam de tudo então isso daí ele já passavam pelo exemplo entendeu porque por mais que eles tinham uma função destacada ali dentro deles procuravam se especializar, tipo na área de informática na área de música entendeu então isso daí era umas coisas que eles buscavam passar para gente, entende?

Aham, então agora a gente vai para a última E06. Como que foi ou como está sendo a sua inserção no mercado de trabalho isso depois que você sai do PCAF?

E06: Cara, para mim é muito boa porque através deles também foi meu primeiro emprego de carteira assinada cumprindo horário com responsabilidade programa Jovem Aprendiz eles cobravam um estudo, o fato de você estar trabalhando não podia privar o seu estudo tanto que a minha carga de horário com a minha carga de estudos eram ligadas com Jovem Aprendiz eu trabalhava três vezes na semana segunda quarta e sexta e na terça e na quinta eu tinha que ir para o PCAF que lá eles estavam passando várias formas de estudo na minha área especializada dentro da empresa que era o MS Frios. Então eu “tava” na área de administração então eles me aprofundaram um pouco mais na área administrativa, então isso daí me influenciou muito porque no ramo que eu “tava” e na que eu estou que é nas Forças Armadas eu estou na área administrativa o fato de eu ter feito o curso ele já administração já foi um ponto positivo quando eu fui fazer a minha entrevista para o serviço militar obrigatório. Hoje em dia eu trabalho com documentação com vários outros tipos de papelada que envolve muito computação, entendeu? Então, eu pude aprender através deles porque quando eu entrei no PCAF era totalmente leigo em relação a isso para mim eu utilizava o computador mesmo só para jogar entendeu eles incentivavam a gente para utilizar o computador como forma de trabalho e até hoje eu estou usufruindo desse ensinamento deles de uma certa forma.

Legal E06. Essas foram as 16 perguntas que eu tinha que te fazer. Você quer falar alguma

coisa a mais que eu não perguntei? Você falou tudo? Quer complementar com alguma coisa? fique à vontade.

E06: Cara, eu gostaria sim! Elogiei o PCAF várias vezes durante a entrevista eu gostaria ressaltar mais uma vez o elogio aprender muita coisa só pela área de trabalho área de educação, mas sobre respeito caráter então se eu tivesse oportunidade de voltar para lá, eu voltaria com maior orgulho, com prazer porque foi uma etapa muito importante na minha vida, através deles me tiraram de um caminho possivelmente pior, entendeu? Então, ali além de tudo eles eram refúgio também de tipo assim jovens em situação de vulnerabilidade como você falou enquanto estavam no PCAF no período da tarde ou no período da manhã poderiam estar na rua sei lá fazendo coisa errada procurando se perder sim e ali eles ocupavam o tempo desses jovens com coisas muito boas, tanto que os outros dois jovens aprendizes que entraram comigo na mesma turma todos os outros dois são militares hoje são terceiros sargentos cabos da Marinha e do exército eles fizeram são de segunda casa para gente tipo a música era o meu refúgio entendeu eu gostava muito de música hoje entendeu outra coisa que ele se atentavam muito era questão de ansiedade e depressão, nos jovens hoje em dia é uma coisa muito comum na nossa sociedade eles procuravam estudar pessoalmente sobre isso porque são muito jovens com problemas familiares problemas pessoais que acabavam atrapalhando o sistema psicológico deles e eles procuravam uma forma de trabalhar isso estilo de vida saudável sabe tive uma experiência muito boa, muito boa mesmo só tenho a agradecer a cada um deles.

E06, então é isso. Mais uma vez obrigado, agradeço a sua participação no projeto de pesquisa porque nós estamos o buscando o significado dos projetos sociais na vida da juventude, então nós estamos falando com ex-alunos do programa crianças e adolescentes felizes. Gostaria de agradecer a sua disponibilidade e a sua participação na nossa entrevista, obrigado.

E 07, 22 anos - Auxiliar de educação

Data: 24 de junho de 2023.

Local: Espaço físico do Programa Crianças e Adolescentes Felizes.

Boa tarde eu vou começar uma entrevista com E07 para o nosso projeto de pesquisa da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul que fala sobre o significado dos projetos sociais para a juventude. Primeiro eu queria agradecer você pela disponibilidade em participar contribuição a respeito de tudo que você vivenciou no projeto. Eu gostaria que

você falasse o seu nome completo para gente começar.

E07: Eu sou E07.

Quantos anos A.?

E07: Eu tenho 23, ou melhor, eu tenho 22 vou fazer 23.

A primeira pergunta qual que foi a motivação vida para o seu ingresso no PCAF, foi família, foi uma vontade sua ou alguém que indicou para você o Projeto Crianças e Adolescentes Felizes, como é que foi?

E07: Foi a minha família.

Tinha alguém da sua família que já havia participado?

E07: Sim, eu tinha primos que tinham participado do projeto.

Que idade você ingressou no PCAF, sua ida ao PCAF foi com qual idade?

E07: Deveria ter uns 7 anos ou uns oito anos entrei mais ou menos no ano entre os anos de 2008 a 2009.

Você ficou quanto tempo do programa?

E07: Eu saí de lá em 2018.

Dez anos né, que você ficou no projeto?

E07: Exatamente.

Que turno você frequentava lá?

E07: Eu frequentei, quando eu comecei, eu ficava tarde aí quando eu fui para o fundamental eu comecei a estudar de manhã.

E você estudava na escola Dom Bosco é isso?

E07: Sim, é isso.

Ahm, certo. Quando você participou do PCAF quais as atividades eram desenvolvidas na época, quais você se lembra?

E07: Nossa a que eu mais participei lá foi a parte da música.

Tem alguma outra atividade que ela desenvolvida e que você lembra? Oficinas que você participava?

E07: Tinha o artesanato a gente fazia pulseirinha, aprendi a fazer crochê também tinha até natação.

Dessas atividades todas que você participava, qual você achava mais interessante o que você mais gostava de fazer?

E07: A oficina de música.

E por que te lembra essa atividade que essa oficina era especial para você?

E07: Graças a essa oficina abriu muitas portas para mim me ajudou muito inclusive até onde

eu estou agora, eu gostei muito de ficar nessa oficina, fiquei e não quis mais sair daquela oficina, aí eu tive bastante oportunidade da minha vida e graças a Deus e graças ao meu começo lá.

Essa época E07, que você comentou agora há pouco que você estudava conseguia conciliar as atividades da escola com as atividades do PCAF ou você tinha alguma dificuldade com isso?

E07: Não, porque antes de a gente ir para as oficinas a gente tinha um reforço de todas as matérias e por mais que a gente não tivesse a tarefa eles mesmos vão as atividades para a gente fazer tarefa, ou seja, a gente nunca ficava sem fazer nada também tinha as oficinas de dúvidas entre dois tempos o primeiro tempo era as atividades que eram oficinas.

Aham, entendi nesse tempo que você frequentou o PCAF você participou de algum programa profissionalizante que era oferecido pela Cidade Dom Bosco?

E07: Eu participei do programa e adolescente feliz e jovem aprendiz, acho que é assim que se fala.

E qual foi a sua experiência nesse programa?

E07: Eu entrei como jovem aprendiz, a gente começou curso e eram cursos preparatórios que preparavam a gente para o mercado de trabalho eles ajudavam a gente e eles encaminhavam a gente para a empresa como eu comecei no programa jovem aprendiz pelo PCAF, aí eu consegui o meu primeiro emprego.

Ah. Certo. Então foi pelo programa que você conseguiu o primeiro emprego?

E07: Sim, foi através do programa que até hoje eu tô nesse mesmo emprego jovem aprendiz que eu fui encaminhada pelo PCAF.

Buscando assim E07, pela sua memória de todo o PCAF do prédio espaço físico das atividades físicas dos materiais disponibilizados na oficina do que que você se lembra do que você pode falar sobre isso como que eram os espaços se recorda disso?

E07: As salas elas tinham os espaços de cada matéria que a gente precisava, se era oficina, se era artesanato, para recreação tinha todos os materiais quando a gente ia fazer trabalho de escola em sala de aula aí forneciam todo o material, eles ajudavam a gente, foi melhorando também as salas de aulas, ventilador depois foi trocando, colocando ar condicionado.

Aham, o que que você se lembra sobre o trabalho que era desenvolvido pelos professores do PCAF era assim essa relação dos monitores com os professores. O que que você se recorda disso?

E07: O que eu me recordo deles?

Isso.

E07: Atenciosos com todos vem para apoiavam a gente, todas as oficinas eles apoiavam a gente no que que a gente queria eles estavam ali sempre apoiando eles eram maravilhosos.

Da época que você esteve ali, o público que frequentava lá na sua época, vocês se enquadravam como adolescentes em situação de vulnerabilidade social?

E07: Sim, todas as vezes que tinha algum evento dia das crianças, Páscoa como tinha o programa de ação social sempre ajudavam também, ou seja, a gente sempre recebia ajuda quando precisava de sacolão eles estavam ali para ajudar a gente, materiais escolares às vezes precisando de uma mochila eles davam muito suporte ao aluno.

Em linhas gerais a situação econômica da sua família, quando você frequentou o PCAF como é que era? Como que era a sua casa na época?

E07: Era somente o meu pai na época, era só o meu pai. Eram seis pessoas em casa e somente meu pai que trabalhava.

Certo, qual foi a importância do PCAF na trajetória da sua vida?

E07: Nossa, contribuiu muito. Eu acho que desde o começo até os dias de hoje como é que eu posso te explicar, nossa não tem nem como explicar muito.

Agora uma pergunta que pode te ajudar na pergunta anterior PCAF te auxiliou na sua formação como cidadã, você acha que o PCAF ficou colaborou para que você entenda que você é uma pessoa de direitos e deveres, te ajudou nisso nessa formação sua enquanto pessoa?

E07: Sim. Através do apoio, eu acho assim, que desde o princípio quando a gente é criança porque eu comecei quando eu era pequena e eles sempre apoiavam quando a gente pensava em desistir de qualquer coisa, quando a gente ficava abalado por qualquer coisa, situação financeira, sempre apoiando a gente para a gente nunca desistir independente do que tivesse acontecendo na nossa vida, conversavam com a gente por isso durante toda essa trajetória foi essencial para mim.

Certo, a gente vai chegando na última pergunta como que foi eu como está sendo a sua inserção no mercado de trabalho, a sua ida para o mercado de trabalho?

E07: Por conta da minha experiência lá no projeto eu recebi a proposta de trabalhar no meu primeiro emprego onde eu passei e lá eu já fui direcionada para a função que eles tinham me ensinado desde o princípio que ele sempre me ajudaram e eu continuei na mesma função onde eu estou hoje inclusive até hoje eles como eles me conhecem do programa e eles falam que é incrível como eu comecei pequenininha agora eu tô lá porque eu trabalho no Santa Teresa e eu comecei tão pequenininha lá e eles me ensinaram tanto, continuo na mesma rede Salesiana e todos sempre falam eventos e programas e eu sempre gosto de participar.

Aham, A. para gente finalizar você quer falar alguma coisa que você gostaria, que você esqueceu complementar sobre o Programa Crianças e Adolescentes Felizes, quer dar algum outro depoimento sobre o programa no geral? O que você gostaria de deixar registrado?

E07: Gostaria de falar que lá eu aprendi muita coisa, aprendi muita coisa lá e eles me deram tantas oportunidades chegar onde eu estou hoje. Eu fiz amizade com todos desde os alunos até a coordenação lá fiz amizade com todos os alunos, eles foram um grande apoio na minha vida e nunca esqueci sempre sente falta para mim foi um programa que me ajudou, sou muito grata porque ele sempre estava me ajudando em tudo.

Tá certo E07. Então esse foi o nosso bate-papo essas perguntas eu agradeço a participação da E07 por ter participado essa entrevista sobre essa experiência durante todo programa crianças e adolescentes felizes. Obrigado E07.

E08, 18 anos – Auxiliar administrativa

Data: 10 de maio de 2023

Local: Espaço físico Programa Criança e Adolescentes Felizes

Certo, boa tarde, hoje 10 de maio de 2023, sou Hesley Santana, mestrando em educação. Estou aqui no projeto crianças adolescentes felizes conversando com a E08 de 18 anos, né? É uma entrevista que a gente tá fazendo referente ao trabalho, projeto, né de Mestrado intitulado Educação Social e trajetória de vida: o significado dos projeto sociais para juventude. E aí eu vou começar fazendo algumas perguntas para E08 com relação a experiência dela dentro do projeto. E08, qual que foi a motivação do seu ingresso de você vir para o PCAF foi uma escolha sua ou sua família que colocou você, né ou algum amigo, como é que foi?

Com relação à escola que falou ó, vamos para lá e tal como é que foi então inicialmente quem incentivou foi meu irmão que fazia parte do projeto, meu mais velho, que é um ano ou dois mais velho, então ele nunca falava diretamente para mim entrar, mas as coisas que tinha. Então ele nunca falou que era para mim entrar, então esse incentivo de querer entrar a partiu de mim porque ele divulgava, era uma forma de divulgar o que o projeto fazia, ele falava sobre a colônia de férias e diversas atividades socioeducativas que tinha na época e esse foi o motivo pelo que, por eu entrar no projeto.

Bacana. Com que idade que você entrou no projeto?

Eu entrei no sexto ano, eu tinha 11 anos de idade quando eu entrei.

E quando você entrou, você já era uma aluna Dom Bosco?

Eu era aluna Dom Bosco. Eu sempre estudei no Dom Bosco desde a primeira série.

Quanto tempo que você permaneceu vinculada ao PCAF?

Até hoje, meus 18 quase 18 anos, né? Era um ano que eu ia fazer 18 no PCAF era um vínculo na verdade porque eu tava no programa já. Havia o Jovem Aprendiz que ele é um vínculo que tem com o PCAF que, na verdade, da Cidade Dom Bosco que a missão salesiana em todo então eu continuei aqui dentro da instituição até quase meus 18 anos, né?

Na época que você frequentou em qual período que você participava aqui das atividades?

Eu participava no período vespertino.

E aí na parte da manhã tava na escola?

Isso, mas quando era mais nova era o contrário, né? Parte da tarde na escola e da manhã era do PCAF.

Esse tempo que você aqui E08 o que que você lembra das atividades que tinham aqui? Na época que você frequentou o que mais que te lembra ou que te marcou assim, ó, tal coisa eu gostava, o que você pode relatar pra gente?

Olha como a gente fala, teve muita oficina, né? Teve muitas oficinas já fiz de artesanato. Já fiz oficina de karatê, já fiz de dança teatro e todas na verdade, todas me marcaram de alguma forma. A dança eu nunca tinha entrado quando eu era mais nova, eu não era muito de dançar, eu tinha muita vergonha de me apresentar em público, só que o professor de dança na época chamado V., talvez até algumas pessoas conhecem ele, ele tinha dado essa aula e ele fez com que a gente participasse depois passei para a aula de artesanato que me ensinou a fazer muitas coisas também e também tinha dança. Teve teatro também teatro foi o que eu cursei, tipo uma oficina que eu participei até o final até meus 16 anos que ela me ajudou. E devolver muitas coisas que fez com que eu entrasse no outro programa Jovem Aprendiz porque ela desenvolveu minha comunicação, porque fazia com que a gente apresentasse na frente de muitas pessoas.

Fez despertar essas habilidades em você, né?

Aha, ham.

Legal. O que te faz lembrar dessa? Você falou assim dessas todas aí que você falou o que de mais marcou que mais marcou. Qual a atividade mais marcou, que você achou que era mais interessante, que fez com que despertasse essa habilidade em você?

E o teatro mesmo porque é também chegou tem uma época que a gente tem uma coisa no PCAF tem que é o Projeto, né? Só que agora é o Programa Criança Adolescente Feliz, né? E ele tem uma amostra cultural chegou uma época que o teatro a gente ia apresentar essa amostra cultural, não só apenas para as pessoas que participavam do PCAF, mas também em

nível Corumbá, entendeu? Foi lá diversas pessoas e assim despertou o interesse e quando participei desse evento despertou mais ainda forma de falar isso fez com que eu perdesse toda timidez de uma vez e evoluísse como uma pessoa também.

Você entrou bastante nova, mas aí você relatou agora pouco que você saiu com quase 18 anos disso. E aí ali na sua adolescência, o que que é como que você conciliava assim as suas atividades no programa e as suas responsabilidades enquanto aluna na escola regular?

Na verdade, o projeto em si ele não era não atrapalhava na verdade, nunca atrapalhou antes a gente quando era um projeto ainda não um programa ele fornecia reforço escolar, né? Porém foi evoluindo com o tempo só que o projeto que agora se tornou no programa ele ao invés de não ter mais reforço escolar, mas ele oferece cursos então eu já tinha feito o curso de departamento pessoal, já fiz com que informática básica com 14 anos, eu fiz esses cursos aí quando chegou, já maioria eu fiz de assistente administrativo. Então não é uma não foi algo que me atrapalhou, mas me ajudou muito profissionalmente e eu conciliava quando eu chegava em casa, eu fazia as atividades escolares, porque participar do PCAF, ele acompanhava muito nota dos alunos, porque eles monitoram a nota, se o aluno comesse a tirar muito a nota baixa após entrar no PCAF isso mostrava que o PCAF estava consideravelmente atrapalhando aquele aluno, só que quando eu entrei minha nota não baixou, minha nota permaneceu constante normal, manteve.

Legal, você relatou. Eu gostaria que você falasse um pouco mais tipo durante a sua participação no programa, você participou de que outros programas que você acha que relatou agora pouco o jovem aprendiz somente ele teve mais algum?

Na verdade, a Cidade Dom Bosco ela tem três que e é o programa educação à distância, o PCAF que é o Programa Criança e Adolescente Feliz e o Programa Jovem Aprendiz, o que que acontece? Eles fazem um acompanhamento dessa pessoa, desde criança até a sua maioria que até os 18 anos que essa é a missão da missão Salesiana, né? Que é acompanhar esse educando até chegar a fazer adulta para ele poder conseguir sair de toda desvinculada, na verdade não desvincula, porque sempre vai ter um carinho seja pelos educadores, seja pelo congelador, mas ele vai ter uma oportunidade lá fora, lá no mercado de trabalho. Me ajudou muito em relação a eu escolher uma faculdade que eu queria cursar e estudando. As pessoas daqui, os educadores sempre incentivou a gente continuar estudando a trabalhar, ser uma pessoa independente, entendeu? Então é isso, esses três programas incentivam isso.

Eu não participei do programa de adoção a distância, mas o programa de adoção a distância também tem um acompanhamento com as famílias que estão em vulnerabilidade social, mas

são esses três programas eles acompanham esse educando.

Bacana. A partir da sua memória, daquilo que você vem lembrando aí nesse nosso bate-papo. O que te lembra, assim na época, no espaço físico, das salas ou dos materiais que ocupavam aqui durante os cursos, das atividades recreativas, o que te lembra com relação a isso?

Me lembra quando fala dos equipamentos, de tudo que aconteceu? Bom, porque a verdade é que o PCAF, ele teve dois locais, um que era lá na Dom Aquino e agora na Treze. Lá na Dom Aquino também era semelhante, só que mudava a estrutura assim, por baixo, o que me lembra muito era profissionalismo deles, né? Porque eles na verdade eles sempre se empenham em ter... eles faziam possível para ter equipamento para todos os educandos, para os educandos terem a mesma oportunidade de todas as pessoas ali da sala para entender aquele conteúdo. Eu por exemplo já participei da aula de violão, só que eu percebi que violão, a arte de tocar não era para mim então eu já troquei, eles davam essa oportunidade de você trocar para você escolher algo que te encaixasse. Hoje em dia teve uma mudança, eles colocam você numa oficina e deixa, porém, eles vão rodar você no primeiro semestre você participar em tal coisa no segundo.

Ah, sim. Você vai participar de outro, é isso?

Isso, que eu acho que incentiva que me lembra muito hoje que vocês entraram nessa mudança, aí o aluno, a pessoa, o adolescente ele ver qual que ele tem mais habilidade. É isso, no teatro ele vai desenvolver muito melhor do que comparada a música, que ele já não tem muito talento, mas esse daí também a gente vai conversando com o nosso coordenador geralmente educados, eles podem, se for um educando que se vê que ele é uma pessoa que quer e gosta de outra, por exemplo, aqui tem libras aqui que é né? Tem gente que só gosta de ficar aí, mas ele fica, pede pro coordenador ver que a pessoa tem essa preferência, então ele coloca a pessoa lá por ela gostar, entendeu? Então na verdade ele “roda”, primeiramente para pessoa achar o que ela quer seguir ali. “Nossa eu quero fazer essa oficina ou essa outra”, aí vai.

O que que você lembra do trabalho desenvolvido pelos monitores, pelos professores, pelos instrutores?

O quê que eu lembro?

Sim, que marca olha? O que me lembra muito tal coisa dos monitores, eles eram assim... O que que te marca, o que te traz de lembranças?

Me traz muito carinho deles, né? Teve educadores que marcam, todos os educadores eles marcam de alguma forma o aluno, eu até hoje lembro de muitos educadores que já tive. Tem uns que inclusive estão aí, por exemplo também até a coordenadora antiga coordenadora foi

uma pessoa, assim todas eles marcaram como uma imagem acolhedora, de amor, muitos educadores eles realmente têm amor. Eles seguem o que Padre Ernesto tinha de padrões, na verdade, ele seguia Dom Bosco, né? E o objetivo de Dom Bosco era tornar jovem de cristãos e honesto cidadãos, então tem muitos educadores que mostram isso, por exemplo. Tinha uma antiga coordenadora era D. e todo mundo brincava, né? Que quando a gente era mais novo, eles falam assim que tudo que ela falava, tudo que ela falava “é com amor, com amor” e batia o sininho assim, então isso daí ficava na mente dos educandos, que era tudo com o amor então fica essa imagem acolhedora de todos eles, um carinho enorme que a gente sente.

Legal. Na época que você frequentou e, você tocou nesse assunto agora pouco aí, todos os que participavam do programa, né? Porque você frequentava enquanto aluna é tudo se enquadravam na categoria de jovem ou adolescente em situação de vulnerabilidade, você se recorda?

Sim, realmente a maioria sim. Inclusive antes, antigamente o PCAF os pais tinham uma visão de que muitas pessoas que participavam no PCAF eram pessoas marginais por conta dessa vulnerabilidade social, mas nem todos eram porque na verdade o programa né? O PCAF ele tem essa de, na verdade, trazer essa educação para aquele educando, era basicamente assim. Porque eu já tinha ouvido isso antes de entrar no PCAF quando era mais nova. Ah, mas nossa só fica marginal lá então, mas não, era porque as pessoas realmente já são pré julgadas, é um pré conceito que fala. Foi um preconceito automático por ter pessoas em vulnerabilidade social.

Ah, sim. Na época que você frequentou a situação econômica da sua família, no período que você frequentou, como é que era em um “geralção”?

Antigamente era bem baixa. Na verdade, sempre foi. Só meu pai que trabalhou, então o meu pai ele não recebia um salário porque, na verdade, era cinco pessoas e apenas o meu pai cuidava de toda casa as despesas que tinha que era energia, comida, tudo. Então antigamente assim era um pouco pior se comparadas agora. Pois, agora devido às políticas públicas melhorou, o salário aumentou, então melhorou muito. Sem falar que chegou uma fase que aqui o pessoal da Cidade Dom Bosco me ajudou muito porque eu tive a oportunidade de ter um primeiro emprego então isso ajudou toda a minha família, então muita coisa aqui ajudou.

Bacana, é qual que foi a importância do Programa Criança e Adolescente Feliz na sua trajetória de vida, tanto o pessoal com um profissional, então que que você pode falar para a gente sobre isso?

Isso daí vem tudo junto, tanto que eu até faço parte agora, sou colaboradora da missão salesiana Dom Bosco, né? É teve muita importância, porque foi uma coisa que me ajudou

muito. Eu falo que antes de eu ter entrado era uma pessoa muito tímida, era uma criança muito retraída. Quando eu entrei eu conheci tanta gente, eu conheci tantos amigos novos, foi tanto educador que sabia realmente ensinar e você fica muito acolhido e se sente à vontade de conseguir evoluir de ter mais amizades, entendeu? Porque a gente vive uma sociedade tem pessoas, né? Todas as pessoas ele tem que aprender a conviver no meio social e o PCAF me ajudou muito nisso, ele ajudou em muita coisa e me ajudou a evoluir profissionalmente porque meus pensamentos mudaram por conta de curso de que eles forneciam e na verdade o que toca muito o educando, ao educador e se eu tive uma educadora, um jovem aprendiz foi ela me marcou. O nome dela é V. e até hoje eu não esqueço da V., até uma amizade com essa professora porque ela me ajudava muito, ela não é só a parte de ensinar aquele curso tratar que ela tal matéria, eles bom você tá eles têm essa esse carinho essa aí, eles tentam criar uma afinidade com aquele educando. Então é isso que mais marcam a as pessoas que participam.

Bacana. Agora já tá terminando, tá? Me fale como que o programa influenciou na sua formação enquanto cidadã, né? Enquanto você se entender como uma pessoa, uma cidadã que é portadora de direitos, mas também de deveres.

Me ajudou muito através de como eu disse eu tô falando bastante é dos cursos, né? Porque eles tentam abrir essa visão de toda adolescente para ver que a gente possui direito realmente que a gente tem, como também a gente tem direito em termos deveres. Então eles abrem a mente daquele educando e sempre incentiva isso contando que eles incentivaram chegar numa fase. Então essa forma que acompanhar de querer fazer com que o educando sempre estude por mais que eles não ofereçam o reforço eles incentivam muito a continuar estudando contando que eu até chegar depois do PCAF, eles exigem eles sempre olham o boletim então para você ver que eles sempre querem que aquele educando tem um conhecimento, eles querem que aquele educando tenha notas boas porque sabe que o PCAF está ajudando nisso. A gente vê que o aluno ele tá progredindo. Se eles veem que o aluno ele está decaindo as notas ali eles já vão lá já perguntam o quê que tá acontecendo? Porque muitas às vezes o problema familiar não é nem aqui a pessoa não tá conseguindo conciliar, às vezes, é muito da estrutura familiar dele, mas é isso, eles têm esse acompanhamento, eles importam muito se o aluno tá indo bem na escola, porque e logo em seguida sua onda entrou numa faculdade até a Cidade Dom Bosco como Escola Estadual Dom Bosco ele também tem agora, eles estão abordando uma nova forma de quando o aluno ele se forma e se ele entra na faculdade eles já tiram uma foto, já posta, então isso daí é uma forma de incentivar a qualquer aluno querer crescer seja como pessoa, seja como profissional, a crescer na ética dele, então isso daí me ajudou muito nisso. Foi bem a forma dele ensinarem.

Bacana. Pra gente finalizar como é que foi ou está sendo a sua inserção no mercado de trabalho e para a gente você falou agora pouco? Pelo jeito você está fazendo que já tá cursa. Curso superior, né?

Sim, administração.

Você tá fazendo que semestre?

Então já estou no terceiro semestre.

Parabéns! E a sua inserção no mercado de trabalho. Como é que foi o que está sendo esse seu primeiro emprego porque tiramos já foi aprendizado, mas comum, né? Esse é o meu primeiro emprego, inclusive foi empregada aqui porque tá sendo muito incrível, né? A experiência na verdade foi a foi minha empresa formadora foi aqui, missão Salesiana, né? E eu logo ser contratado, isso é nova colaboradora é muito gratificante para mim como pessoa, mas também até chegou o educador tem um educador aqui que foi de informática que aqui no meu próprio setor, eles falam eles comentaram. Ah, mas ela fez uma coisa tão boa que era na informática. Aí o professor falou assim, mas eu apenas ensinei esse desempenho foi dela, entendeu? Então ele sempre ensinou, eles dão esse incentivo pra gente. Mostra que tudo que a gente faz é o nosso mérito, também eles nos ajudam eles nos acompanham, mas os méritos tudo que a gente faz as atividades todas com o zelo é eles dão um mérito para gente porque eles querem incentivar isso no amor. Eles querem ver pessoas cidadãos bem cidadãos profissionais, né? Eles querem ver pessoas honestas também que é muito que o Dom Bosco prega, né? Isso que é o que eu sempre levei hoje em dia eu faço isso como educadora contando que eu, às vezes, interajo com as crianças. Eu participo desse programa da sorte que é um programa tão lindo que ajuda muitas pessoas em vulnerabilidade social, você vê muitos casos e ver que as pessoas têm muitas pessoas que possam por diversas dificuldades, a gente sempre busca ajudar essas pessoas como todo amor, tratando elas com muito carinho. Então agora como colaboradora eu vejo a visão, e uma outra visão como educadora, isso é muito gratificante mesmo.

E08 é isso, eu falei aqui com a E08 que foi aluna aqui do Programa Crianças Adolescentes Felizes e hoje está contratada como colaboradora trabalhando aqui no programa, né? É muito obrigado pela sua participação. Tá certo? E uma boa tarde, bom serviço para você.